
REVISTA
DA SEMANA
Ferve
o mundo
árabe
O dia
do soldado

ALBUM

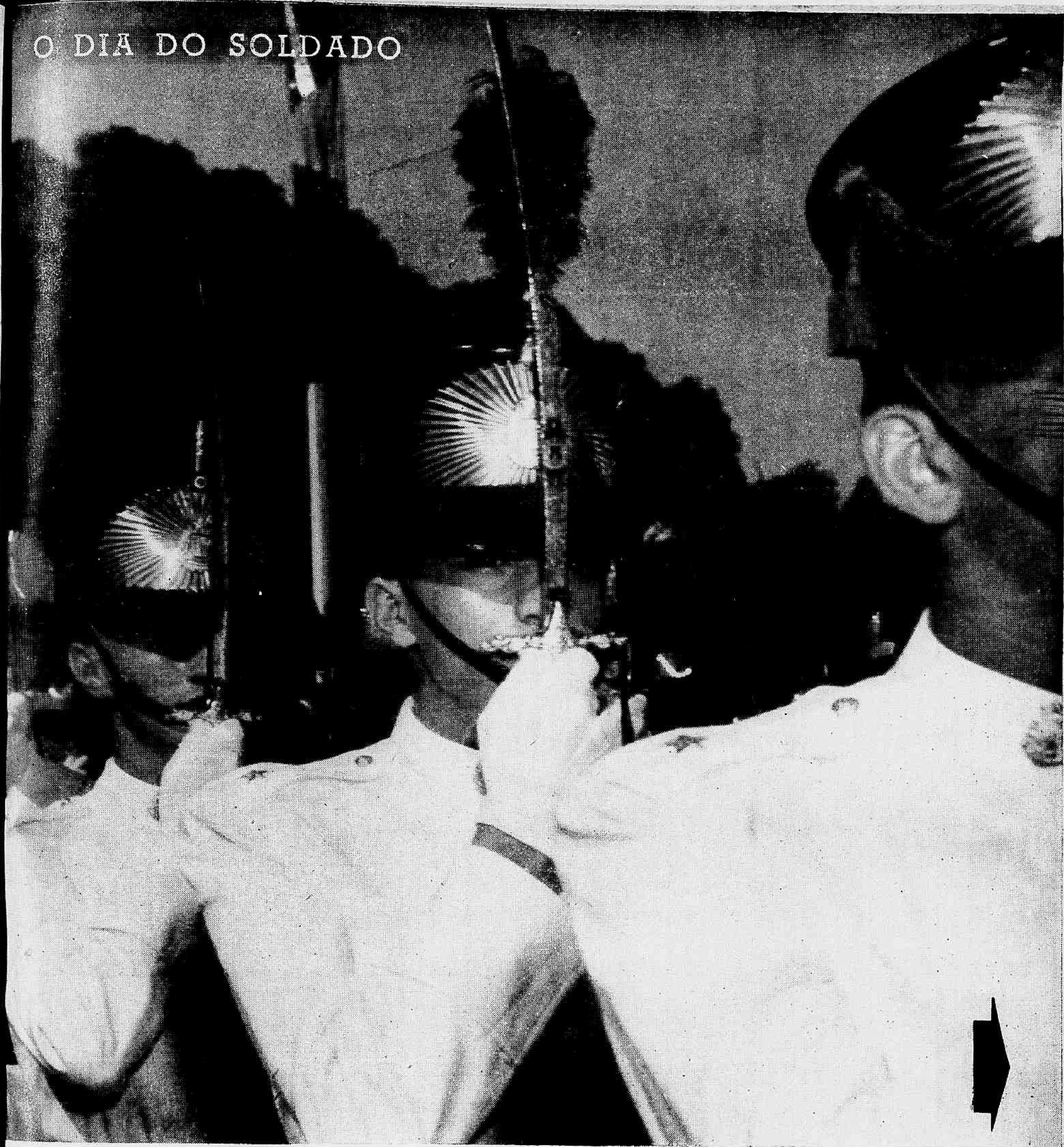
de

a Cena muda

N. KISLANSKI

Aguardem a grande edição do Álbum de "A CENA", edição de 1952. E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. E muitas páginas coloridas, embelezam estraordinàriamente esta edição do "Álbum. Páginas de texto com história, notas e informações preciosas.

Estará à venda no fim de setembro em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior. — Cia. Editôra Americana. — Rua Maranguape, 15. Rio.



GLÓRIA AO EXÉRCITO

AS comemorações do "Dia do Soldado", de âmbito nacional, tiveram no Rio de Janeiro um brilhantismo marcante. Nossas formações militares tomando parte na parada do dia 25 de agôsto último, portaram-se com o maior brilho marcial, desfilando diante do coreto em que estava o Sr. Presidente da República, autoridades civis e militares e convidados de honra ora presentes nesta capital.

Durante as solenidades foram condecoradas várias bandeiras de corpos de tropas, assim como oficiais de nossas fôrças armadas, entregando-se os espadins aos novos cadetes da Academia militar das Agulhas Negras.

A data servia ainda para que altas patentes de nosso Exército falassem aos seus subordinados, mostrando-lhes o caminho do dever para com a pátria, sejam quais forem as dificuldades que se nos antolhem no caminho do dever. O soldado é, acima de tudo, um cidadão que tem deveres cívicos e obrigações de caráter militar, sigilosas e de grandes sacrifícios. Não é apenas uma personagem que oferece sua vida em bem de sua terra diante do inimigo; é o cidadão que se obriga a manter a ordem interna, que estuda, se instrui e luta tenazmente pelo progresso moral de uma nação.

Êste ano foram várias as pessoas de alta categoria política e social que vieram do estrangeiro e puderam assistir às comemorações. Adidos militares, ex-Ministros, vieram honrar-nos com sua presença e discursaram pela voz de sua amizade para com o Brasil.

"O Dia do Soldado" é uma reverência ao maior de todos os nossos militares: o Duque de Caxias.

GLÓRIA AO EXÉRCITO

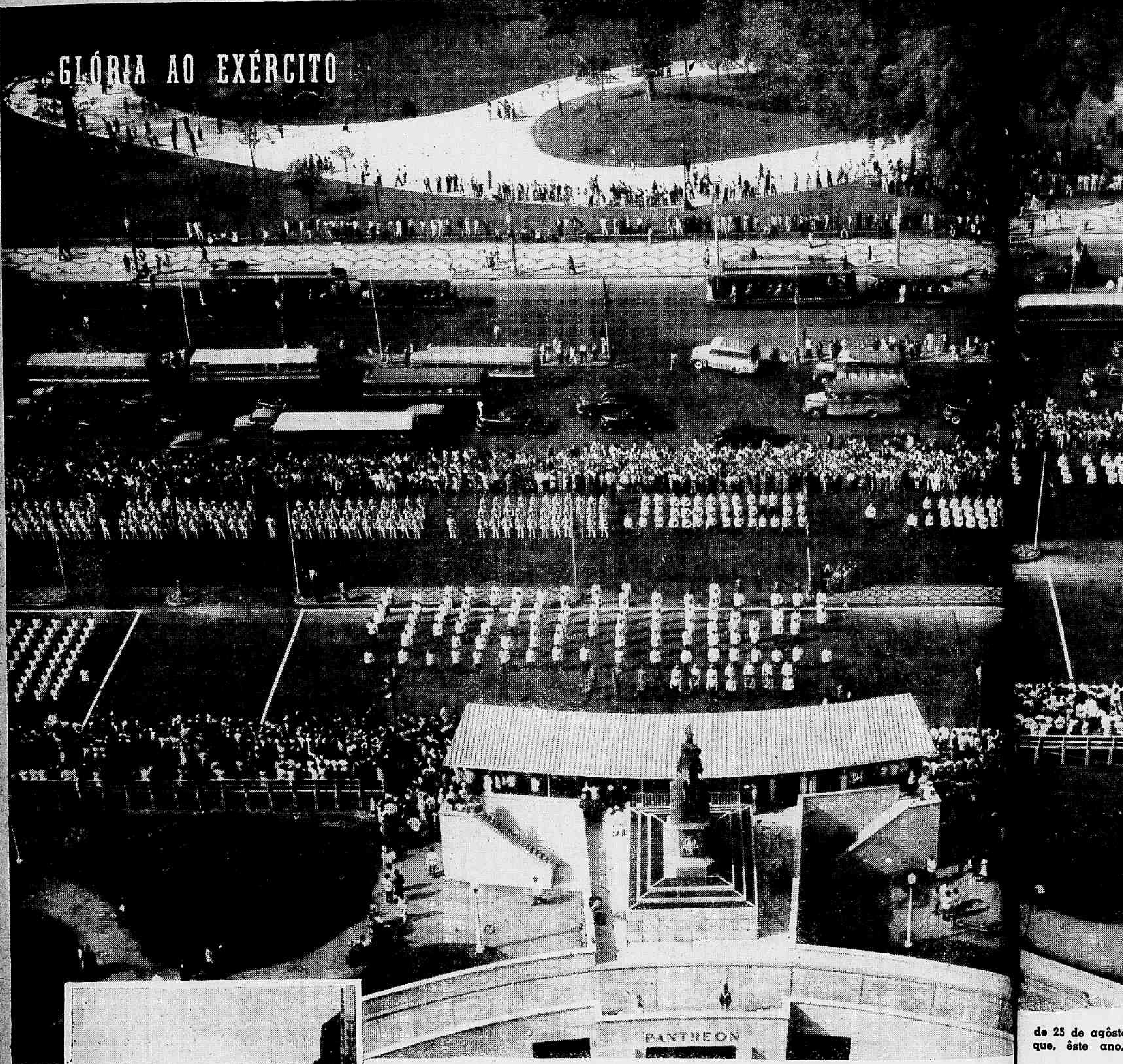


Foto panorâmica obtida de uma das janelas do Palácio da Guerra, sôbre a formação militar da parada do Soldado". Na outra foto, o adido militar francês pronunciando um discurso alusivo ao acontecimento.



O desfile e a formação das tropas se dá em frente ao seu Pantheon, situado na praça que hoje tem o seu nome, diante do Ministério da Guerra. Caxias é o patrono do nosso Exército, e sua figura imortal é sempre lembrada como a de um homem que foi grande e digno de todos os nossos elogios, tanto nos campos de batalha dentro e fora do país, como na paz e pacificação dos espíritos desavindos pela obra nefasta da política.

Ser um soldado do Brasil é ser êmulo de Caxias. Seguindo-se o seu exemplo, teremos em cada militar um guardião da paz e da guerra, um brasileiro consciente de seus deveres, um homem capaz de salvar o país sempre que estivermos à beira de convulsões ou ameaçados por inimigos externos.

O nosso povo, que já se habituou a ver em nossos soldados patriotas abnegados, não lhes poupou aplausos veementes quando as tropas desfilavam garbosas, sentinelas de nossa soberania de povo livre. Embora dia comum, multidões se postaram à margem do itinerário da parada, não poupando suas palmas aos nossos soldados de tôdas as armas quando desfilaram marchando com tôda a perfeição militar.

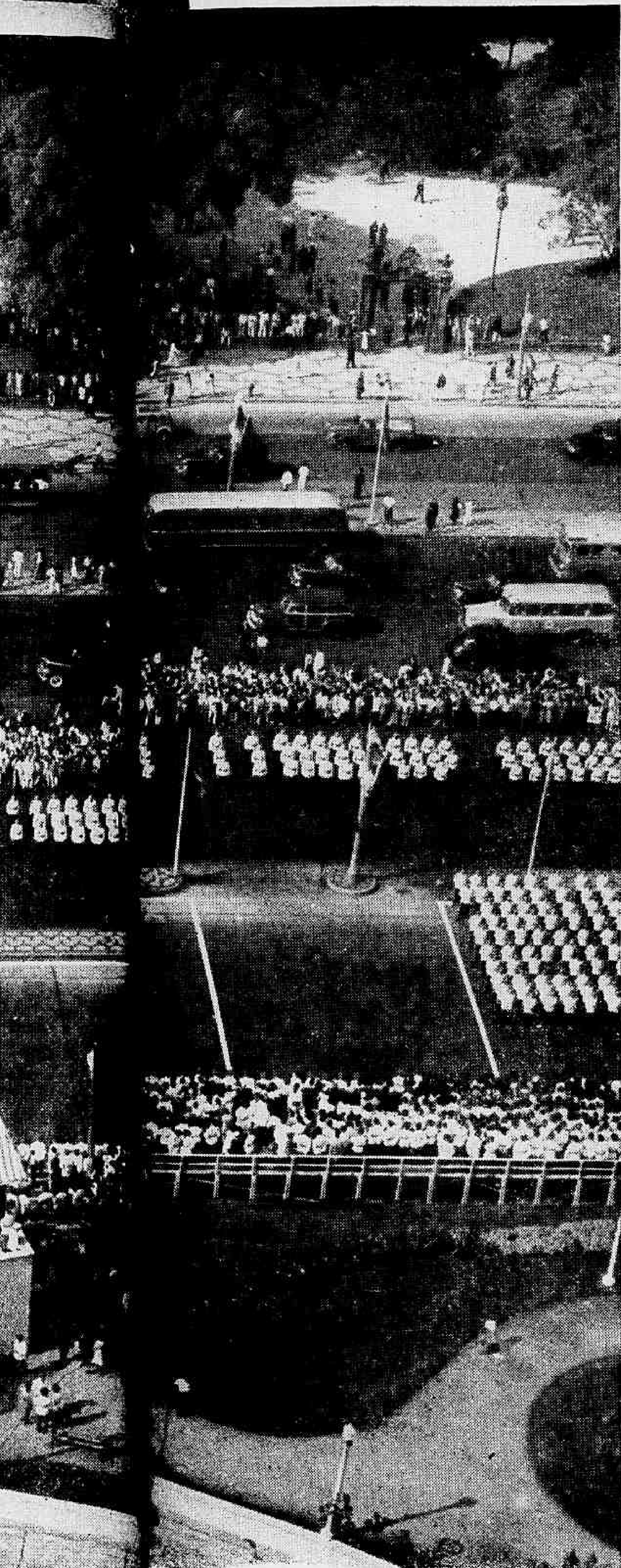
Diante do que vimos e do a que assistimos, podemos estar tranqüilos em face de nosso futuro, pois a disciplina e o respeito à ordem que caracterizam nossos soldados, são uma garantia permanente da tranqüilidade que deve reinar em nossa terra.

O soldado brasileiro nunca desmentiu suas tradições de bravura e coragem, jamais recuando da linha do dever. Embora nação pacífica e amante da paz, o Brasil não descura de sua defesa, e vai

de 25 de agôsto
que, êste ano,

preparando su
guerra, a fim
rados para os i

As solenidad
correram na m
brilho ainda n
anos anteriores
dantes de tropa
em desfile. "O
do Povo", pora
do país, se irm
e lhes presta
gens. Reverenc
dever de todos
plinado e em
"O Dia do Sold
sileiras e, de e
as manifestaçõe



de 25 de agôsto último, nas comemorações do "Dia que, êste ano, alcançou o maior brilhantismo.

ar da parada
acontecimento.

s, não lhes
s tropas des-
sa soberania
multidões se
parada, não
soldados de
archando com

ssistimos, po-
nosso futuro,
dem que ca-
garantia per-
e reinar em

ntiu suas tra-
recuando da
ica e amante
defesa, e vai

preparando sua brilhante mocidade na arte da guerra, a fim de que estejamos sempre preparados para os incertos dias de amanhã.

As solenidades cívico-militares do dia 25 decorreram na maior harmonia e se revestiram de brilho ainda não registrado em dias iguais nos anos anteriores. Estão de parabéns os comandantes de tropas, pelo garbo das fôrças armadas em desfile. "O Dia do Soldado" também é o "Dia do Povo", porque êste, em todos os quadrantes do país, se irmana com as nossas fôrças armadas e lhes presta as mais justas e cordiais homenagens. Reverenciar Caxias e o nosso Exército, é dever de todos nós. Possuindo um Exército disciplinado e em ordem, é poder confiar no futuro. "O Dia do Soldado" empolgou as populações brasileiras e, de extremo a extremo, foram unânimes as manifestações em favor dêsse dia da pátria.



O Sr. Presidente ao condecorar com o grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito o Ministro da Guerra.



O Gen. Mascarenhas de Morais colocando ao peito de um dos oficiais do Exército, uma condecoração.

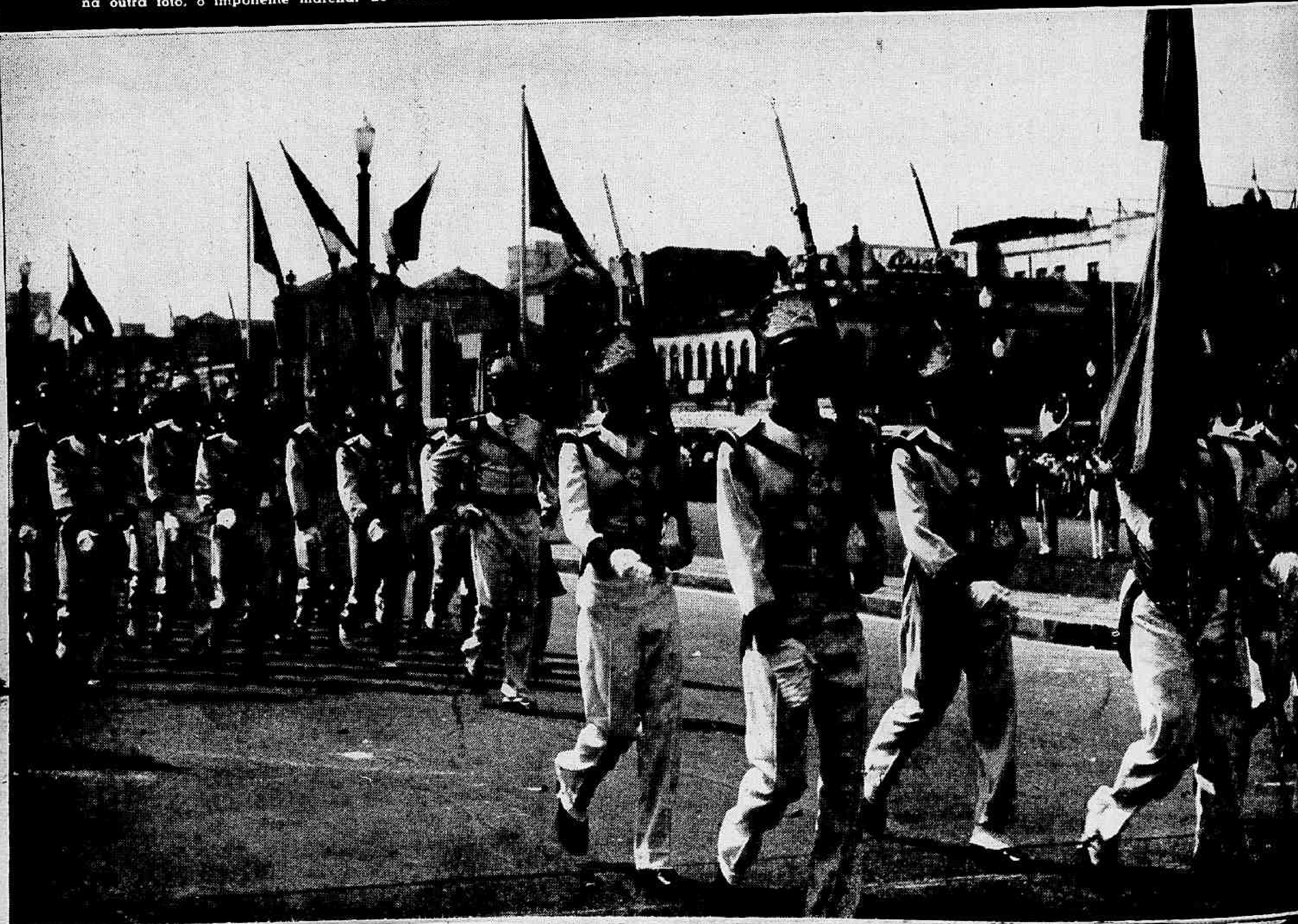


O Sr. Presidente da Republica no palanque erguido a frente ao monumento a Caxias assiste ao desfilar das tropas, entre o Sr. Ministro da Guerra e o Sr. Paul Reynaud

O DIA DO SOLDADO



A brilhante mocidade, vinda da Academia Militar das Agulhas Negras, desfila pela Av. Presidente Vargas, com o seu garbo marcial impecável, vendo-se, na outra foto, o imponente marchar do Batalhão de Guardas, um dos mais garbosos de nossas fôrças armadas, tendo provocado aplausos da multidão



REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 36 ★ 6-9-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Glória ao Exército 3/ 6
A mão vermelha (Nathanael Guimarães) 12/15
No candomblé de Goméa (Demósthenes Varela) 27/31
Acredite quem quiser (Simion Orang) . 39/41
O grande dia de um anão 54/55
Mundaú — a enterrada viva 56/57

LITERATURA

O príncipe e a cozinheira (Martins D'Alvarez) 7
Sorria... sorria... sempre (Geo William) 8
Semana Literária (Edmundo Lys) 16/17
Piano a quatro mãos (Delore Gurgel) .. 23
Patrimônio (Moysés Duek) 26

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (Agamenon Magalhães) 9
Lido... visto... ouvido... (Jim) 20/21
A Revista há 50 anos 34
Puxe pelo cérebro 42
Passatempo (Renato Cartaxo) 43

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) 24/25

FOLHETINS

Filho, meu filho 32/33
As aventuras do Capitão Rob 44/45

FEMININAS

Uma página para a juventude 35
Modas 36/37
Para ir passear 38
Pedra angular da legislação trabalhista (Isolette) 42
Rotina de beleza 43
Week-end na cozinha 46
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) .. 52
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) .. 53

MÚSICA

O navio fantasma (José Siqueira) 10/11

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) 22

CAPA:
Suzan Cabot (Foto Universal-Int.)

O PRÍNCIPE E A COZINHEIRA

O sangue azul já teve majestade e império sôbre a terra. Era a tradição viva da soberania e do domínio. Privilégio de pouca gente, animava a flor da nobreza e simbolizava a quintessência da fidalguia nos quatro cantos do mundo. Possui-lo não era possuir apenas um destacado lugar ao sol, mas um pedaço de paraíso terrestre com muita sombra e água fresca. Mesmo bastardo, o sangue azul mantinha sôbre o sangue vermelho, burguês ou plebeu, a mesma importância social que mantém a pedra semipreciosa sôbre o cristal de rocha ordinário. Ainda que degradado pelas taras atávicas, êle era mais considerado que o sangue raro dos heróis, dos gênios e dos santos, embora êste lateje gloriosamente nas artérias dos séculos.



Margret Lucas e o Príncipe Georg

●

Mas, isso já vai muito longe. O declínio do sangue azul começou quando a Renascença alvoreceu sôbre os povos, soterrando nas sombras da Idade-Média os grandes latifúndios da ignorância humana. Daí para cá começou a ruir o prestígio dos testas-coroadas do mundo. Tudo o que a fôrça bruta acumulou, o livro começou a destruir. Arrasou as cidadelas, os guerreiros enlatados, a precária máquina de guerra e os legionários de ofício que garantiam a ambição sem fronteiras dos baronatos. A Revolução Francesa quebrou a mística do poder hereditário. Um homem do povo, Bonaparte, teve o seu sangue plebeu disputado pela nobreza da época. E os direitos humanos, crescendo na esfera social, entraram a asfixiar os privilégios divinos dos potentados.

●

Hoje em dia, que vemos no alto mundo da fidalguia reinol? Autênticas histórias da Carochinha transformadas em páginas da vida real. A mais sensacional foi aquela de Eduardo VIII, senhor de um dos mais poderosos impérios do planêta, renunciar ao trono pelo amor de uma pequena burguesa divorciada. Depois, vêm os sucessivos episódios tragi-cômicos das princesas camponesas, dos príncipes comerciantes, dos barões empresários de coristas, das condêssas arrumadeiras. E por último chegou-nos a notícia de que um príncipe alemão, filho dessa orgulhosa nação que sempre andou preocupada com a sua linhagem, o seu sangue e os seus brazões, uniu-se pelo matrimônio a uma cozinheira de profissão, humilde filha de um simples magarefe. Essa etapa extrema da dissolução do sangue azul vem de passar-se na cidade de Muelheim, no Ruhr. O príncipe é o duque da Saxônia, Georg Timo Michaed Nikolaus Maria von Sachsen. E a cozinheira é a senhorita Margret Lucas, de 20 anos de idade e curso completo de fogão.

●

Êste episódio romântico, tão ao gôsto das novelas açucaradas de Delly e Hardel, pode ainda parecer incrível a muita gente que não vem apreciando a deliqüescência da nobreza em nosso tempo. O caso, porém, à luz do que vem acontecendo, pode ser considerado banal. O príncipe Georg, duque de Saxe, embora neto do rei Friedrich August III, desde o ano de 1945 que ingressou voluntàriamente na vida proletária. Apesar de sua origem grã-fina, preferiu aderir ao batente, e não traficar com a importância de seus títulos no seio fátuo da burguesia, como geralmente fazem os de sua estirpe. Jovem, honesto, evoluído e prático, mandou às favas o brazão e, sucessivamente, se fêz pedreiro, motorista e intérprete. A dureza do trabalho enrijou o seu caráter e forjou a sua personalidade de homem simples. Não é de admirar, portanto, que êle viajando, sem complexo, num vagão de terceira classe do Expresso Francfort-Essen, se enamorasse, como qualquer mortal, da bonita moça com quem após um mês se casou. O que seria estranho era um operário recusar uma linda cozinheira sòmente pela infelicidade de ter nascido príncipe.

MARTINS D'ALVAREZ

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 60 — Telefone: 34-1560

Redator-Chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor **GRATULIANO BRITO** — Assistente **RENATO DE ALENCAR**

TELEFONES:
Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

PEQUENO CONTO

SORRIA... SORRIA SEMPRE!

Por GEO WILLIAM



O homem entrou, aboletou-se num banquinho alto e pediu: Uma cerveja!

O "bar-man" serviu-o. O homem soprou para longe a espuma e bebeu de um trago.

— Está com sêde, hein?

— Não é de sua conta, seu cara de macaco. Encha novamente o copo.

— Não precisa insultar para engolir a bebida moço! — redarguiu o "bar-man". — Aqui ninguém morre de caretas...

— Mas morre por causa da bebida, não é verdade?

Estrondou numa gargalhada farfalhante, exibindo seus dentes brancos, como os de um lôbo.

— Vai para cinco anos que não tomo um copo, ouviu seu cara de...

— ... de?

— Bem... cara de anjo, está satisfeito?

— Vá lamber sabão. Mas então fêz promessa para não beber durante êsse tempo todo?

— Quem fêz promessa foi o promotor que me deu cinco anos de Sing-Sing...

— Ah... então...

— E' isso mesmo: então! Venha mais um copo que preciso desenferrujar o cérebro. Nada d? bebidas fortes, porque quando tomo "gin" ou uisque, minha pontaria fica fraca.



Pagou e saiu. Sentia-se bem agora e disposto a tirar a desforra do torpe Mac Gride que o apontara como tendo sido o autor do assalto. A prisão não era lá grande coisa que se diga. Mas o diabo eram os anos que deviam descontar, dia por dia, hora por hora, numa lentidão exasperadora. Não desejava mais regressar para atrás daqueles paredões altos e cinzentos. Agora "faria a festa" e sumiria na penumbra, como simples sombra. Quem iria suspeitar?

Buscou o desafeto em vários sítios, bares, bilhares que sabia freqüentar. Finalmente encontrou-o e não titubeou em meter-lhe meia-dúzia de azeitonas de aço no estômago.

Sumiu, escondeu-se, fumou quatro maços de cigarros, de tão nervoso e entregou-se sem resistir, aos "tiras" que o foram desencovar. Gargalhou estrondosamente e ante o espanto dos policiais, disse:

— Rir é a coisa melhor da vida, meninos. Lembrem-se do lema: sorria, sorria sempre. Assim as coisas deslizam melhor...



Meteram-no na Casa da Morte e duas semanas depois iniciou a trágica caminhada que se conhece com o nome da "última milha". Sentaram-no na cadeira, onde seria frito logo mais. Antes de lhe meterem o capuz no rosto, gargalhou novamente. Uma gargalhada nervosa, mas que ribombou no ambiente, com laivos de horror.

Ao padre que se lhe curvou, para incitá-lo a pensar em Deus, respondeu:

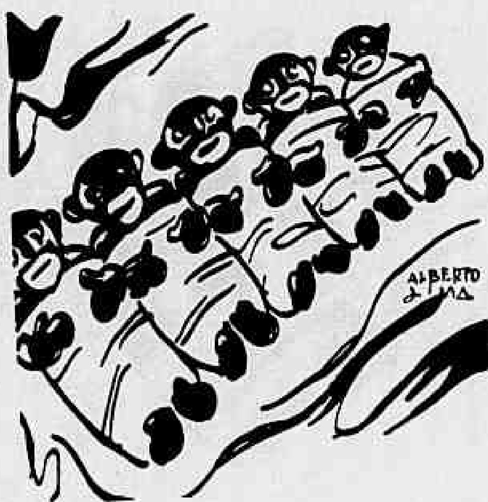
— Sorria, sorria sempre meu reverendo. A vida rindo é melhor.

Tornou a gargalhar e sua risada foi interrompida pelo terrível soluço que lhe rompeu da garganta, quando os dois mil volts lhe torraram o cérebro. — (IPA)

A Semana

As quíntuplas de S. Paulo

DEPOIS das famosas Diones do Canadá, atração turística de grandes resultados financeiros até hoje, coube à cidade de S. Paulo um parto de cinco meninas. Filhas de um casal de pretos, gente modesta, as cinco Marias vieram ao mundo e já começaram a morrer. Os telegramas da terra bandeirante já nos dizem que morreram duas, enquanto outras notícias reduzem a infausta novidade a uma só. Morrera uma das crianças, justamente a mais franzina, ao nascer, com um quilo e trezentas gramas. Diante dessa ameaça às demais recém-nascidas, a Maternidade de S. Paulo está desenvolvendo grandes esforços por intermédio de seus médicos, a fim de evitar que as restantes sigam o mesmo caminho da primeira. O país inteiro está interessado na sobrevivência das filhas do modesto casal de operários paulistas, e a Câmara de Vereadores da capital do Estado, por intermédio do seu legislador Homero Silva, vai conceder um crédito de cinqüenta mil cruzeiros destinado a auxiliar as crianças quíntuplas. Com efeito, será uma desolação se as quatro Marias restantes morrerem. Não se trata de exibição de fim turístico, apenas, mas sim pela dor cinco vêzes dolorosa no coração do pobre casal, que não imaginou que seu lar humilde viesse a ser enriquecido tão de chôfre. A muitos pode até parecer que seria um alívio para os pais a diminuição de tantas bôcas; mas isso pensa quem não conhece a fôrça de um coração materno. Especialmente entre negros e pobres.



Ameaçado o cinema nacional

CONFORME noticiou a imprensa, estão os produtores de filmes nacionais ameaçados de paralisação de seus trabalhos, em vista de estar faltando na praça a matéria-prima para a nossa indústria de filmagem, que é o filme virgem. Os importadores vêm conseguindo cambiais e cotas elevadas de importação. Entretanto, ao receberem a mercadoria que lhes é destinada, entregam-na aos intermediários, encarecendo o produto, o que impossibilita uma distribuição mais equitativa entre os cineastas brasileiros. Faz-se necessário, conforme entendem os profissionais das câmaras, o contrôle da película virgem por parte das autoridades, a fim de que não se extinga a indústria cinematográfica nacional e tenha fim o mercado-negro, que, nesse terreno, cada vez mais se amplia. Esta a nota publicada em nossos jornais, como que um brado de alarma aos ouvidos das autoridades. Não há dúvida de que o nosso cinema, especialmente o de longa metragem e de enrêdo, está melhorando mês a mês. Entretanto são tão grandes os seus tropeços, as suas dificuldades, os percalços que lhe vêm retardando a marcha para a vitória, que a gente fica pensando na têmpera de aço dos nossos cineastas. E não bastavam os embaraços comuns ao comércio que tem intermediários, e eis que surge essa muralha de obstáculos: a criminosa sonegação de filme virgem negativo, indiscutivelmente a maior de tôdas as dificuldades. Para o assunto chamamos a atenção do Govêrno.



Em Revista

Morreu e ressuscitou

CONTAM de Pôrto Alegre que o Deputado Adalmiro Moura, após sentido necrológio, pediu e obteve da Assembléia Legislativa um voto de pesar pela morte do Inspetor Mauro Mota, residente em Bento Gonçalves. Mas ontem, com surprêsa geral, a Assembléia recebeu um telegrama assinado pelo "morto", nestes têrmos: "Vou muito bem. Estou vivo. Obrigado pela homenagem póstuma". Mais tarde se verificou que houvera truncamento no despacho telegráfico vindo de Bento Gonçalves, no qual se noticiava a morte do Inspetor Mauro. Quem morreu foi o vereador Tomoteo José Domingues. Teve, então, o Deputado Adalmiro Moura que fazer novo discurso, "ressuscitando" o falecido, anunlando-se o necrológio. Êste episódio faz lembrar muitos já registrados por êsse imenso Brasil. E muitas vêzes os casos são de caráter internacional. Contam os cronistas dos tempos de Prudente de Morais que, no dia em que foi assassinado o Ministro da Guerra pelo anspeçada Marcelino Bispo, um correspondente de certa agência estrangeira expediu para um seu jornal no Cairo o seguinte despacho com a nervosa nota de urgente: "Hoje foi assassinado o Ministro da Guerra Bittencourt por um bispo chamado Marcelino". Como era de prever, nossos representantes diplomáticos lá pelo oriente ficaram desorientados diante dêsse telegrama que alcançou rápida repercussão. Mas tudo se explicou. O Marcelino não era bispo, embora assim se assinasse...



Cartas aos noivos

AS más notícias têm sempre a maior divulgação. Mas é preciso também divulgar as boas, as notícias que honram nossa civilização e nos recomendam perante o conceito do mundo. Está neste caso a harmonia de vistas entre o Diretor do Serviço de Exames Pré-Nupciais da Prefeitura do Distrito Federal, e o Diretor Geral dos Correios e Telégrafos, que atendeu a um pedido daquele, no sentido de ser concedida franquia postal às "Cartas aos Noivos", expedidas pelo Serviço de Exames Pré-Nupciais. O assunto é de imediato interêsse público, e devia tornar-se obrigatório em todo o território nacional. Como sabemos, está a Prefeitura da Capital Federal oferecendo, gratuitamente, a quantos se aprestam para casar-se, um exame antenupcial, como garantia da harmonia do lar e da saúde dos filhos e dos próprios cônjuges. Mas, para maior eficiência, além da propaganda feita pelos jornais, o Dr. Sales Neto imaginou uma fórmula de efeito imediato, direto e pessoal: uma Carta aos Noivos. Acontecia, porém, que o número dos que se vão casar, ou dos que estão com os seus proclamas publicados na Imprensa Oficial, era muito grande, não havendo verba para atender a essa despesa postal. Então o Diretor do Serviço Pré-nupcial obteve do coronel Adacto Melo a franquia postal para ditas cartas. O Serviço já atendeu a mais de mil e duzentos noivos, e o número vai crescer muito agora, com a providencial remessa das **Cartas aos Noivos**. Parabéns, especialmente a êstes.



A PERSONAGEM DA SEMANA


Agamenon Magalhães

FALECEU, pela madrugada do dia 24 de agôsto, o Sr. Agamenon Sérgio de Godói Magalhães, governador de Pernambuco. A notícia colheu de surprêsa todo o país, porquanto não constava estar o chefe do Executivo pernambucano em mau estado de saúde. Vitimou-o um enfarte do miocárdio, numa crise violenta, às duas da madrugada, tendo sido inúteis todos os recursos médicos para deter o desenlace fatal. O Dr. Agamenon Magalhães ia completar cinqüenta e sete anos a 5 de novembro. Nasceu em Serra Talhada, Pernambuco, filho do Dr. Sérgio Nunes de Magalhães e Dona Antônia de Godói Magalhães. Bacharelou-se em Ciências e Letras em 1911 e em Direito em 1916, na Faculdade do Recife. Um ano depois exerceu o cargo de promotor público na Comarca de S. Lourenço, naquele Estado. Em 1918 foi eleito deputado estadual à Câmara Legislativa de Pernambuco. Era catedrático de Geografia do Ginásio Pernambucano, do qual também foi Secretário. Em 1934 saiu vitorioso no concurso para a cadeira de Teoria do Estado, na Faculdade de Direito do Recife, com a tese "O Estado Moderno". Deputado Federal em 1924 e Deputado à Assembléia Constituinte de 1933, quando apresentou o primeiro projeto criando os Institutos de Aposentadoria e Pensões para os trabalhadores intelectuais e manuais. Em 1934 foi escolhido para Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, onde se manteve até 1937, tendo exercido, interinamente, a pasta da Justiça. Decretada a Constituição de 1937, foi ocupar a interventoria de Pernambuco, até 1945. Sua atuação nesse cargo se caracterizou por uma série inumerável de benefícios de natureza popular, especialmente o que fêz para limpar o Recife da praga dos mocambos. Ministro da Justiça ao deixar a interventoria de Pernambuco, voltou ao Parlamento na Constituição de 1945, pelo P.S.D. de seu Estado, e, finalmente, eleito governador nas últimas eleições, lugar que ocupava quando foi surpreendido pela morte. Perde o nosso país um dos seus maiores homens públicos, com vasta bagagem de serviços à nação. À frente do Govêrno de Pernambuco, tanto da primeira, como da segunda vez, cumpriu suas promessas ao povo, fazendo uma administração probidosa e eficiente, encarando todos os problemas com dedicação e sacrifícios, contrariando interêsses, mas na linha reta do seu dever de administrador .

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a intelligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutivel factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança intelligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, victima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais paises onde penetrou.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante.







Uma das mais empolgantes cenas de "Navio Fantasma" passa-se no primeiro ato da peça, representada pelos atores Otakar Krans e Arnold Van Mill. Na outra fotografia vemos — já então no segundo ato — a atriz Marianne Schech, que interpretou o papel de "Senta", que se apaixonou pelo holandês.

O NAVIO FANTASMA

LIBRETO E MÚSICA DE RICHARD WAGNER ★ PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL ★ APÓS 109 ANOS DE SUA ESTRÉIA NA ALEMANHA ★ O QUADRO ALEMÃO DE WIESBADEN

Texto de JOSÉ SIQUEIRA

O Teatro Municipal abriu suas portas, na noite do dia 8 de Agôsto p.p., para a estréia da **Temporada Lírica Internacional,** desta vez organizada e dirigida pela **Comissão Artística e Cultural** do próprio teatro. Foi escolhida a ópera **"O Navio Fantasma",** de Richard Wagner, cuja execução coube aos artistas do **Teatro do Estado,** de Wiesbaden, na Alemanha, contratados pela Municipalidade para constituírem o quadro alemão da presente temporada.

"O Navio Fantasma", ópera romântica em 3 atos, chama-se no original alemão — Die Fliegende Hollander, ou seja, O Holandês Volante.

E' uma obra da juventude do músico-poeta. As influências de Rossini e Weber estão presentes, embora se sinta, em certos momentos, o Wagner do **Drama Lírico Sinfônico,** que viria a seguir. A ópera foi estreada em Dresdem em 2 de Janeiro de 1843 e agora no Brasil, 109 anos depois.

A idéia de escrever esta ópera surgiu em Richard Wagner por acaso. Em 1837 êle ocupava o pôsto de Diretor-Musical do Teatro de Riga e escrevia por essa ocasião a ópera "Rienzi", chegando mesmo a terminar, ali, os dois primeiros atos. Deixando aquela cidade com destino a Londres, Wagner, em companhia da espôsa e de seu inseparável cão **Robber,** foi surpreendido, no transcurso da viagem, por uma terrível tempestade que se prolongou por três semanas e obrigou o navio em que viajava, a procurar refúgio nas costas da Noruega. Nessa ocasião recolheu da bôca dos marinheiros a lenda do **Hollandais Volant,** utilizada alguns anos mais tarde na ópera de que hoje nos ocupamos.

Wagner guardou na memória e procurou reproduzir em sua música do "Navio Fantasma", sobretudo na "ouverture", a luta grandiosa que assistiu entre o navio e as vagas furiosas, durante a qual sentiu, por várias vêzes, a morte rondar-lhe a vida de maneira brutal.

A lenda do "Navio Fantasma" consiste, resumidamente, no seguinte: — Um marinheiro holandês jurara atravessar o Cabo da Boa-Esperança, sem levar em conta os furacões tão comuns ali, e fôra por isso condenado a navegar eternamente em seu navio pelos mares, só podendo parar de sete em sete anos. Caso encontrasse durante êsses descansos uma mulher que se conservasse fiel até à morte, a redenção seria alcançada.

Uma tempestade de largas proporções impeliu o navegante às costas da Noruega, onde outro marinheiro, Daland, fôra obrigado a ancorar tempos atrás.

Fizeram-se amigos e Daland, julgando rico o **Holandês,** fala da possibilidade de casá-lo com sua filha.

O **Holandês** mostra desejo de conhecê-la. Senta, que é a filha de Daland, já sentia paixão por êle e já o conhecia através de um grande retrato pendurado na parede da sala de trabalho das fiandeiras, que serve de cenário ao segundo ato. Acontece, porém, que Senta é noiva de um outro marinheiro, Erick, que nutre por ela uma paixão desmesurada.

O **Holandês** ouve as queixas do noivo e conclui com tresteza que Senta, depois de jurar-lhe amor, não é a mulher ideal, pois sendo infiel para com Erick, seu noivo, seria também para com êle no futuro.

Desconsolado, o **Holandês** levanta as velas do seu navio para continuar a viagem infinita. Logo após seu embarque, tremenda tempestade surpreende e devora o navio fantasma, levando-o ao fundo do mar, juntamente com o **Holandês**. Senta, que tudo observou de olhos estatelados, abandona Erick e seus amigos e atira-se ao mar dizendo: "Olha, sou fiel até à morte".

Passada a tempestade, a luz nórdica do sol simboliza a redenção do **Holandês** e sua união com Senta, na eternidade.

São de Goethe estas palavras:

"Qui vent compreendre le poète doit aller dans le pays du poète". O mesmo diremos de Wagner. Para ouvi-lo e compreendê-lo melhor deveremos visitar o seu templo em Bayrenth. Mas o Wagner que ouvimos na estréia da **Temporada Lírica Internacional** aproxima-se, até certo ponto, daquele que se costuma levar na famosa cidade alemã, isso porque foi cantado em alemão, dirigido por maestro alemão e os cenários feitos pelo cenógrafo alemão Helmuth Noetzoldt, vindo de Wiesbadem, para o Brasil, dois meses antes do início da temporada, especialmente contratado para confeccionar os cenários das óperas de Wagner e da ópera "Fidelio", de Beethoven.

Assim, tivemos um **Navio Fantasma** bem próximo do verdadeiro.

O sistema da apresentação de espetáculos, baseados em quadros organizados nos países de origem das óperas que se pretende montar, dá sempre bom resultado, quer pela coesão do conjunto, quer pela "mise-en-scene", quer pela parte cenográfica, quer ainda, e sobretudo, pela interpretação no idioma original, como aconteceu, agora, e acontecerá nas demais óperas a serem executadas na presente estação lírica.

Otakar Kraus deu-nos um **Holandês** esplêndido. Sua voz possui um timbre e uma emissão de rara beleza e é manejada com uma perícia extraordinária. As dificuldades da partitura são transpostas com incrível naturalidade. Sua atuação cativou e prendeu a atenção da assistência desde o primeiro ato.

Marianne Scheck, no papel de Senta, deu-nos mostras de ser uma artista de classe. A voz é bela, bem timbrada e bem conduzida. Os pianíssimos que obteve no segundo ato são dignos de nota. Cantar não é berrar, como pensam muitos. Quando foi necessário mostrar a pujança de sua voz, Marianne o fêz, no final do terceiro ato, com louvável perícia.

Arnold Van Mill interpretou o papel de Daland, um navegante norueguês, e o fêz com apreciável maestria. Voz bela e educada, transpôs sempre com desenvoltura a aridez da partitura, com absoluta justeza. Aliás, êsse espetáculo deu-nos uma boa mostra do que é verdadeiramente o teatro lírico alemão. As desafinações e o mau-gôsto na parte referente à "mise-en-scene" estiveram ausentes. O quadro alemão comporta também o "regisseur" Heinrick Koehler Helffrich, que é excelente.

(Cont. na pág. 47)



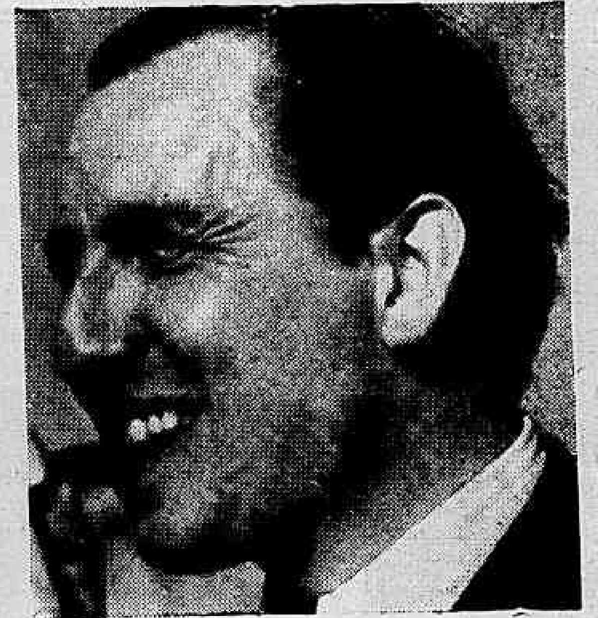
KARL KROLLMANN, pilôto



ARNOLD VAN MILL, Daland



KOEHLER, "regisseur"



HELMUT NOETZOLDT, cenógrafo



Cena do segundo ato: fiandeiras no trabalho de fazer rêdes de pescar. Carin Carlsson, a ama de Senta, é a figura de primeiro plano no seu mister de fiar.

OS SANGRENTOS CONFLITOS DE RIO GRANDE

A MÃO VERMELHA

POPULARES ASSALTAM A DELEGACIA DE POLÍCIA ★ RECEBIDOS A MANGUEIRA, GÁS LACRIMEJANTE E TIROS DE FUZIL ★ QUATRO MORTOS E VÁRIOS FERIDOS ★ OBRA DE AGITADORES VERMELHOS ★ A CIDADE OCUPADA PELO EXÉRCITO E PELA POLÍCIA

Texto de NATHANIEL GUIMARÃES ★ Fotos de J. SILVEIRA





As mulheres dos mortos choram, inconsoláveis, acompanhou os enterros de Antônio Funchal e enquanto a Polícia Especial, também, convocada,

(Pôrto Alegre, 19 de agôsto de 1952)

TANTO na China como no Brasil o preço do pão tem influído na conduta do povo. Há, na verdade, uma lei universal e científica que estabelece a íntima relação entre as perturbações econômicas e a conduta das massas. Assim, dizem os criminalistas, e talvez com certo exagêro, que cada centavo de aumento no preço do trigo equivale a um crime a mais entre os homens.

A velha máxima latina do pão e do circo, ainda em nossos dias, constituii a melhor verdade em matéria política. Nem todos os governos, entretanto, têm compreendido e usado da sabedoria romana.

E' o caso do Brasil. E', também, o caso do Rio Grande do Sul.

onsoláveis,
Funchal e
convocada.

1952)

eço do pão
na verdade,
elece a ín-
onómicas e
os crimina-
cada centa-
ivale a um

circo, ainda
verdade em
rnos, entre-
abedoria ro-

caso do Rio



enquanto populares aguardam de mãos nos bolsos, novos acontecimentos. Considerável multidão Jadir Félix dos Santos. À frente e atrás do cortejo fúnebre íam caminhões cheios de soldados, aguardava nas ruas transversais, e, à medida que se aproximava o féretro, ia-se juntando a êle.

Mas, aí está êste vosso repórter a palmilhar caminhos outros que não os de sua crônica de hoje, os sangrentos acontecimentos de Rio Grande, R. G. S.

O que vem sucedendo agora no Rio Grande do Sul não é, em suas origens, o que pensa a polícia local e nacional, — mera obra de sublevação comunista. E' preciso ser honesto e reconhecer a situação como ela se apresenta. Esta história de dizer que os últimos acontecimentos dentro do Estado gaúcho é essencialmente obra de agitação comunista, é ignorar as necessidades e sofrimentos porque tem passado o povo dêste pedaço do Brasil, nos dias atuais. Não se deve pensar, por exemplo, no grande baque sofrido pelo povo gaúcho ante a majoração do preço da carne? Como deveriamos encarar a alta de um alimento que, além de ser o principal alimento da mesa do gaúcho, sempre ocupou lugar destacado na economia do Estado? Para o gaúcho é algo desesperador reconhecer que, também a carne, acompanha o aumento geral do custo da vida.

Naturalmente estas perguntas do repórter são bastante complexas. Algumas não terão dos sociólogos ou dos políticos nacionais a resposta que merecem. Mas elas explicam o descontentamento geral, a natural falta de confiança nos homens do govêrno. Ou quem sabe, aliando-se o preço da carne e a elevação constante do custo de vida em todos os estados da Federação, não teremos motivos de sobra para acreditar em descontentamento geral por parte do povo? Assim sendo, é bom não acreditar que os últimos acontecimentos do Rio Grande do Sul sejam apenas obra de agitação vermelha.

Em discurso, já advertira o sr. Getúlio Vargas,



Sôbre o cadáver do filho, D. Maria Funchal verte lágrimas. É outra espécie de vítima das agitações.

OS SANGRENTOS CONFLITOS DE RIO GRANDE



Flagrante apanhado quando um popular, na rua, colhia ajuda para as famílias das vítimas.



Cenas de chôro e crises nervosas foram comuns durante os dias agitados e revoltosos do Rio Grande.



E os médicos não atendiam apenas aos feridos. Socorriam também aos que se achavam nervosos.

com vistas aos açambarcadores, «que o dia chegará em que o povo fará justiça com as próprias mãos».

Quando o povo, asfixiado, reclama contra a cupidez desmedida dos açambarcadores e dos ladrões de cartola ou contra a ineficácia do govêrno, saindo à rua em busca de seus direitos e reivindicações, eis que surgem, solícitas e geitosas, falsamente amigas, as mãos vermelhas dos comunistas.

Assim tem acontecido no Rio Grande do Sul e, também, em várias outras comunidades da Federação. Aproveitando-se da oportunidade, que é excelente, os agentes vermelhos, fanáticos de uma utópica felicidade de barriga, infiltram-se nas reivindicações populares e realizam o seu trabalho solerte de sapadores da fé pública.

Basta uma manifestação, uma lista angariando assinaturas para pleitear aumento ou simplesmente um movimento de donas de casas e lá estarão, coesos, a movimentarem os cordéis por trás dos bastidores, os comunistas. Assim tem acontecido em Santa Maria, importante centro ferroviário, Pôrto Alegre e, ùltimamente, Rio Grande, único pôrto marítimo do Estado e forte centro de irradiação vermelha.

Os sérios acontecimentos que vinham tendo lugar em Rio Grande, por ocasião da greve geral realizada com o objetivo de obrigar a baixa do preço da carne e das demais utilidades, culminou com os sangrentos conflitos do dia 12 de agôsto entre populares e a polícia e fôrças do Exército.

Dia 11 dêste mês, por solicitação do povo, e depois de longas conferências em que as autoridades de Rio Grande, inclusive membros da COMAP e presidentes sindicais estudaram várias rebaixas de preços, foi divulgada uma nova tabela para os gêneros de primeira necessidade, tabela esta grandemente reduzida. Além disso, o sr. Martins Falcão, prefeito interino, assegurou naquela ocasião fornecer carne para o povo a razão de Cr$ 6,00 o quilo. Esta nova tabela, entretanto, não foi aceita pelos grevistas, que se mostraram descontentes com o preço de várias utilidades.

Na manhã seguinte, ou seja, dia 12, a cidade amanheceu com um aspecto fortemente revolucionário, tendo a multidão saído às ruas em atitudes de motim. Êste fato levou o comércio e a indústria a não encetar suas atividades normais, deixando, pois, de atender às solicitações feitas pelo subchefe de polícia do Estado, sr. Renato Souza, chegado via-aérea de Pôrto Alegre na tarde do dia anterior, juntamente com forte contingente das guarnições da Capital e de Pelotas, a fim de reforçar o policiamento.

Tiveram lugar, então, as primeiras escaramuças entre soldados do Exército, da Brigada Militar do Estado e a massa de manifestantes exaltados. Nesta ocasião foram efetuadas perto de 16 prisões de elementos comunistas, entre êles o tenente vereador Ataíde Rodrigues; o advogado e suplente de vereador, dr. Carlos de Lima Aveline; Manoel Réquia, também suplente de vereador; Antônio Teixeira e Silva, operário e Dagoberto Rodrigues, mais conhecido pela alcunha de «Jacaré» e vários outros implicados e elementos fichados na polícia local como comunistas.

As 10 horas, aproximadamente, entraram em sua fase culminante os agitados acontecimentos de Rio Grande. Uma compacta massa popular, perto de três mil pessoas, não atendendo ao apêlo das autoridades civis e militares, dirigira-se para a frente da Delegacia de Polícia, exigindo, ante brados amotinados, fôssem libertados todos os presos. Nesta ocasião entrou em ação o Corpo de Bombeiros daquela cidade, que procurou dispersar a massa de manifestantes por meio de poderosos jatos de água fria. Ao mesmo tempo a polícia empregou bombas de gás lagrimejante.

Esgotados os recursos policiais adotados nestas contingências e incapazes de deter a massa de amotinados, entraram os policiais a fazer disparos para o ar, na esperança de assim intimidar os populares. A esta altura dos acontecimentos, alguns elementos espalhados no meio da massa e diante da confusão reinante teriam feito vários disparos contra a Delegacia de Polícia, tendo um dos projetis atingido o funcionário do serviço médico-legal, sr. Ramão Rubalo. Imediatamente os policiais e soldados, que ali se encontravam, fizeram vários disparos contra o povo, estabelecendo-se o pânico geral.

Durante alguns minutos o largo diante da Delegacia de Polícia ficou convulsionado. Ouviam-se gritos de dor, imprecações, ameaças e a correria era grande. Sòmente depois que a situação serenou, dispersando-se a maioria dos manifestantes, constatou-se a morte do motorneiro de bonde Raul Funchal e a do portuário Jadir Feiix Santos, além de vários feridos, alguns em estado gravíssimo que se achavam caídos ao solo.

Horas depois era dado ao público a relação dos feridos nos sangrentos choques. Internados na Santa Casa em estado gravíssimo estavam Roberto Dau, de 17 anos e com ferimento a bala no pescoço; Ernesto Eston, operário com ferimento a bala na bôca; Edilio Rodrigues, operário, ferido na artéria por bala; Ramão Santos e Carlos Maria de Oliveira, além de muitos outros que, após medicação, retiraram-se para suas residências.

Após os tristes conflitos entre populares e policiais a praça fronteira a Delegacia começou novamente a se encher de povo. Grupos compactos surgiam pelas esquinas próximas comentando os recentes acontecimentos, enquanto, na sombra, processava-se o trabalho dos agitadores vermelhos.

Às 17 horas, fôrças do Exército e Brigada Militar ocupavam a cidade de Rio Grande, transformando-se a praça Tamandaré num verdadeiro campo de batalha.

Circulavam constantes boatos de que os manifestantes se reuniriam para solicitar novamente a libertação dos presos. Ruas foram interditadas ao trânsito de pedestres. Os bondes estavam suspensos já há alguns dias antes. As fábricas não funcionavam e igualmente o comércio, o que emprestava a cidade um aspecto singularmente anormal. A cidade de Rio Grande vivia momentos de intensa anormalidade e podia-se perceber, na fisionomia cançada e triste de alguns populares, a grande tensão nervosa que predominava.

Pelas ruas principais passavam patrulhas armadas do 7º Grupo de Artilharia da Costa, bem como elementos do 3º Batalhão de Caçadores de Pôrto Alegre e o 4º de Pelotas.

Enquanto isto se dava em Rio Grande, em Pôrto Alegre o Chefe de Polícia do Estado, sr. Alter Cintra de Oliveira, após conferenciar com o Governador Ernesto Dorneles e o Secretário do Interior, sr. Egydio Michaelsen, ordenava a partida, em três aviões da Varig, da Polícia de Choque e vários contingentes da Brigada Militar do Estado.

O sr. Luís Martins Falcão, presidente da Câmara de Vereadores do Rio Grande, encontrava-se à testa da Prefeitura por ocasião dos sangrentos acontecimentos que enlutaram a população daquela cidade marítima. Ouvido pelos jornalistas vindos de Pôrto Alegre assim se expressou aquela autoridade legislativa:

— «O movimento foi liderado exclusivamente pelos comunistas. As comissões que vieram aqui na Prefeitura foram sempre formadas por grevistas vermelhos. O govêrno do Municipio e a Guarnição Federal estão concitando os trabalhadores a voltar ao serviço. Convidei os presidentes de todcs os Sindicatos, apelando para que colaborem com a Prefeitura nesta hora grave por que passamos, atualmente. Desde o primeiro momento, as autoridades procuraram manter a ordem, dentro dos princípios da justiça e da serenidade. Tôdas as reivindicações do povo estão sendo estudadas e o próprio comércio antecipou a tabela, colaborando com as autoridades. Os Sindicatos demonstraram grande interêsse de colaboração, numa elogiável demonstração das suas elevadas finalidades».

O atual prefeito de Rio Grande, sr. Frederico Ernesto Bucholz, em face aos graves acontecimentos ocorridos em sua ausência, interrompeu a licença, assumindo imediatamente suas funções.

Aproximadamente umas duzentas mulheres estiveram no Forum do Rio Grande, a fim de obterem do Juiz de Direito, por meio de «habeas-corpus» a liberdade dos implicados nos sangrentos conflitos. O Juiz de Direito, entretanto, explicou àquelas senhoras que havendo as prisões sido ordenadas pelo Chefe de Polícia do Estado, os «habeas-corpus» deveriam ser impetrados no Forum de Pôrto Alegre.

(Cont. na pág. 47)



No cemiterio, enquanto os corpos eram dados à sepultura, os oradores comunistas tiravam partido. Em baixo aparecem tropas do Exército, que contribuiram para serenar os ânimos naquele Estado, últimamente convulsionado pela iminência de mais uma tremenda alta da vida, o que é tão nocivo à tranquilidade



SEMANA LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

POR ÊSSE MUNDO DAS LETRAS



O poeta Luiz Carlos de Arapey que publicou no ano passado um belo livro, — "Poemas do Tempo Frágil" — e que no momento está traduzindo "Raiz y Ala", do poeta uruguaio Serafin J. Garcia. No "cliché", o poeta e sua mãe.

★ "CORREIO DO CATENDE"

Outro jornal do interior pernambucano que nos chega às mãos e cuja remessa muito agradecemos é o "Correio de Catende", bem feito quinzenário daquela cidade.

Boa idéia seria se os escritores do interior do Brasil nos fizessem chegar os jornais locais para assim, nós, encarregados de seções literárias, estarmos ao par, podendo divulgá-las, das notícias referentes ao movimento literário de todo o país.

Às vêzes pode parecer que a imprensa carioca não dá importância ao que se passa no interior, mas a verdade é que nos falta meios de saber tudo de interessante que se faz e se publica por êsse Brasil a fora. Por nossa parte temos envidado todos os esforços no sentido de que nos chegue material indispensável de divulgação da vida literária do interior. Infelizmente, isso tem ficado na dependência de relações pessoais e da boa-vontade dêsses amigos distantes que gentilmente colaboram conosco. Por outro lado, acontece que os que trabalham nos Estados raramente têm uma oportunidade de maior divulgação de suas obras tantas vêzes digna de maior repercussão fora dos limites estaduais. Se é possível que existam os que não têm boa-vontade em animar e estimular os valores novos, também é certo que muitos desejam vivamente contribuir para que apareçam escritores, poetas, artistas de merecimento, distanciados por qualquer circunstância dos grandes centros culturais. Esta seção tem por principal finalidade exatamente essa, de servir às letras de todo o Brasil, principalmente de oferecer espaço às atividades dos novos. E' o que temos feito e continuaremos fazendo, para isso pedindo a colaboração dos que conosco se interessam pelo assunto.

★ D. JOÃO DA CÂMARA

Outro centenário que ocorre êste ano é o do nascimento do dramaturgo português, D. João da Câmara. Estreando-se em 1874, com o drama "Bernarda no Olimpo", depois de revelar precoce vocação para as letras teatrais, apareceu no Teatro de D. Maria, com a comédia "Ao Pé do Fogão". Seu grande êxito de dramaturgo assinalou-se em 1890, com o drama histórico "D. Afonso VI".

Daí por diante é uma figura respeitável das letras dramáticas portuguêsas, enriquecendo o teatro luso com algumas de suas obras mais prezadas, como "Os Velhos", que o Rio aplaudiu muitas vêzes, na apresentação primorosa de Brazão. Com isso, D. João da Câmara foi também um romancista de mérito invulgar, preferindo para sua obra, nesse gênero, os temas históricos. E, com Raul Brandão e Maximiliano de Azevedo, escreveu ainda um livro de leitura para as escolas.

★ Segundo "Comício", o deputado e escritor Benedito Valadares está aprendendo francês: para ir ao Municipal, ou para verter o "Esperidião" para a língua de Racine?

★ O professor e acadêmico Aloysio de Castro fêz, em Roma, há pouco, em italiano muito elogiado pelos jornalistas que registraram o fato, uma conferência literária sôbre a loquacidade feminina. Provou que, desde a Bíblia, até hoje, todos os autores reconheceram que as mulheres falam de mais. Para desculpá-las, porém, o escritor, que é também médico, muito galantemente justificou o caso: todos os músculos masculinos do corpo são mais desenvolvidos do que os femininos, exceto um dêles, que tem na mulher maior desenvolvimento: o músculo da língua.

FRADIQUE

UM AUTOR:

OSCAR MENDES



Oscar Mendes, êsse pernambucano radicado em Belo Horizonte é, com Eduardo Frieiro, das figuras mais curiosas das letras brasileiras, porque recapitula como o seu condidadão aqui citado, a figura já rara do beneditino da literatura, afeito às coisas do espírito e tão íntimo delas que o resto da vida lhe parece estranho. Tendo ido estudar direito na capital mineira, ali se casou e constituiu família, nunca mais deixando Belo Horizonte, onde é diretor de jornal, autor de livros e tradutor dos mais prezados. Escrevendo crítica, habitualmente, êle o faz com uma seriedade e uma autoridade que o tornam um de nossos mais completos estudiosos. Combatente católico, sua presença no meio literário brasileiro, pela sua atitude, como pela ação que desenvolve, está cercada do maior e mais justo prestígio. Vivendo exclusivamente entregue à sua vida de escritor, é dos que desprezam a publicidade, enconchado em sua obra, cada vez mais significativa, espelhando erudição e serenidade. Oscar Mendes, cujo tipo poderá ser anacrônico, nos dias que correm, tem vivido apenas para sua obra, podendo realizá-la sem inquietações, no ambiente dos livros e da paisagem graciosa, onde permanece profundamente arraigado o belo espírito universitário.

A província não lhe faz nenhum mal à atividade. Pelo contrário, quando estamos postos diante de casos como o de Oscar Mendes e o de Frieiro, ficamos a pensar no grande mal que faz ao escritor o convívio nos grandes centros, onde as melhores energias se dispersam inùtilmente, nas solicitações da vida intensa e dos deveres sociais.

O polígrafo montanhês, de adoção, é um exemplo, não apenas de uma probidade literária que conforta, como da fecunda influência da província na obra dos escritores.

Sob a neve

Neve sôbre mim
silêncio branco na paisagem.
Longe, as lutas da terra
longe, os desejos sem fim.
As árvores se aquietam na paz das estátuas
sinto-me em catedral.
Meu Deus, estou só no mundo.
Os passos morrem comigo
as distâncias caem bem perto.
Há um canto coral que vem da infância
rolando pelas memórias agora renascidas
na súbita quietude das coisas.
Há mulheres que chegam
na placidez vegetal da oferta
os braços pregados na terra
o sangue brotando da pele.
O temor nos movimentos
de ser o único
o sem manhãs por viver
o despojado de vozes claras
o corpo na sala enorme
panos pendentes das paredes
círios consumindo silêncios.

Contudo, a paisagem é branca
a neve cai sôbre mim.
Difícil, o amor,
o afago de cada dia,
a preservação do carinho virgem.
Só
pelos dias além
o crepitar das memórias vivas.

ANTÔNIO OLINTO

UM LIVRO:

"MÚSICA E TEMPO"

Luís Cosme é uma perfeita organização de musicólogo, com ser também um de nossos bons compositores. Seu recente ballet, "Salamanca do Jarau", constituiu brilhante sucesso, com ser de nossas obras mais significativas, no gênero. Distribuindo-se entre o jornalismo, a música e o rádio, Luís Cosme tem realizado obra fecunda, principalmente no setor da radiodifusão: apresenta êle vários programas na Rádio Ministério da Educação, entre êles a série de estudos intitulada "Música e Tempo", verdadeiro curso popular de música erudita, em que trata dos mais interessantes e variados assuntos, assim contribuindo expressivamente para o melhor conhecimento de obras e autores novos, e pois, para o prestigio dêles perante os auditórios.

Foi essa série de estudos, selecionados, que agora vem êle de editar na coleção Cadernos de Cultura, do Ministério da Educação e Saúde. O livro apresenta numerosos artigos muito claros e atuais, quer quando êle estuda a verdadeira importância de Chopin, como renovador das formas clássicas, quer quando fala em Stravinski, para concluir que a essência da música não varia, é sempre a mesma, enquanto que as formas evoluem, chocando no princípio, quando aparece um compositor inconformado, como Igor, cujo "Sacre du Printemps" foi mal recebido à sua estréia, enquanto que hoje é obra universalmente aceita.

Mas o livro de Sotero Cosme, sempre no propósito de popularização do conhecimento da música erudita, possui ainda o valor de ser escrito para um meio técnico essencialmente popular, assim obrigando seu autor a ser simples, fácil, compreensivo, mesmo para leigos. E' o que êle consegue com grande brilho, evitando qualquer espécie de afetação, conseguindo, sem trair sua missão de crítico e de educador, apresentar os assuntos sob ângulos singelos, sem sobrecarga de qualquer eruditismo, de qualquer hermetismo técnico. Mas, além disso, cumpre salientar aqui que, se a obra beneficia o leitor, tornando-lhe familiares tantas intrincadas questões da música, também serve aos autores e às suas obras, esclarecendo-os, tornando-os compreensivos e, portanto, mais dignos do amor que merecem.

E. Armando Lys

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Depois da homenagem que Reynaldo Bairão e Darcy Penteado prestaram à ilustre romancista Maria de Lourdes Teixeira, um grupo de amigos da referida escritora resolveu organizar um jantar à grande ficcionista de "O Banco de Três Lugares", livro recentemente premiado pela Academia Brasileira de Letras. Ficou assim organizada a comissão: Hernâni Seabra, Paulo Mendes de Almeida, José Tavares de Miranda, Yeda Ramos, Maria Antônia, Darcy Penteado, Mário da Silva Brito, Helena Silveira, Maria Amália Penteado de Camargo, Luís Lopes Coelho, Isolina Portugal, Antônio Rangel Bandeira, Reynaldo Bairão.

★

E, por falar em homenagem, a escultora Pola Rezende ofereceu, em sua residência, uma bela recepção ao conhecido romancista português Aquilino Ribeiro. Também o casal José de Barros Martins homenageou o escritor patrício Jorge Amado, presentemente passando uma temporada na capital bandeirante.

★

São Paulo recebeu a visita do renomado poeta brasileiro Jorge de Lima, que veio especialmente e pessoalmente distribuir aos seus amigos e aos críticos literários daqui o excelente poema cíclico: "Invenção de Orfeu". Jorge de Lima foi alvo de muitas atenções da parte da intelectualidade paulistana.

★

"Sol na Montanha" — eis o nome de mais um livro de versos do apreciado poeta Oliveira Ribeiro Neto (da Academia Paulista de Letras).

★

Domingos Carvalho da Silva, que estava anunciando mais uma coletânea de poemas sob o título de "O Inimigo do Mundo", resolveu mudar o nome do seu livro para "Girassol de Outono". Aliás, o poeta de "Praia Oculta" tem outro volume de versos que sairá brevemente. Por enquanto êsse volume está com o nome de "Relógio de Silêncio".

★

Antoni di Monti, agora residente nesta capital, está aprontando mais dois romances: "Os Anjos Morrem no Mar" e "Prostitutas de Mármore". O segundo terá capa de Darcy Penteado.

★

José Escobar Faria e Domingos Paolielo publicaram livros de poesia.

★

O Museu de Arte acaba de inaugurar a anunciada exposição de gravuras, sob o tema: "Goya e a gravura espanhola". A propósito dessa exposição foi programada uma série de conferências sôbre o grande artista ibérico, conferências a cargo dos srs. Carlos Flexa Ribeiro, Enrique Marco Dorta e José Geraldo Vieira. As palavras iniciais serão proferidas pelo sr. M. A. Garcia Viñolas, adido cultural da Embaixada de Espanha.

★

Magdalena Tagliaferro está realizando um curso de alta interpretação musical, no Museu de Arte de São Paulo. As aulas, inteiramente gratuitas, são patrocinadas pelo govêrno do Estado.

Sérgio Buarque de Holanda, conhecido sociólogo e crítico literário, completou o seu cinqüentenário. Por êsse motivo, um grupo de amigos resolveu oferecer ao ilustre intelectual um banquete na célebre "Maison Suisse". Entre os que aderiram à homenagem, destacamos os seguintes nomes: Luís Lopes Coelho e sra., Coronel Euryale Zerbini, Fernando de Azevedo, Paulo Mendes de Almeida, Mário da Silva Brito, Paulo Duarte, Sérgio Milliet, Antônio Cândido, Lourival Gomes Machado, Antônio Rangel Bandeira, Jenny Klabin Segall, Hernâni Seabra, Francisco Matarazzo Sobrinho, José de Barros Martins, Antonieta Dias de Morais, Mário Donato, secretário Brasil Bandecchi, José Geraldo Vieira, Maria de Lourdes Teixeira, Lasar Segall, Edgard Cavalheiro, Ritinha Camargo, Paul Silvestre, Ruy Bloem, Pola Rezende, Geraldo Vidigal, Edgard Braga, Darcy Penteado, Reynaldo Bairão, Antônio d'Elia, e muitos outros.

★

Finalmente, o Museu de Arte Moderna inaugurou a exposição de artes plásticas, comemorativa à Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Na grande mostra de arte estão expondo: — Di Cavalcanti, Annita Malfati, Brecheret, Antônio Moya, John Graz, Zina Aita, Vicente do Rêgo Monteiro e Tarsila do Amaral. Estiveram presentes ao "vernissage": Guilherme de Almeida e Senhora, (Aliás o único "modernista" presente) Sérgio Buarque de Holanda e Senhora, Darcy Penteado, Helena Silveira, Maria Penteado de Camargo, (filha da inesquecível Olívia Guedes Penteado) José Tavares de Miranda, Rebôlo Gonzalez, Flexor, Maria Eugênia Franco, Caio Furtado, Antônio Alves Lima Filho, Waldemar Cordeiro, Lothar Charoux, Aldo Bonadei, Professor Bizzarri, (adido cultural do Consulado da Itália em São Paulo) Lígia Fagundes Telles, Maria Amália Penteado de Camargo, Gersoni e Senhora, Conde Huberto Schoenfeldt, Aldemir Martins, Reynaldo Bairão.

A VIAGEM MAIS DIVERTIDA DO MUNDO É FEITA NO "EXPRESSO DA ALEGRIA"

O sensacional programa da Rádio Bandeirantes de S. Paulo, sob a direção de Henrique Lôbo, continua empolgando os ouvintes — O programa onde cada parada é uma gargalhada, cada desvio uma atração — De 11,30 às 13,30 hs. é um "trem" que ninguém gosta de perder...

UM dos setores mais brilhantes da "mais popular emissora paulista", a Rádio Bandeirante, é sem dúvida o seu já celebérrimo EXPRESSO DA ALEGRIA. Exatamente às 11,30 horas, de segunda-feira a sábado o microfone da PRH-9 dá o apito para a saída do mais fabuloso trem que se conhece e, daí por diante, todo o mundo dá início à "viagem mais divertida do mundo". Em casa, a turma se diverte a valer. Mas o público que diàriamente lota o auditório da Rádio Bandeirantes está sempre entrando na possibilidade de ganhar grandes prêmios.



— **O mais engraçado quadro do rádio paulista, interpretado por Amaro César e Lídia Costa: «Conversa de Telefone», redigido por Irvando Luís.**

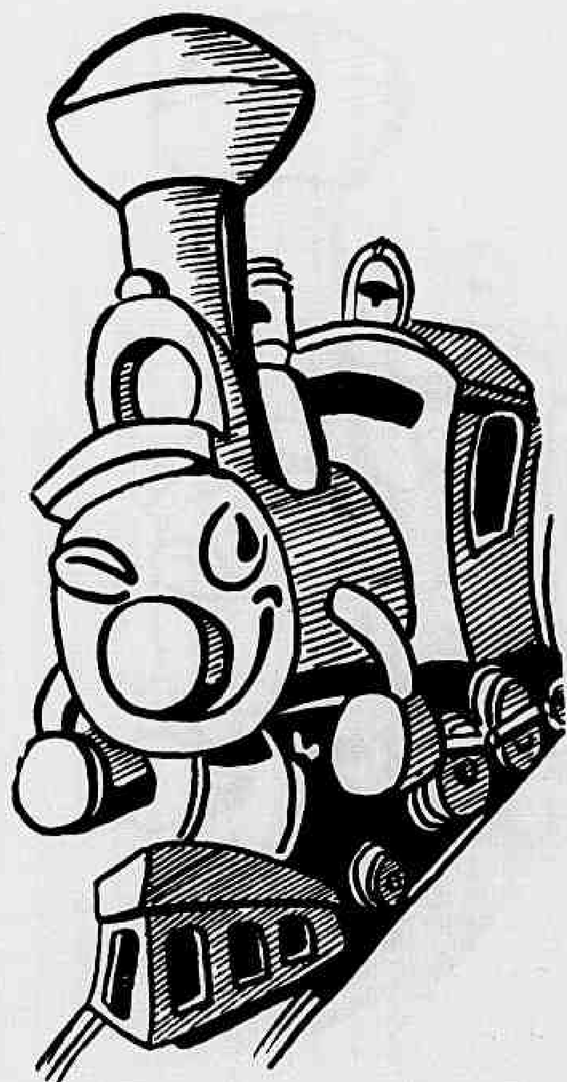


— **Os três responsáveis pelo «script» do «Expresso da Alegria» — OSVALDO MOLES, HENRIQUE LÔBO e IRVANDO LUÍS, estudam uma nova atração para o famoso programa da hora do almôço da PRH-9.**

O movimentado programa da PRH-9 é popularíssimo, com suas atrações, seus quadros cômicos, números de humorismo, cantores, orquestras, constituindo um "show" completo. Os melhores redatores da Rádio Bandeirantes comparecem para dar ao mesmo o máximo de brilhantismo, destacando-se OSVALDO MOLES — HENRIQUE LÔBO e IRVANDO LUIZ, com seus quadros em que o bom-humor predomina. E' assim o EXPRESSO DA ALEGRIA — um dos primeiros programas do "broadcasting" paulista — transmitido todos os dias, com exceção dos domingos, das 11,30 às 13,30 horas.



— **Muitos prêmios são distribuidos no programa «Expresso da Alegria». No clichê, Henrique Lôbo entrega a uma concorrente um prêmio do quadro «Roleta da Sorte»...**





— Diàriamente o «Expresso da Alegria», apresenta uma entrevista com um cartaz do cinema, esporte, teatro e rádio. No clichê o «craque» do São Paulo F. C. — Turcão — ao ser entrevistado por Henrique Lôbo.



— Valery Martins, Lucília Freire, Irvando Luís e Detínio de Paula, vivendo uma cena de «Os passageiros sem passagem» — a atração humorística do «Expresso da Alegria».



— João Dias — o cantor mais popular de São Paulo — apresentando-se ao microfone do «Expresso da Alegria», sendo acompanhado pelo moderno regional **Bandeirantes**, sob a direção de Santana.



LIDO... VISTO...

A Justiça não dorme

HERCULANO de Freitas, jurista e político notável na Velha República, professor de Direito em São Paulo, onde fêz tôda sua carreira política, era gaúcho de nascimento.

Homem de muito talento, muita cultura, o que o impedia — antes o impelia, diria algum boêmio — de levar vida boêmia, à qual se afizera desde os tempos acadêmicos, suas noitadas, meio intelectuais, meio farristas, deixaram fama.

Carlos de Campos, filho de Bernardino de Campos, mais tarde presidente de São Paulo, Mário Guastini, o saudoso jornalista da Paulicéia e Gomes Cardim eram os companheiros inseparáveis de Herculano, todos figuras de projeção nas letras e na política.

Como Gastão da Cunha, era capaz de sacrificar até mesmo sua posição, por uma blague ou um bom mote oportuno.

Conta o endiabrado jornalista João Lima que Herculano chegou a fazer, entre seus íntimos, esta pilhéria: "— Gosto tanto das mulatas que até me casei com uma das filhas do Glicério".

Francisco Glicério, uma das mais completas vocações políticas do Brasil que, rábula em Campinas, republicano histórico, chegou a Senador e chefe do Partido Republicano Federal, nos primórdios da República, general honorário do Exército foi figura degrande projeção e respeitabilidade em nossa vida pública.

Ao tempo do govêrno Hermes, Glicério, que em São Paulo, com Rodolfo Miranda, fôra dos poucos a apoiar a candidatura Hermes contra a de Rui Barbosa, foi homenageado com a escolha de Herculano de Freitas, seu genro, para Ministro da Justiça.

Herculano deu fulgor ao cargo. Mas, apesar de quarentão, continuava o mesmo boêmio incorrigível. Chegando aos ouvidos de Glicério que o genro estava se excedendo, chegando a casa, às vêzes, pela madrugada, o que de certo sucedia, em época agitada de estado de sítio, devido aos próprios afazeres do cargo, foi o velho propagandista da República aguardar a hora da volta de Herculano para casa. Coincidiu que nesse dia êle chegou mesmo pela madrugada.

O austero campineiro estranhou:

— Mas isso são horas de um ministro chegar em casa?!

Herculano não se apertou. Mastigando o inseparável charuto, monóculo reluzente, teve pronta resposta:

—A Justiça não dorme, meu sogro!

QUEM DISSE ISTO?

46 "Ó Pátria ingrata, tu não possuirás os meus ossos."

47 "Primavera, que tu sejas maldita."

48 "Abençoados os que possuem."

49 "O republicanismo brasileiro é um belo pedaço de literatura francesa."

50 "Sou carta fora do baralho com que os jogadores não contam para o jôgo."

RESPOSTA AS ANTERIORES:

41 — Alberto Tôrres; 42 — Torquato Tasso, o poeta italiano, foi o primeiro a empregar a expressão, depois tornada vulgar; 43 — Manzoni, o grande escritor italiano; 44 — Antigo ditado francês do século XV; 45 — O presidente norte-americano James Monroe, em sua célebre Mensagem ao Congresso de seus país, em 1823.

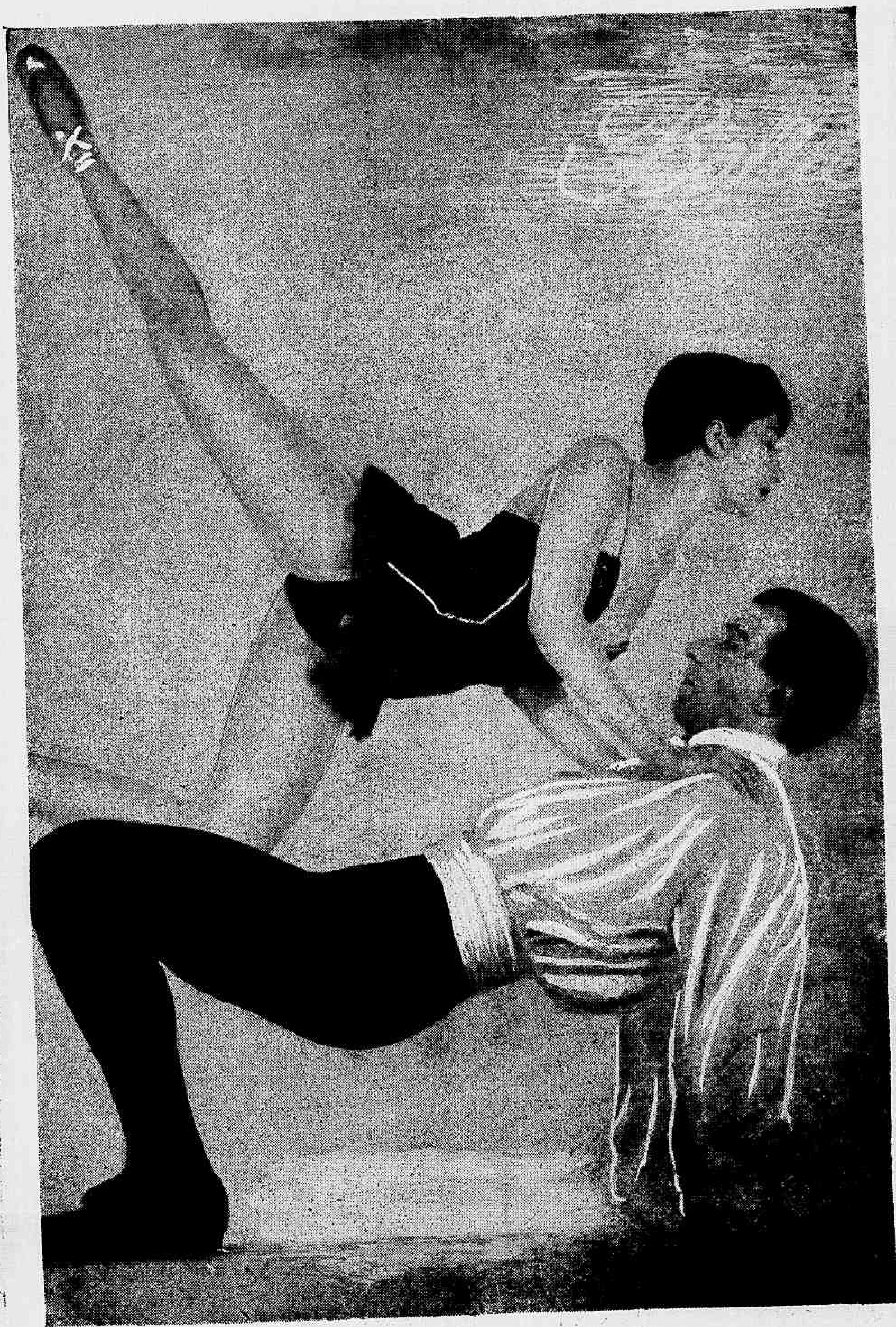


AS FILHAS DO NILO

O Egito milenar está vivendo dias de intensa vibração em que a mulher não poderia deixar de participar, ela que é a própria emoção feito criatura humana. Assim, as egípcias passaram das palavras à ação: organizaram até batalhões femininos. Acima, vemos, perto do Cairo, exercícios militares de voluntárias, filiadas à sociedade "Bent El Nil" (Filhas do Nilo). Chefia a organização a defensora dos direitos da mulher egípcia, Sra. Shakk, que, para financiá-la, vendeu suas jóias, que faziam o esplendor da melhor sociedade egípcia.

OUVIDO...

ONTEM, HOJE, AMANHÃ...
(JIM)



BALLET REVOLUCIONÁRIO

Andersen, Hans Cristian Andersen, cuja imaginação deixa marcas luminosas nos que lêem, através as gerações os seus contos imortais, será conhecido agora por milhões de criaturas humanas, pois sua vida foi filmada pela Golduyn. E com ela êstes bailados revolucionários, cheios de arte, beleza e seduções de amor, dos dançarinos franceses Renée Jeanmaire e Roland Petit.

POUCAS... E BOAS...

● **EXISTENCIALISTAS**

Em Paris, em Saint Germain des Près, o Senador brasileiro, vindo de Genebra, elegante, "noceur", assenta o seu monóculo, e pergunta:

— E' uma pequena aquela que está dançando em frente a nós?

— Sim — responde-lhe alguém ao lado.

E o parlamentar não esconde o seu espanto:

— Mas, vestida de homem? Como é que os pais de um brotinho dêsses a deixam sair assim nestas condições?

— Não vejo nada de mais: ela é minha filha, Monsieur.

— Ó, — retruca o Senador, — o sr. me desculpe não sabia que fôsse seu pai!

— Pai!? Mas eu sou a mãe dela!

● ACUMULADAS

Um juiz, em Detroit, recebeu três petições de três espôsas, pedindo pensões dos maridos, que haviam abandonado o doce lar. E tôdas três davam o nome da "outra" com a qual êles se foram: a Sra. Lorraine Brandon... a mesma "barba azul"...

● **O GÊNIO DA RAÇA**

O professor, numa escola de Copabana, dita o seguinte problema aos alunos:

"Quanto renderiam cinco milhões de cruzeiros, em dois anos, num Banco que pagasse juros de um por cento ao ano."

A garotada começa a escrever e a calcular, menos o pequeno Salomão Vaevittch.

E o professor:

— Por que você não escreve? Não sabe como resolver o problema?

O pequeno faz um muchocho e retruca:

— Um por cento? Não interessa!

● DEFINIÇÃO

Groucho Marx, esquecendo a própria cara, disse de um de seus amigos: — êle é tão feio que quando vai ao Jardim Zoológico compra duas entradas: uma para entrar, outra para poder sair.

RESPONDA ESTAS:

46 Qual o consumo médio de laranjas, "per capita", por, ano, nos Estados Unidos?

47 Quanto mate consome, anualmente, em média, cada argentino e cada brasileiro?

48 Quanto pesa um leão?

49 Desde quando se joga xadrez?

50 Boris Karloff é um artista russo?

RESPOSTA AS ÚLTIMAS:

41 — Ana Néri, Dona Ana Justina Ferreira Néri; 42 — São assim chamados os elefantes asiáticos de pele mais clara, muito reverenciados no Sião; 43 — Romancista, João Franklin da Silveira Távora, nasceu no Ceará a 13 de Junho de 1842 e faleceu no Rio de Janeiro a 18 de Agôsto de 1888; 44 — E' o pneumogástrico que dá ao estômago a sensação de sêde, quando o organismo vai ficando desidratado, ou quando a quantidade de água existente no corpo fica abaixo do normal; 45 — Wisenfreund.

ESTE MUNDO E O OUTRO

ADAGIOS

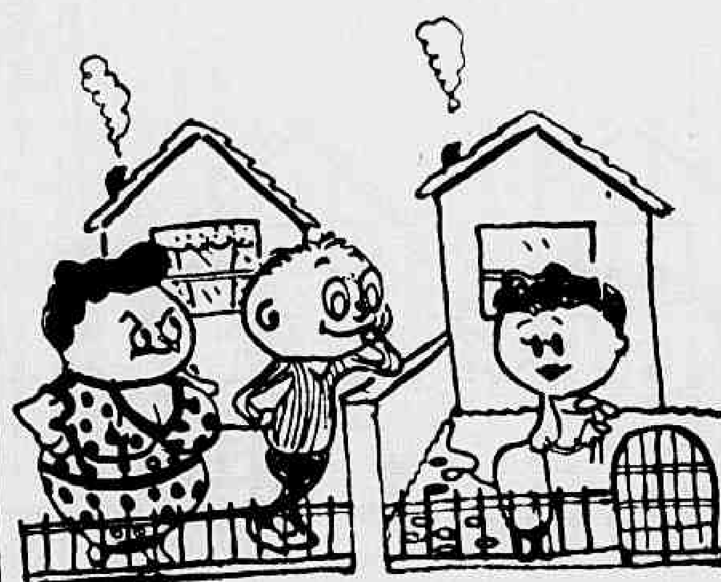
Criação de DARCY



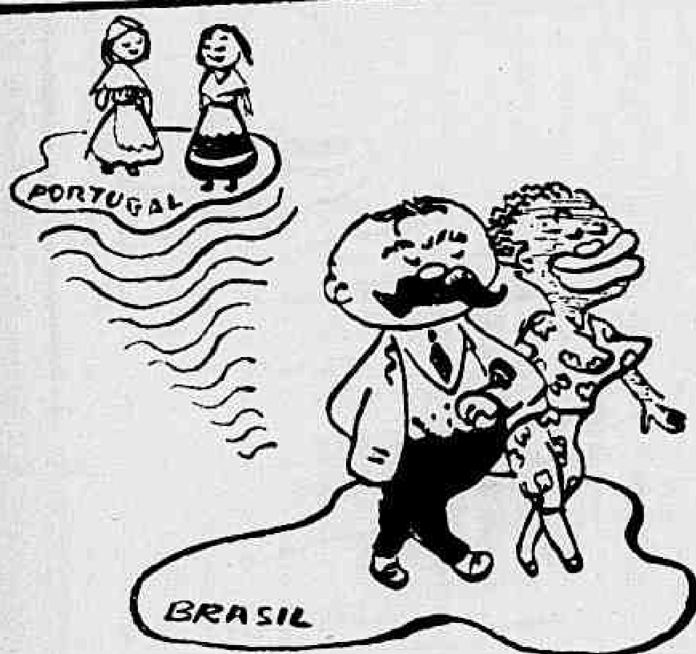
Filho de peixe
Peixinho é...



Devagar
Se vai ... longe



A galinha do visinho
É mais (ou menos) gorda



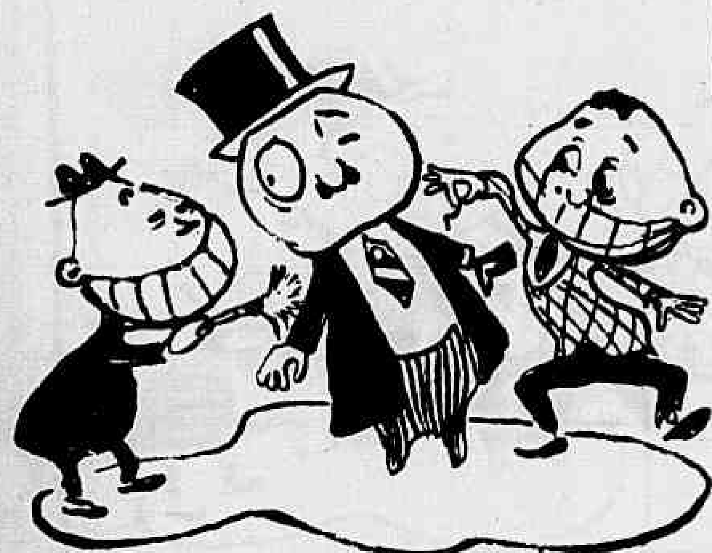
Mais vale
uma pomba na mão
Que duas voando...



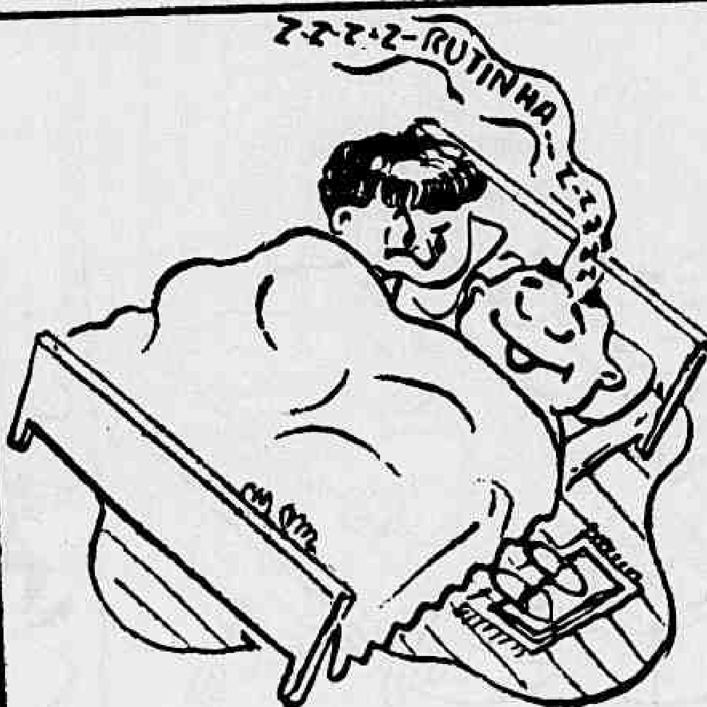
Cão que ladra
Não morde ...



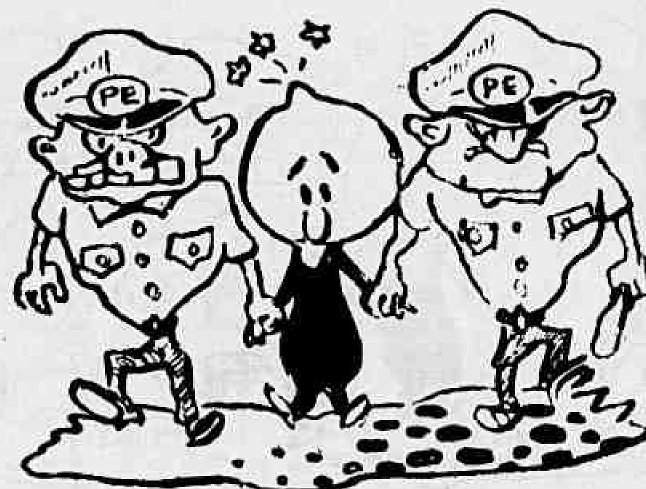
De grão em grão
A galinha enche o papo



Muita esmola
O santo desconfia



O peixe morre
Pela boca



Antes só
Que mal acompanhado



PIANO A QUATRO MÃOS

— Não! não compreendo que você tenha abandonado o piano! Chega a ser um crime, estudar até quase o fim, e...

— Pois é verdade! No oitavo ano, desisti.

— E' incrível!... E, por que? não pode haver uma razão tão forte, tão extrema, tão lamentável...

★

Uma dor secreta iluminou de lágrimas o olhar de Ana Cristina.

Por um segundo, ficaram mudas, esperando, curiosas, que ela contasse aquilo; mas Ana Cristina engoliu em sêco; raspou a garganta; sorriu desajeitada; e, dizendo: «um dia eu contarei...» saiu do cabeleireiro, deixando intrigada a roda de freguesas e «manicures» que a cercavam

— Até sábado...

★

Tomou o ônibus. Seu pensamento estava cheio do passado. Olhou as mãos morenas de unhas bem cuidadas, longas, bonitas...

Sarita lá ficara, exigindo as unhas muito rentes; sem uma pontinha sequer! Estava «tirando» a Serenata de Schubert...

Nascera daí o diálogo, que agora remexia, angustiosamente, a memória de Ana Cristina.

Nem ao menos eram amigas; por que contar-lhes? Acaso compreenderiam elas o seu drama?

★

Ana Cristina puxou o lencinho do bôlso, para enxugar uma lágrima teimosa.

Uma aragem fresca encheu o ônibus, num rodopio, e ficou brincando nos seus cabelos. Olhou a praia, que ia correndo para trás, tentando vencer aquela tristeza súbita, mas, nesse instante, uma menina pousara as mãozinhas, muito brancas, na barra de metal, bem diante dos seus olhos... e aquelas mãos finas e brancas lembravam, vivamente, as mãos de sêda de Maria Teresa; as mãos dolorosas de Maria Teresa; as mãos martirizadas de Maria Teresa! Como esquecer?

Acontecera num domingo de novembro...

Ana Cristina precisava estudar para exame; e Maria Teresa estava teimosa, não queria sair do piano.

— Esta vez só, hein, Teresa!

★

Quando Ana Cristina estava com doze anos, por travessuras do Destino, surgiu-lhe essa irmãzinha inesperada; e Maria Teresa acabou sendo a bonequinha loura dos seus folguedos: a filhinha de eleição que enchêra de amor tôdas as horas de sua adolescência...

★

Maria Teresa ainda não andava, nem falava, mas já «batucava» violentamente no piano.

Aos dois anos, foi preciso dar-lhe uma «babá», que a levava para a praia tôdas as manhãs, durante os estúdos de Ana Cristina, pois, do contrário, ficaria, teimosa, batendo teclas ao lado da irmã; ou importunando-a, do corredor, com um berreiro danado, quando a mamãe, levando-a, fechava a porta da sala.

Maria Teresa chamava-a: «mãemaninha».

— Abe... abe, mãemaninha!...

Ana Cristina não aguentava; acabava abrindo mesmo e sacrificando as lições.

Assim, a «babá» tornou-se indispensável.

Aos três anos, Maria Teresa recebeu de sua mãemaninha a primeira lição de piano. Era um encanto vê-la, solfejando e... «brincando»» no teclado: dó... ré... mi...

Aos quatro anos, era dócil e linda; mas, o que logo sobressaía nela, eram sempre seus olhos muito vivos, que falavam tanto quanto suas preciosas mãozinhas.

Quando chegava uma visita, ia logo perguntando, muito desembaraçada:

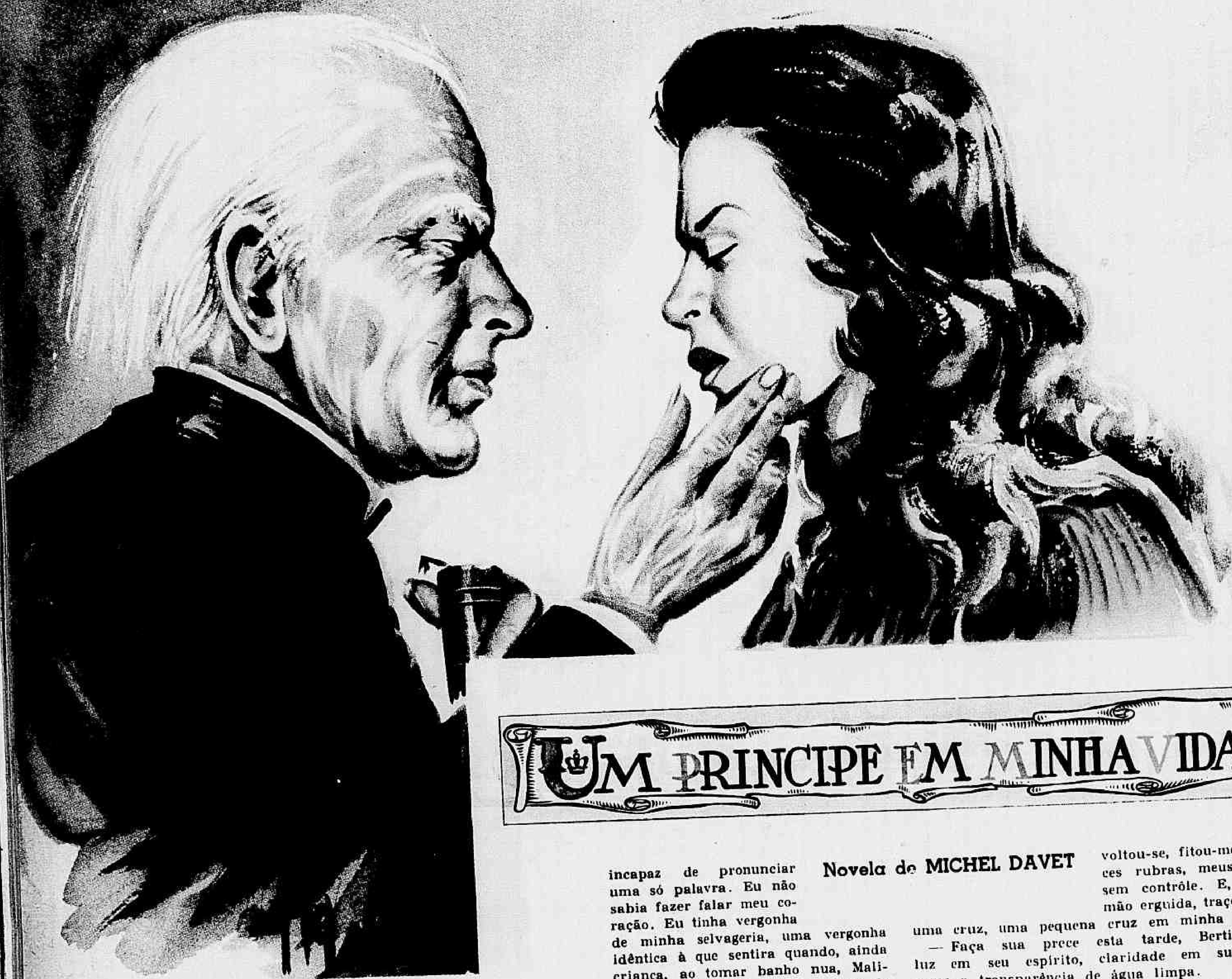
— Você quer ouvir eu tocá piano, quer?

E não esperava a resposta; ia logo sentando e atacando a primeira peça do seu gracioso repertório: «Nini e Bebé...» Depois... não parava mais! Enquanto não desfilasse as peças de

(Continua na pág. 52)

Conto de DELORE GURGEL

Ilustração de ORVAL



UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

Novela de MICHEL DAVET

CAPÍTULO XI

NÃO é preciso chorar tanto assim, Bertille! Abra-me o seu coração, minha filha! — Estas palavras me foram dirigidas pelo cura, ao chegar à nossa casa, retirando o chapéu para evitar os galhos da figueira. Êle procurara buscar palavras que pudessem estancar o meu pranto, aliviar minha dor, palavras que fôssem lenitivo à minha angústia. Mas não havia palavras para isso.

Naquela manhã, quando o cura veio visitar o corpo, procurou consolar Bertille. Mas a moça não queria consolação de outros.

O que eu quero, pensava, era que me deixassem sòzinha com a minha mágoa, chorando em silêncio. Eu me deixei então ficar silenciosa lutando contra os meus soluços.

O padre se acercou de mim:

— Vamos, Bertille! Tu não dizes nada? Confia em mim, minha filha! Fala-me de Manoue. Isso te aliviará o coração.

Eu queria muito àquele cura de cabelos brancos. Queria-lhe como se fôsse meu avô. Sua velhice, sua doçura, me encantavam. Ainda me lembrava de quando eu fizera a primeira comunhão, aos nove anos de idade, e como êle me tolerava nas minhas abstrações, com o pensamento em meu príncipe encantado. O velhinho de batina era um santo. Mas eu tinha a cabeça dura. Já não tendo lágrimas a derramar, fiquei como que petrificada, incapaz de pronunciar uma só palavra. Eu não sabia fazer falar meu coração. Eu tinha vergonha de minha selvageria, uma vergonha idêntica à que sentira quando, ainda criança, ao tomar banho nua, Malique me surpreendeu nesse estado de absoluta inocência. Êle riu e eu fiquei perturbada. Tudo eu daria a fim de satisfazer ao desejo dêsse bom velhinho e abrir meu coração, falar de Manoue, narrar coisas passadas, de nossas lembranças, da grande amizade que lhe dedicava, chorar mais uma vez, procurando um ser delicado que me colocasse sua mão sôbre minha fronte sofredora. Eu desejei debruçar-me sôbre sua batina, aquela sotaina velha e negra, que tanto se parecia com as saias de Manoue e, como a boa velhinha, tão perto de Deus!

E eu continuei silenciosa, muda. O bom vigário suspirou e persistiu com voz paternal:

— Você não me diz nada, Bertille? Não é preciso ser orgulhosa, nem muito tímida para encerrar tôda a sua tristeza no fundo do coração. Bem, vamos! Você precisa ir até minha casa, a fim de conversarmos, logo que estiver mais calma. Não deve ficar assim encolhida em si mesma como um caramujo em sua casca. E' aumentar a sua tristeza, o seu infortúnio. Por que você é tão casmurra, menina?

Eu resolvi dizer alguma coisa e me saiu isto:

— Não é culpa minha, padre.

— Não, não, claro que não é por sua culpa. Sempre foi assim, Bertille. Mas é preciso ficar como os outros são. Você não tem simplicidade em seus pensamentos e isso a fará sempre infeliz. Venha ver-me algumas vêzes. Plantaremos dálias brancas sôbre o túmulo de Manoue.

Eu o vi levantar-se. Estava magro, velho, inclinado para a frente. Ao chegar à porta de saída, voltou-se, fitou-me as faces rubras, meus braços sem contrôle. E, com a mão erguida, traçou no ar uma cruz, uma pequena cruz em minha direção.

— Faça sua prece esta tarde, Bertille. Há luz em seu espírito, claridade em sua alma, como a transparência de água limpa.

Quando êle se foi a porta se fechou num gemido. Já lá fora, a caminho da aldeia, o padre encontrara Malique. Eu estava na cozinha e ouvi sua conversa, sem o querer.

Eu me erguera e fôra fechar uma janela na mesma direção. Eu ouvi quando o padre lhe disse, numa espécie de conselho, em final de palestra:

— ... uma velha criada que não exija mais do que casa e comida...

Eu ouvi a resposta de Malique:

— Bertille não concordaria, senhor vigário. Além de tudo para que uma empregada, se há pouco trabalho em nossa casa!

O padre não respondeu imediatamente. Em seguida, sua voz baixou como se quisesse confiar um segrêdo:

— Você deve compreender bem o que eu quero dizer, Malique! Bertille e você ainda são muito jovens para ficarem a sós e juntos sob o mesmo teto, num sítio isolado. Os vizinhos podem falar...

— Que o diabo os leve! Que mal haverá em que moremos juntos e a sós, eu e ela, meu Deus? Por ventura não somos como irmão e irmã, criados juntos, crescendo unidos, durante tanto tempo?

— Sim, sei, sei... Mas o melhor seria que você a desposasse. Ela, coitadinha! está tão só! E você, como está, também estará muito só, isolado...

— E' verdade, padre. Ambos estamos sòzinhos! Eu me vejo só, e ela, também muito só.

O padre silenciou e após breve pausa:

— Vamos... Que Deus os guarde, e continuem a manter a lembrança daquela pobre velhinha que jamais voltarão a ter. Eu sei, Malique, que você é um rapaz muito correto, muito honesto. Faça sua prece da noite. Não será grande sacrifício, e isso alegra o coração. Se, por acaso, tiver necessidade de um conselho, de um socorro, venha ver-me. Eu serei para você, meu filho, como um avô.

E continuou o seu caminho apoiado na sua bengala de bambu.

Quando Malique chegou, me disse:

— Eu vi o cura, Bertille, no caminho da vila.

— Eu também o vi.

Malique se voltou para o terraço, e nossos pensamentos se uniram sem que déssemos por isso.

— O pobre cura tem grande pena de nós, Bertille.

— Sim. E' um grande coração. Êle plantará flores sôbre o túmulo de nossa boa Manoue.

Muitas vêzes eu adormecia debruçada sôbre a mesa, exausta de tanto chorar. Malique se encarregava de retirar a mesa, arrumar as coisas e lavar a louça. Tudo com gestos prudentes e doces a fim de não perturbar-me os cochilos. Quando acabava êle vinha sentar-se diante de mim, braços cruzados, a fitar-me, olhando-me dormir.

Depois, diante do adiantado da hora, despertava-me:

— E' preciso ir deitar-se, Bertille. Sua cama está feita.

Uma noite êle pede:

— Quer que eu a leve para a cama como antigamente?

Eu estava tonta de sono. Ouvi sua voz, mas não compreendi o que dizia. E minha cabeça tombou sôbre seu ombro. Então êle me levou enrolada em meu fichu, como nos bons tempos...

Passaram-se meses. Nossa vida continuava no mesmo. Um domingo eu me vesti para ir à missa em Maxou. Havia festa, sem dúvida, pois, em meio de muitas flores estava o Santíssimo Sacramento a brilhar como um sol. Pareceu-me que êle era maior que o altar, mais alto que o teto. Parecia que êle olhava com doçura para todos aquêles fiéis compungidos, para as paredes velhinhas, para as grandes misérias de todos aquêles devotos ajoelhados. E eu senti como que se Êle me falasse a afagar-me os cabelos.

CAPÍTULO XII

Quando abri os olhos naquela manhã, não vi mais do que um tempo cinzento, um vazio desolador, onde o dia azulado entrava sem luz. Eu não podia habituar-me a êsse silêncio e a êsse sombrio. Mal despertava de meu sono e de meus sonhos eu chorava por não mais poder ver, diante de mim, sôbre seu leito muito alto, minha idolatrada Manoue a dormir ainda. Eu já não mais gritava: "Bom-dia, Manoue, velhinha querida!"

A alma daquele quarto parecia ter morrido. Embalde procurava eu algo que se fôra e jamais voltaria, levando a luz e a própria razão de viver. Aquela casa inteira agonizava lentamente, sem uma queixa, sem que qualquer outra pessoa, a não ser eu, sentisse a dor dêsse vácuo. Espigas de milho suspensas do teto deixavam derramar suas fôlhas negras, sêcas e dobradas, tristes como pequenas viúvas curvadas na sua desolação, e sôbre o leito forrado de bela coberta, ainda as marcas do corpo de Manoue em seu derradeiro sono.

E chegou o outono. Sôbre as árvores em muda, pássaros brancos davam grandes vôos. Algumas penas sôltas flutuavam sôbre a água esverdeada dos bebedouros. Eu me sentia envelhecer. Sim, eu me sentia enfêrma, muito séria e grave, encolhida em mim mesma, como se todo o vigor de minha juventude, todos os meus "élans", houvessem ido com a morte de Manoue. Mas me ficava qualquer coisa de belo dentro de meu coração, unida à minha dor, e foi então que me veio um desejo imenso de rezar, de orar e de fazer sacrifícios.

Eu ia ao Rosário, à noite, com Malique. As vozes monótonas, as bandeirolas de papel oscilantes, tanta luz entre tanta sombra me envolveram num êxtase feliz, num torpor delicioso, do qual eu não desejava mais sair. Tudo marchava, voando, diante de meus cílios baixados. Os dorsos negros pendidos não eram mais que massa confusa entre o azul esmaecido das paredes e o misterioso altar de ouro onde queimavam os círios e alvejavam as rendas. Eu não dormia nem sonhava. Mas era uma espécie de semidormência, de meio-sonho, naqueles minutos encantados onde a realidade muda de forma.

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

Bertille, orfã de pai e mãe, é recolhida por uma tia velha de nome Manoue, em seu sitiozinho. Bertille cresceu cheia de sonhos baseados em histórias de príncipes encantados. Vivia com êles, na mesma fazendola, o rapaz de nome Malique, também filho adotivo de Manoue. Bertille, ao chegar aos 16 anos, sentira que amava Malique, e êste também sentia por ela grande afeição. Por várias vêzes houvera oportunidades para declarações; mas ambos recuavam como que envergonhados de seus instintos. Uma tarde Manoue morreu, e Bertille ficara apenas com a proteção de Malique no mundo. O choque sofrido pela jovem foi terrível. Todo mundo procurava consolá-la, mas era inútil. Seus olhos já estavam inflamados de tantas lágrimas. Ela não podia admitir que sua tia Manoue desaparecesse daquela casa.

Tradução de RENATO DE ALENCAR — **Ilustração de RAMON**



Patrimônio

Conto de MOISÉS DUÉK

EM dado momento, o homem, à minha frente, tirou os óculos e colocou-os no bolsinho externo do paletó. Passou as mãos uma na outra, delicadamente, como se estivesse acariciando-as, e depois disse-me:

— Também eu, há algum tempo, tive uma grande sensação do passado. Quer ouvir-me?

Ajeitou-se melhor na poltrona e, sem esperar resposta, começou dizendo:

I

Eu tinha chegado àquela cidadezinha a pedido da casa para a qual vendia conservas e doces enlatados. Foi com grande alegria que recebi ordem da firma para ir a N...... Fiquei com a cabeça perturbada como uma criança ante a promessa duma grande aventura. Ir a N...! Deveria mesmo eu ir lá? Depois de tantos anos, tantos... depois de trinta e dois anos! Deveria...! Eu iria rever a praça com a igreja branca, com seu campanário donde partia, aos domingos, o convite à meditação. A praça! A praça com palmeirinhas, moitas verdes, roseiras; com os bancos de madeira, onde deixávamos os nossos nomes com a data da inscrição ou as nossas iniciais com as das namoradas numa cercadura em forma de coração que irradiava chispas flamejantes... A querida praça da infância, com o seu chafariz a que nunca demos grande importância, mas de que hoje me lembro com emoção. A praça pequena e sem muito ornamento, mas inesquecível, onde desfilei com todos os meus colegas, ao lado de meu primo Viriato, no dia de nossa primeira comunhão. Íamos em dupla fila. À frente, as meninas, parecendo noivas em miniatura, com longos vestidos brancos que lhes atrapalhavam o andar, com véus de filó que a todo instante acomodavam vaidosamente sôbre os ombros, com grinaldas de florinhas de pano empertigadas nos caules de arames torcidos. Atrás, vinhamos os meninos, solenes, graves e cheios de fé, mostrando as faixas brancas de nossos braços, sentindo-nos legítimos soldados da fé. Ah, a praça! A praça com suas alamedas, sombreadas umas, ensolaradas outras, mas tôdas cobertas de pedrinhas que se atritavam umas nas outras, quando, brincando, corríamos sôbre elas.

E não só a praça: iria rever, também, as suas ruas, tôdas feias e velhas, mas cada uma representando para mim uma lembrança mais preciosa que a outra. Essa, a rua do Jorginho, aquela, a da linda Fifita, outra, a do Carlos e do Augusto, outra amarela de tantas acácias, outra ainda, onde levei um tombo e dêle guardo indelével cicatriz na cabeça... A infância, a infância... Como tudo ia tão longe! Como já estava meio adormecido em meu coração! Mas bastara um toque para despertar completamente, em mim, tôda a suave lembrança daquêle meu tempo.

II

Inegàvelmente, meu jovem, todo o tempo que passei em N... foi agradabilíssimo e pôs-me muito excitado. Vendi muito, tanto das conservas como dos doces, e sentia-me perito no mister de vendedor. E' que ali eu me achava como em casa, em casa depois de trinta anos de prolongada ausência. Na verdade, lá só existem dois armazens que poderiam comprar os meus produtos. Mas vendi tanto, como se houvesse naquela cidadezinha nada menos de dez grandes estabelecimentos... Não devo, porém, fazer crer tão alto o meu poder de persuadir. E, para isso, basta dizer que, em um negociante, reconheci um antigo colega de aula, a quem auxiliava fraternalmente nos exames; e noutro encontrei o tio de Elisa, a minha namorada oficial aos dez anos! Nós, ainda que separados pelos supostos intransponíveis interêsses existentes entre o vendedor e o comprador, interêsses que o balcão se incumbe de acentuar, achavamo-nos intrinsecamente presos pelos laços do coração.

Com o Sebastião, lembramo-nos das aulas de aritmética do Prof. Eusébio, que aumentava com o seu austero redingote a gravidade da matéria. Recordamo-nos de Mme. Frinchet, uma pobre senhora que muito sofria em suas aulas. Também nos vinha à mente a figura simpática e solene do diretor, de seus discursos ao inaugurar as aulas no começo do ano letivo, de suas festas de encerramento do curso, no comêço do verão, festas a que iam as famílias dos alunos para assistirem à distribuição dos prêmios e às representações em que todos os alunos tomavam parte. Ah, como sonhamos eu e Sebastião, com os cotovelos fincados no balcão! As latas e os potes de amostras ficaram esquecidos, a nosso lado, bem como a lista de preços. Eram duas horas da tarde e ainda o sol parecia ser de meio-dia. Ninguém pelas ruas. No armazém, só nós dois. Sebastião, de vez em quando, virava o gargalo do moringue dentro do copo e sorvia a água com estrépito.

— Como vai longe...

Era o que êle mais dizia. E suava. Passava o lenço pela testa ampliada pela calva e trazia à baila mais uma lembrança. Falava dum, falava doutro. Falava de si mesmo. Que não dera para estudar — e disso eu sabia bem... O pai queria fazer dêle um doutor, um homem importante e depois, talvez, chegasse a ser prefeito de N... Mas êle não dava para estudar. Gostava de jogar futebol, isso sim, e bilhar, também, no café do Acácio. Jogava bem. Jogava muito bem tudo. Futebol nem se fala. Quando o selecionado de N... foi disputar a taça bianual daquela zona, êle fêz convergir sôbre si a atenção geral. E, afinal, conquistou-a para a nossa cidade! E contou-me das homenagens. O prefeito esperou-o na estação, discursos, banda de música, bandeiras, felicitações, abraços... Pena que eu não tivesse presenciado. Era pena! Por essa época, êle já havia deixado de estudar. Ajudava ao pai no balcão. E namorava, também. O amor entre êle e a jovem dos seus sonhos aumentou, aumentou de um momento

(Continua na pág. 53)



Ilustração de J. RIBEIRO



Na foto ao alto: "Runge" orixá, que representa São Cosme, saúda Obaluayê João da Goméa quando dançava, atuado.



HOMENAGEADO O FILHO DE OXALÁ E NANÃ ★ IRMÃO DE SERPENTE ★ A LENDA ★ PRESENTE O CHEFE DE POLÍCIA

De DEMÓSTENES VARELA ★ Fotos "ÚLTIMA HORA"

POR QUE as grandes festas rituais e litúrgicas das crenças africanos no Brasil coincidem sempre com as datas mais consagradas do agiológico católico? Por que, nos dias santos da Igreja Católica, quando as catedrais e os templos regorgitam de fiéis e as velas propiciatórias iluminam o ambiente, também nos terreiros das macumbas e candomblés, os "pais de santo", "cambonos" e "cavalos" se reunem e dançam e cantam ao som dos atabaques? Porque, segundo dizem os estudiosos e historiadores de nossa formação religiosa, quando os negros vieram de várias regiões da África exportados como escravos, era-lhes proibido orar pelos seus ícones; era-lhes proibido adorar os seus ídolos; era-lhes proibido invocar babalorixás de suas crenças e usos, sob pena de surra, prisão e castigos tremendos.

Que fizeram, então, os cabindas, os nagôs, os melês, os bantus em terras do Brasil, desde o Recife a Santos? Mudaram os nomes de seus ídolos e passaram a batizá-los com os nomes dos santos da Igreja Católica.

NO CANDOMBLÉ DO GOMÉA

NO CANDOMBLÉ DO GOMÉA

Assim, Nanã Burucu é N. Senhora da Glória; Yançã, N.S. do Rosário; Ogum, S. Jorge; Runge é S. Cosme, numa infinidade de rebatismos que chegaram até nós muitos dêles já deturpados pela tradição oral através de populações analfabetas e sem qualquer noção de história.

Devemos ao grande sábio Nina Rodrigues os primeiros estudos científicos dêsse processo de aculturação do negro africano em terras do litoral brasileiro, estudos êsses que tiveram seu grande continuador no saudoso etnólogo e sociólogo Artur Ramos, trabalho que se mantém hoje perfeitamente vivo e eficiente na obra admirável de Edson Carneiro, outro estudioso dos problemas de aculturação afro-brasileira.

Ao lado, porém, do africano, existia a religião dos índios, cujas crenças invadiram os costumes dos brancos invasores e dos seus descendentes, até nós em plena metade do século XX. Nesse ecletismo religioso os espíritos se mesclaram de superstições e crenças, de religião e de feiticismos. Atualmente um terreiro de macumba no Rio, no Estado do Rio ou em Minas, já não é mais o "gongá" dos africanos que chegavam no porão das caravelas apodrecendo de gente desgraçada. E' um misto de catolicismo, espiritismo e afro-indianismo. Tanto pode haver uma espada de S. Jorge, como um arco com flecha do caboclo Tupi; tanto se vê em um nicho uma imagem de N.S. da Conceição, como uma figa enfeitada de fita, símbolo dos negros de Madagascar.

O Gen. Ciro Rezende, Chefe de Polícia, observa atentamente o desenrolar das cenas, enquanto João da Goméa, o maior macumbeiro de Caxias, gritava "eparrei!"

O Sen. Pinto Aleixo e Sra.; o Embaixador da Bolívia e Sra.; o Cônsul do Canadá, o Dep. Assis Maron e outras pessoas assistiram às cenas de macumba.



O sábio Obaluayê, com seus paramentos de luxo, envôlto em missangas e protegido dos maus fluidos, baixou ao terreiro: Atotô... atotô... Depois de que veio Yançã

A LENDA DE OBALUAYÊ

No ritual afro-indígena do candomblé de Joãozinho da Goméa realizam-se umas obrigações para festejar o poderoso filho incestuoso de Oxalá e Nanã.

Segundo a lenda o sábio orixá é o fruto do amor de Nanã pelo seu filho Oxalá. Obaluayê nascera defeituoso, capenga e chaguento. No Reino dos Encantados era a sua companhia evitada pelos demais orixás. Por isto o filho de Nanã dedicou-se ao estudo de ervas. Tornou-se com o tempo um profundo conhecedor de tôda ciência médica.

Porém sua mãe, descontente, por ter gerado um monstrengo, pedira a Obatalá lhe concedesse outro filho. Mas o segundo parto foi um castigo impôsto pela divindade, porque Nanã não se conformara com o filho que nascera coberto de chagas.

A mãe e mulher de Oxalá dera à luz, às margens de um lago, um feio ofídio, que se tornara irmão de Obaluayê.

Sob a invocação das filhas de santo no terreiro do famoso abaçá carioca, o poderoso Obaluayê, baixou, trazendo do além os fluidos de sua alquímia divina. Os atabaques tangendo a cadência ritual e os pais de santo entoando e rezando invocações. Tudo na macumba é de um primitivismo encantador. Obaluayê, médico dos pobres e advogado da "peste", quando baixa, gosta de dançar sòzinho e evita perfumes, porque não admite que os homens usem perfumes para encobrir a podridão humana.

Até altas horas da madrugada prosseguiu a batucada no candomblé do Goméa, dançando o poderoso orixá, enquanto os demais se iam e o terreiro ficava sob o domínio do filho de Nanã.

Indumento e danças que lembram usos e costumes dos rituais de nossos índios, atestam o ecletismo do afro-brasileirismo de nossas macumbas, como vemos.

NO CANDOMBLÉ DO GOMÉA



Legítima baiana no mais vivo de sua coreografia ritual, no terreiro de João, mostra os processos de evocação e agradecimento dos candomblés do Salvador.



As danças da macumba carioca são mais ou menos as mesmas dos changôs, dos candomblés e dos catimbós, tudo mesclado de africanismo e índio.

FILHO, MEU FILHO

Texto e cenário de GUIDO MARTINA

PERSONAGENS:

JEAN	RENATO SCANZINI
MARIO	FRANCO FABRIZZI
ZAIRA	LUIZA ALLIANI
SOLANGE	LICIA NAPPO
DUPUIS	MAXIMO ALTAVILLA
JOANA	NIETTA ZOCCHI

CAPITULO 11 — (resumo da parte já publicada)

J[illegible]

INFELIZMENTE A FUNDI E ENCONTREI UM OURIVES QUE MA COMPROU BEM CARO

PORQUE! O QUE TINHA DE ESPECIAL?

O QUE FEZ DA MEDALHINHA?!

SE ÊLE FOSSE INTELIGENTE DEVORARIA SUA INFERNAL DOMADORA!

PROFESSOR O QUE É QUE O URSO COME?

ZAIRA VOCÊ TEM RAZÃO. MÁRIO NÃO É DE PÊSO PARA NÓS. O POUCO QUE TEMOS DÁ PARA TODOS NÓS..

...E QUANDO NÃO TIVERMOS MAIS NADA NOS ARRANJEREMOS DE OUTRA MANEIRA

SE DEVO FICAR COM VOCÊS DEVO AO MENOS FAZER ALGUMA COISA DE ÚTIL!

FARÁ! E DE HÁ MUITO QUE TENHO UMA COISA PARA LHE DIZER...

FÁCIL IDENTIFICAÇÃO! E EU DESTRUÍ!

ERA DE ESTILO ANTIGO E DE UM LAVOR ESPECIAL RARO HOJE. NÃO PODIA ME ARRISCAR COM UM OBJETO DE PROVINIÊNCIA DUVIDOSA E DE FÁCIL IDENTIFICAÇÃO!

MÁRIO FICA PESAROSO, MUITO EMBORA SINTA A DUCURA DOS CARINHOS DE ZAIRA...

ZAIRA, SEI QUE VOCÊ NÃO CONSEGUE ME ACALMAR DIANTE DO QUE FIZ!

MÁRIO... NÃO SE AFLIJA... DEUS NÃO ABANDONARÁ AQUÊLE DESVENTURADO GARÔTO... NEM TÃO POUCO EU O ABANDONAREI... NEM A ÊLE NEM A VOCÊ.

...E A MEIGUICE DA VOZ DE ZAIRA E NO CONTACTO DE SUAS MÃOS AFETUOSAS...

DIGA, ZAIRA! O QUE POSSO FAZER POR VOCÊS! ENTÃO ACREDITA QUE UM CEGO PODE AJUDAR?

PODE, MÁRIO! E PODE AJUDAR MUITO: ESTOU CERTA QUE TITIA FICARÁ CONTENTE.

DE QUE É QUE SE TRATA?

PORQUE NÃO! DEPOIS ME AGRADA VER O URSO DANSAR AO SOM DE UMA MÚSICA DECENTE, EM VEZ DAQUELES DISCOS ESTRAGADOS

MÁRIO É MÚSICO NÃO PODERIA FAZER UM BOM NÚMERO DE SANFONA?

SE COM ISTO TORNO-ME ÚTIL, FAREI DE BOA VONTADE!

MAMÃE, PORQUE NÃO ME DEU MAIS! ESTOU COM FOME!

COMA AQUILO QUE LHE DEI E NÃO RECLAME. VOCÊ TEM VERMES!

MAIS TARDE...

COMPREENDO QUE NOSSA PRESENÇA FAZ DIMINUIR A COMIDA...

E DEPOIS, QUANDO FALTAR A COMIDA MATAREMOS O URSO E FAREMOS UM BANQUETE!

NÃO DIGA ISTO MÁRIO: ONDE HÁ COMIDA PARA QUATRO, DÁ TAMBÉM PARA SEIS...

ANTES DE MATAR O URSO, MATARÍAMOS A VOCÊ, BOBALHÃO!

O PROFESSOR E CARLOS VÃO PREPARAR PARA O ESPETÁCULO!

TEM É SORTE O VELHO URSO! AGORA VAI DANÇAR COM UM MÚSICO DE VERDADE!

SIM, MÁRIO TOCA MUITO BEM. VOU BUSCAR A SANFONA PARA OUVIR!

E ENTÃO O QUE ESPERA? VÁ ATRAIR O POVO COM SEUS DISCURSOS ESTRANBÓLICOS!

PREPARAR PARA O ESPETÁCULO!! CARAMBA! NÃO HÁ VIVA ALMA!

MÁRIO...VOCÊ FICOU CONTENTE COM A MINHA INSISTÊNCIA...

ZAIRA VOCÊ É BOAZINHA! EU FICAREI COM VOCÊS, SE É QUE ISTO DÁ UM CERTO BEM ESTAR AO GARÔTO...

POR MIM? QUE POSSO EU ESPERAR? O FUTURO NÃO EXISTE MAIS PARA MIM!

FAZ SOMENTE PELO GARÔTO, MÁRIO! NÃO FAZ TAMBÉM POR VOCÊ?

"DORME, DORME FILHINHO, ANJINHO INOCENTE...!"

"DORME QUERIDINHO...TUA MAMÃ ESTÁ CONTENTE..."

GUIADO PELAS MÃOS DE MÁRIO JEAN CANTOU AQUELA MESMA CANÇÃO QUE NAQUELA NOITE FATAL MÁRIO OUVIRA NO "ABRIGO" DE VARSÓVIA...

ENQUANTO ISTO, HÁ MILHARES DE QUILÔMETROS, NAS RUINAS DE UM CAMPO DE CONCENTRAÇÃO...

SIM, HÁ DE VÊ-LO; MAS AGORA PROCURE REPOUSAR SOLANGE...

NÃO QUERO MORRER... NÃO QUERO MORRER ANTES DE VÊ-LO PELA ÚLTIMA VEZ...

A MÃE DE JEAN SENTE QUE OS DIAS VÃO SE PASSANDO COMO O BRUXOLEAR DE UMA VELA...

NÃO FALE ASSIM, MÁRIO! VOCÊ JÁ NÃO ME DISSE QUE O MÉDICO NÃO LHE DESENGANOU POR COMPLETO... TALVÊS HAJA UM MEIO DE LHE RESTITUIR A VISTA... EU FAREI TUDO, TUDO PARA LHE AJUDAR!

EU SEI QUE VOCÊ É CAPAZ DISSO, QUERIDA, E LHE AGRADEÇO... MAS É INÚTIL! JÁ SOU FELIZ AO SEU LADO, SENTINDO SUA AFEIÇÃO, OUVINDO SUAS PALAVRAS QUE VÊM DE UM CORAÇÃO SINCERO DEPOIS DE TANTOS ANOS DE SOLIDÃO... E SEI QUE NÃO ESTOU COMPLETAMENTE ABANDONADO!

MÁRIO PÁRA E PÕE TODA SUA ALMA NA MÚSICA, TRADUZINDO TUDO QUE NÃO TEVE CORAGEM DE DIZER A ZAIRA. E QUANDO TERMINOU...

É MUITO BONITO PARA OS BUGRES DÊSTE LUGAR!

COMO É BONITO, TOQUE, MÁRIO, TOQUE MAIS!

CRÊ QUE EU POSSA REPRESENTAR?

SIM MÁRIO, TOQUE AQUELE CANTO DE NINAR!

QUERO MEU FILHO, MEU FILHO! O MEU JEAN! SEI QUE NÃO ESTÁ MORTO! PORQUE ME PRENDEM! QUERO MEU FILHO!

CALMA, TENHA CALMA... QUANDO FICAR BOA O ENCONTRARÁ...

DURMA, DURMA...

...POBRE FILHINHO... NÃO TEM MEDO DE DORMIR NA ESCURIDÃO... SEM SUA MAMÃ... A LHE VELAR O SONO...

EXPERIMENTE VOCÊ, GARÔTO! EU NÃO JÁ LHE ENSINEI A TOCÁ-LA NO VIOLINO...

SIM... SIM... MAS COMO SE FAZ COM TANTAS TECLAS?

ASSIM: PONHA OS DEDOS AQUI... E AQUI... PRIMEIRAMENTE VAMOS TOCAR JUNTOS.

EXPERIMENTEMOS

CAUSA DO VÊ-LA SENTADA SEM PODER FAZER NADA POR ÊLE...

DORME MEU FILHO... EU VELO AO SEU LADO... DORME MEU BEM...

DEUS DEVERIA SE COMPADECER DELA E LEVÁ-LA PARA O CÉU...

SE A GUERRA NÃO TERMINAR LOGO ESTA POBREZINHA NÃO SAIRÁ COM VIDA DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO...

A REVISTA HÁ 50 ANOS

7 de Setembro de 1902

CRÔNICA

De quando em quando ouve a cidade falar de uma senhora que em outro país, onde a cultura das letras não tivesse por concorrentes vitoriosas a cultura do café e da advocacia administrativa, seria um dos poucos títulos pelos quais um povo culto se impõe à estima e admiração dos estranhos. Aqui, essa inteligência alta, clara e nobre recebe apenas, como escritora, a homenagem devota de uma memória transviada dos interêsses práticos da vida pela lamentável quimera de um ideal incompatível com o meio cósmico e social. O resto respeita nela a mãe de família exemplar porque não tem outro remédio e, de passagem, por uns longes de pudor mental, murmura, apressado: "Quem?!... A d. Júlia Lopes?... Tem, tem muito talento!" Enclausurada na sua poética vivenda de Santa Teresa, da qual desce uma ou duas vêzes por semana para passear a pequenada, uns anjinhos lindos como os amôres e vivos como o azougue, d. Júlia Lopes de Almeida vive para os seus e para a arte, contente da alegria de escrever como quantos escrevem com o coração, superior às desilusões e às angústias dos que já não crêem nem esperam, vivendo um sonho intérmino de coisas belas para elevar os espíritos, melhorar as almas e perfumar o ambiente. Se quebra o silêncio, se rompe a clausura, se malgrado seu faz falar de si, é sempre como advogada da Beleza ou da Bondade, nisso acompanhando outras senhoras que às terras de língua portuguêsa emprestam graça e inteligência: Maria Amália, Cláudia de Campos, a duquesa de Palmela. E, ainda agora, a sua iniciativa vem pôr uma nota de suave meiguice no tremedal político-financeiro dos últimos dias. O cronista, que conhece o entranhado amor votado nos países de adiantada cerebração à cultura das flores, não pode deixar de aplaudir a idéia da boa e inteligente senhora e faz votos para que sob a magia comunicativa do seu entusiasmo venha a reproduzir-se no Rio a febre de que fala o cronista: "Em 1636 e 1637 o comércio de flores na Holanda atingiu as proporções de uma mania e as tulipas tornaram-se um objeto de especulação como as ações e debêntures dos nossos dias. Capitalistas, negociantes e simples particulares negociavam exclusivamente em bolbos, chegando a acumular grandes fortunas. Uma "semper Augustus" foi vendida por 13.000 florins; uma Almirante Liefkens por 4.500; uma Vice-Rei por 4.200; e de uma pequena cidade holandesa se conta ter entesourado em um ano dez milhões de florins. — **JACQUES BONHOMME**

CONSELHEIRO JUSTINO DE ANDRADE



O Conselheiro Justino de Andrade, cujo retrato agora estampamos, foi lente de direito civil na Faculdade de S. Paulo, de 1860 a 1891, quando, violentamente aposentado pelo Govêrno Provisório, se dedicou exclusivamente a seus estudos de gabinete e consultas. Faleceu a 25 de julho do corrente ano. A sua memória será sempre respeitada por todos os seus discípulos, alguns dos quais ocupam atualmente elevados cargos na administração do país.

Conhecedor profundo da ciência do direito, abalizado jurisconsulto, as suas preleções eram ouvidas com a máxima atenção pelos acadêmicos e os seus pareceres jurídicos acatados pelos luzeiros da magistratura brasileira.. Simples e retraído, caráter honestíssimo, a sua personalidade privada inspirava respeito a todos que o conheciam e dêle se aproximavam. A sua morte foi sentidíssima por todos aquêles que sabem reconhecer o mérito dos homens superiores. No dia 25 de agôsto último o Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, nesta capital, realizou uma sessão solene em memória do notável jurista e inaugurou o seu retrato no seu salão de honra. Pronunciaram discursos naquela sessão os Drs. Bulhões Carvalho, presidente do Instituto, e o Conselheiro Carlos de Carvalho.

O TÍSICO

DIA a dia, definhava êle e, de vez em quando, o
... quase surdo da sua tosse fraca vibrava qual
se fôsse já o som cadenciado da marcha fúnebre. O
seu corpo raquítico e estreito tinha-se despido da sa-
lutar robustez de outrora, animado, ainda, entretan-
to, pela lucidez cerebral das idéias que, por um con-
traste natural à moléstia, se aperfeiçoavam cada
vez mais. As vêzes, a custo, revia os livros, demo-
rando-se atentamente a fitar, extasiado, os objetos
mais vulgares que o cercavam: — o álbum auto-
gráfico, os quadros simbólicos, as fôlhas de papel
e, sobretudo um ramo sêco de violetas murchas, ata-
do num laço de fita verde claro. Que de recorda-
ções, então, turbilhonavam-lhe o cérebro quando
olhava aquelas pequeninas flores! Acudia-lhe a idéia
o seu saudoso amor antigo, as noites festivas dos
bailes, o perfil louro da sua noiva tão ingrata, que
agora andava por lá, em terras longínquas, entre-
gue, feliz, aos braços de outro, na doce plenitude
dos gozos da vida, — enquanto êle, esquecido e só,
ali estava inteiramente morto já quase sepultado em
vida, a dois passos dêsse túmulo tão escuro, tão
frio, tão solitário e donde a gente nunca mais sai,
encarcerado eterno e privado para sempre das en-
cantadoras manhãs azuis e das auroras sorridentes
da esperança.

Um sentimento de revolta dominava-o e êle que-
ria correr pelos campos afora, novamente moço,
forte, — fazendo um grande esfôrço sôbre-humano,
quando uma síncope o prostrava, levando-o outra vez,
impotente e passivo, para o sombrio recolhimento
da sua alcova. Aí permanecia longas horas até que
a luz das noites claras o atraía para junto das vi-
draças transparentes, envolvendo-o em recordações
tristes, à luz dos luares cismáticos e merencórios.
Na vasta nebulosa das recordações apareciam uma
a uma — pelos claros mortos da memória — tôdas as
cenas antigas agora extintas para sempre: — os
idílios à sombra dos rosais floridos, as palavras
dela, as músicas da sua cítara e do seu piano e até,
— por uma verdadeira intensidade nostálgica, — o
aroma fino dos seus cabelos sedosos. Reconsti-
tuiam-se os mínimos incidentes do passado e tudo
semelhava-se, nesse momento, a um amplo Cairo de
saudade, a uma comunicativa paisagem oriental com
seus castelos góticos em ruínas e suas mudas es-
finges impassíveis. Era assim que passava êle as
noites: e quando, em u'a manhã fria de inverno, o
procuraram na alcova, — encontraram-no naquela
mesma posição cismadora, — os lábios entre abertos
no prelúdio de um sorriso e uma lágrima tre-
mulando nas faces pálidas como uma gôta transpa-
rente de orvalho na pétala descorada de um lírio
esmaecido. Estava morto. — **HIPÓLITO PEREIRA**

● *E' mais fácil dizer cousas novas do que conciliar as que já foram ditas.*

● *Foi descoberta, há poucos dias, em Boscoreale, magnífica estátua de bronze representando Hércules em repouso, sentado sôbre um rochedo e com a sua clava no ombro. A obra está muito bem conservada e lembra, como tipo de arte, o famoso Hércules Farnésio, do Museu de Roma.*

Vai ser colocada no Museu de Nápoles.

ESCRAVO

Na tenda guerreira dêsse beduíno que um dia se partira para a remota e afastada Meca dos ideais, e que fazia a vida de luta e na luta, num caminhar constante, nessa tenda guerreira onde todos vinham agora cumprimentá-lo depois da batalha, êle ficava apreensivo e triste suspeitando o quebrantamento das fôrças e das energias. Assomavam-lhe ao espírito dúvidas sôbre o valor intrínseco da vitória, porque tinha saudades do tempo em que fôra simplesmente um rebelde, porque fôra mais livre nesses tempos e mais feliz.

Então era ao menos o senhor único de si mesmo, senhor absoluto que não precisava refletir no dia de amanhã e para quem bastava o sentimento da própria independência.

Mas, inùtilmente, uma explosão de revoltas, o instinto das liberdades rugia-lhe dentro do amor, como um leão dentro da jaula, porque sempre caía prostrado, bracejando a sua fraqueza de escravo.

Habituava-se até à idéia de experimentar uma alegria imensa e um enorme confôrto com essa abdicação forçada do seu "eu". Vinha-lhe a certeza de que valia mais e melhor vencia, porque trazia ao peito o amuleto dos seus afetos. E vinha-lhe a esperança de que o carinho de um sorriso e a meiguice de um olhar lhe pagassem tôda essa longa submissão completa. E, reconhecido, tinha então um grande orgulho de ser assim atleta e poderoso, muito forte, porque podia dobrar o joelho para fazer-se um pedestal de glórias a essa criança morena dos olhos pretos ,que sabia o segrêdo de sua escravidão.

PARDAL MALLET

1 — *Uma saia reversível, para ser usada com frente única ou roupa de banho.*

2 — *Modêlo prático e muito gracioso, em algodão listrado, sem mangas, mas bem fechado no pescoço.*

3 — *Vestido-avental, com dois imensos bolsos abotoados, em fazenda rosa.*

4 — *Êste vestido em popeline vermelha, com b a b a d o adornado de flores bordadas em palha, pode ser usado à noite.*



UMA PÁGINA PARA A JUVENTUDE





Um pijama de inspiração chinesa



Gracioso pijama em popeline vermelha, com debruns e reversos brancos. Blusa branca de malha de algodão.

Se quizer ser diferente...

Faça uma blusa de jersey plissado, violeta, para usar com calças verdes.



Sofisticação no campo

Calças modernissimas em tecido amarelo — com bolsos muito originais. A blusa é em estampado vermelho e azul.



PARA IR PASSEAR

Cheta, no seu camarim, depois do banho de sol, pega os patins e prepara-se para dar uma voltinha. Oh! — pensa ela — como é bom estar assim à vontade, sem aquêles trajes de homem, eu que sou mulher de verdade. Igualzinha à Amélia...



Enquanto isso, sua ânsia de carinho se compraz em beijar castamente o seu amador treinador, o Amorim, o qual testemunha que, de Cheta, tudo se obtém com carinho. Com maus modos, ela é capaz de fazer greve na hora do espetáculo.



CHETA QUER CASAR

O MACACO DO CIRCO NÃO É MACACO ★ A SENHORITA CHETA ★ VIDA DE ARTISTA ★ "BROTINHO", NÃO ★ ACREDITE QUEM QUISER

Texto de **SIMON ORANG** ★ Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

SE queres te divertir — diz um provérbio do interior — compra um macaco... Brincadeira de mau-gôsto com os **nossos** venerandos ancestrais, falta de respeito com a respeitável macacada, que Darwin elevou à honrosa ascendência de que não pode duvidar quem conhecer Cheta, chimpanzé-artista, que, depois de haver trabalhado em Hollywood, ao lado de Tarzan, agora está no Rio, como a **great atraction** de um grande circo.

Pois fomos entrevistar o macaco, de quem se contam maravilhas e que sòmente conhecíamos através os filmes do filho das selvas.

A primeira surprêsa do repórter foi a constatação sensacional: o macaco de "smocking", que fuma, anda de patins, de velocípede e de bicicleta, não é macaco — mas... macaca.

Era domingo e penetramos no circo pela manhã, enquanto a Senhorita Cheta, como artista que se preza... tomava seu banho de sol, sem "maillot", nem "Bikini", nem ao menos um "cache-sex" à "la Jacques Fath". Deitada numa esteira, à porta do seu "bungalow" hollywoodesco, a senhorita não podia deixar dúvidas a ninguém que o era.

Ao lado, Rodolfo Amorim, seu "entraineur",

CHETA QUER CASAR

Andando de bicicleta, ainda melancólica... Saudades de Tarzan ou ânsias indefinidas de quem não encontrou o sonhado príncipe encantado e vive a divertir os outros sem encontrar diversão?

bastos cabelos ondulados, repartidos ao meio, sorridente e feliz com seu bigodinho de artista de cinema, falava com tanto entusiasmo da sua pupila, respondia com tamanho "élan" à avalanche de perguntas da nossa curiosidade e indiscrição, que, aos poucos, fomos esquecendo que falávamos ao mais autorizado porta-voz de Cheta e passamos a sentir como se com ela mesmo conversássemos.

— E' a mesma dos filmes de Tarzan?

— Claro que sim. Ela trabalhou em Hollywood, até entende inglês e gosta quando ponho na vitrola "The man I love" e outros discos. E' louca por Bing Crosby, principalmente quando êste faz aquêles "Bu...bu...bu...". Parece que ela entende, ou isso lhe evoca a linguagem das matas africanas. Foi Aneresco, o empresário argentino, quem a trouxe para a América do Sul e Garcia, que tem peito, como bom paulista, não deixou que nenhum circo sul-americano nos levasse a "estrêla". Passei a ser "manager", por ordem do chefe e hoje gosto tanto dela, que até minha mulher parece que já anda enciumada...

— Cruz, credo! — exclama Odete, sua mulher, a paulistinha de Botucatu, aparecendo à porta do barraco do artista, trazendo nos braços o filhinho do casal, Antolin Rodolfo, de três meses, nascido em Belém do Pará.

— Se fôsse mulher era Nazareth, não era?

— Como sabe?

— Porque a senhora já tinha feito promessa, não é?

— Puxa vida, o senhor adivinha?

— Não; já estive no Pará...

O casalzinho simpático, êle nordestino, ela sulista, fala com entusiasmo da vida errante que levam, espalhando diversão por êsse Brasil afora.

— Por que o garôto se chama Antolin? Também foi promessa?

Ambos riem, ela mostrando os dentes bonitos:

— E' o nome de **seu** Garcia, o patrão e padrinho dêle. Antes de ser dono de circo, êle foi artista de teatro e mágico. Agora está rico, tem três circos e tem corrido tôdas as Américas. Em nosso meio, nós o chamamos "O Rei do Circo", um reinado que já fêz bodas de prata.

— Qual a vida de Cheta?

— Vida de artista, com suas horas certas para tudo...

— Dorme cedo?

— Só depois do espetáculo, lá para meia-noite.

— E como dorme, em que posição?

— Como gente, virada para o lado, só vendo, no seu colchãozinho de mola. E quando esfria, puxa logo as cobertas...

— Acorda cedo?

— Antes das oito. Quando vou subindo os degraus, ela já começa os seus guinchos de prazer. E recebe-me de braços abertos.

Parece que Cheta entendeu a palestra. Levantou-se e, com aquêle jeitão, veio andando até nós e nos estendeu a mão, com uma afabilidade de fazer inveja a muita estrêla, que tem passado pelo Rio, deixando péssima impressão de sua educação na reportagem carioca. Estendeu a mão outra vez e sentou-se num banco, passando as mãos no rosto, como se estivesse acertando a maquilagem com leite de rosas e outras coisas.

— O senhor não imagina como Cheta é amável — diz Odete, que já puzera o pequeno Antolin na rêde que lhe serve de berço e viera tomar parte na conversa. E acrescentou: — E' tão boazinha. Brinca com Sheik...

— Sheik?

Ela riu e explicou que êsse era o nome do cão dinamarquês do circo. Só não gosta de gente de côr... explicou a paulistinha, que já fêz um número com um hipopótamo, que o circo vendeu.

— Deve ser algum complexo... foi a resposta mais simples que ocorreu ao espírito de quem foi parar logo nas brenhas e misturou Darwin com Freud...

— E depois de acordar, que é que a Cheta faz?

— Um pouco de exercício, toma um cafèzinho e, às 9, "bananada", isto é, seis bananas esmagadas com leite e seis tomates, por causa das vitaminas.

Amorim explica que vitamina é coisa que não falta a Cheta. Antes de dormir, às 11,30, tôdas as noites a estrêla faz a sua "ceia":

MENU DE CHETA

1 — *1 dúzia de bananas*
2 — *250 gramas de cenoura*
3 — *½ quilo de tomates*
4 — *1 litro de água*
5 — *um cafèzinho.*

A VIDA PRIVADA DE CHETA

Notáramos que a estrêla estava inquieta. Saudades das selvas africanas ou dos estúdios de Hollywood e de Tarzan? Quando um leão urrou dentro de uma das jaulas, Cheta parece que teve más recordações e não gostou. Virou os olhos desconfiada, passou a mão no queixo e seus pêlos se arrepiaram. Sossegado o leão, passou por nós, amarrado em pernas de pau, mas seguro pelas manoplas por dois homens, um dos quais, soubemos depois, ser o Professor Joaquim de Araújo, famoso domesticador de animais, um chimpanzé, da mesma raça de Cheta. O olhar que Johnny (chama-se assim êsse futuro artista, que está sendo treinado para novos números) lançou a Cheta, ao passar, e a insistência com que procurava morder as mãos dos que o seguravam, buscando desvencilhar-se, como que para lançar-se aos pés da famosa estrêla, nos parecia pôr na pista de um romance de amor no meio da macacada.

— Coração de repórter não se engana, não se engana, Cheta, e repórter é bicho que não respeita a vida privada de ninguém... Tenha paciência. Você está dando bola para êsse macaquinho!

Cheta pareceu compreender e protestou, guinchando, guinchando, fazendo repetidos "nãos" com a cabeça, num desespêro de quem quer falar e não pode, numa aflição que até, com perdão do Félix Cagnet, fazia lembrar Dom Rafael de Juncal, querendo dizer tudo e não podendo, na novela que todos ouvem e nem todos se julgam no direito de dizer que ouvem...

Nossa aflição também tomava ares novelescos. Havia ali positivamente um "quê" de misterioso. Johnny estava apaixonado. Cheta, solteira, sem compromissos... Por que não deixaram Johnny

(Cont. na pág. 46)



No seu leito de solteira, em idade de casar, Cheta sonha os lindos sonhos que o poeta Vitorino Palhares descreveu — nos tempos do romantismo — sob o título de "Noites da Virgem".



Coração de mulher não se engana, não se engana... Cheta acaricia o filhinho do seu querido treinador e revela os melhores dotes de seu delicado coração feminino...

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa .	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — «OH!» É UMA:

— Interjeição?
— Conjunção?
— Ou advérbio?

2 — QUE QUER DIZER «OARISTO»:

— Tempo de verbo?
— Conversa íntima entre marido e mulher?
— Espécie de marisco?

3 — QUE SIGNIFICA PEDÚNCULO:

— Pé da flor ou do fruto?
— Pé inchado?
— Casca de pau?

4 — EM QUAIS DÊSTES MEIOS É EMPREGADO O «QUADRATIM»:

— Na aeronáutica?
— Na lavandaria?
— Na tipografia?

5 — EM QUE PARTE DO NOSSO CORPO FICA O MÚSCULO QUADRICÍPITE:

— Na coxa?
— No torax?
— No braço?

6 — EM QUAL DESTAS REGIÕES FLORESCE A ÁRVORE «QUIXABEIRA»:

— No sul do Rio Grande?
— No sertão nordestino?
— Nas praias do Estado de Santa Catarina?

7 — QUE NOME SE DÁ AO ADVOGADO SEM DIPLOMA:

— Esculápio?
— Rábula?
— Higrólogo?

8 — QUAL DÊSTES NOMES É SINÔNIMO DE «HALL»:

— Saguão?
— Pistilo?
— Veneziana?

9 — QUE NOME TEM O ABUSO DO FUMAR:

— Necropsia?
— Tabagismo?
— Escoliose?

10 — O «TACAPE» ENTRE OS NOSSOS ÍNDIOS, ERA:

— Veneno de cobra?
— Espécie de clava?
— Canoa pequena?

11 — O «AZORRAGUE» É:

— Mosca dos pântanos?
— Ladeira escorregadia?
— Chicote?

12 — QUE QUER DIZER «TAIFEIRO»:

— Criado de navio mercante?
— Pedreiro?
— Canoeiro?

13 — QUAL O SIGNIFICADO DE «TÁLAMO»:

— Nuvens muito altas?
— Artigo violento?
— Leito conjugal?

14 — PARA PODERMOS DESCREVER OS MARES, ESTUDAMOS:

— Talassografia?
— Trigonometria?
— Hidrologia?

15 — O TALCO É UM PRODUTO:

— Animal?
— Vegetal?
— Mineral?

(Respostas na página 53)

CONVERSA DE MULHER

PEDRA ANGULAR DA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA

Dr. Getúlio,

Eu não entendo, mas dizem que o senhor deu ao nosso país uma legislação trabalhista notável. E, às vêzes, eu acho que o senhor deve mesmo ter feito muita coisa, como, por exemplo, quando um estrangeiro — e de nação das chamadas "big" sobretudo — diz que na terra dêle não é assim quando se vê obrigado a conceder férias de verdade a um trabalhador em vez de substituí-las por dinheiro ou a garantir um seguro contra acidentes. D. Alzirinha, sua filha, fêz um figurão em Genebra com a questão da regulamentação dos direitos dos trabalhadores do campo.

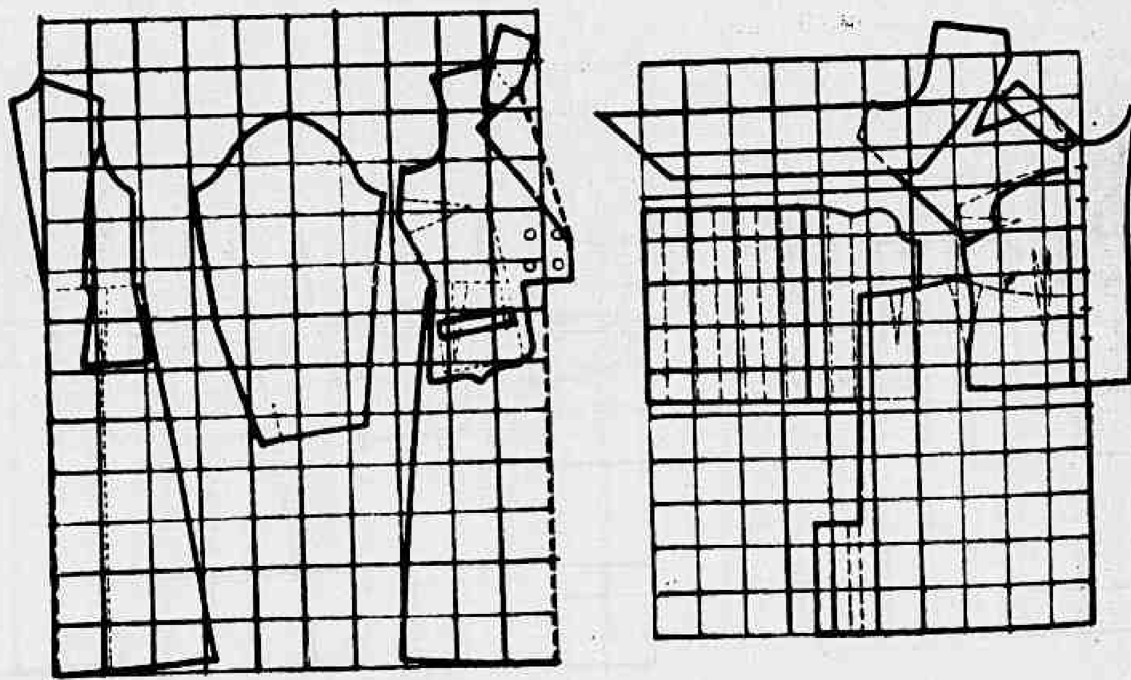
Mas se eu não entendo de legislação, Dr. Getúlio, tenho a pretensão de entender da vida. Porque gosto muito, sabe, da vida. E esteja certo, Presidente, que é uma dureza ter que trabalhar forçosamente para ganhar a vida depois dos quarenta anos. Portanto, acho que precisa dar um jeito de todos os brasileiros poderem viver sem serem obrigados a trabalhar para pagar pão e teto depois dessa idade.

E a idade — já pensei muito — para cessar o trabalho de ganha-pão deve ser mesmo quarenta anos. Nesse ponto da existência todos já terão feito muito pelo sustento da coletividade e podem entregar os lugares aos mais moços, que fazem tudo mais fàcilmente. Isso atende às necessidades gerais. Agora, do ponto de vista individual, aos quarenta anos as pessoas começam a descer a curva da resistência física e já adquiriram um apuro de sensibilidade que, se justifica uma certa irritabilidade para com as coisas desagradáveis, também dá maior capacidade de realização — às vêzes da própria vida (e a vida de cada um é fator considerável, Sr. Presidente), outras de tendências artísticas ou de simples inclinações para atividades vagas, mas aproveitáveis. E talvez surjam dêsse modo gauguins ou simples artífices que contribuirão para o bem-estar da comunidade com suas obras. Se se tratar de pessoa de aptidão superior para a administração dos negócios nacionais, poderá fazer como o senhor, Dr. Getúlio, e deixar o seu canto para dar a sua cooperação ao Brasil.

O que é preciso, porém, é que o espírito e as normas que dirigem êste país sejam diferentes daqueles que levaram o Dr. Bernand Baruch a "defender" o direito de trabalho dos velhos de 65 anos. Que defesa amiga da onça! Depois dos 65, quando se consegue viver até lá, e ainda com a graça de uma boa saúde, tudo que se quer é fazer coisinhas poucas ou seguir uma maniazinha qualquer de atividade, ninguém aspira a trabalhar por obrigação nem com horário.

Eu, por mim, risquei do número das pessoas simpáticas uma que me disse outro dia: "Você está trabalhando? E' ótimo para distrair..." Ora, distrair uma pessoa de seu natural tão divertida como eu, que gosta de tanta coisa vaga, francamente...

Espero que o senhor, Presidente, tenha o mesmo ponto de vista que eu e trate de pô-lo em prática. — **ISOLETTE**

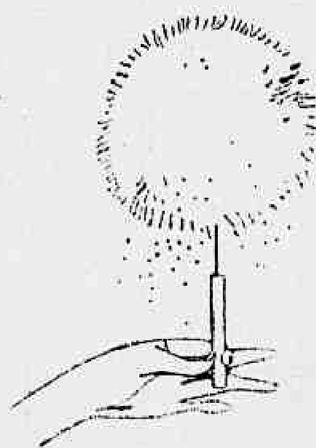


1) *Éste diagrama pertence ao elegante modêlo de "robe-tailleur" em otomano de séda, usado com grande chapéu de tom contrastante guarnecido por um leve véu na mesma côr do vestido. 2) Diagrama do vestidinho em duas peças, que poderá ser o predileto em qualquer guarda-roupa, em shantung amarelo, com grande gravata em marron e prêto (modelos apresentados na página 38).*

ROTINA DE BELEZA

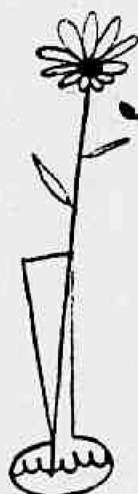
TRATAMENTO DE PELE

VOCÊ pode ser de um natural encantador, ter um coração de ouro, uma inteligência brilhante, mas, infelizmente, aquêles que a virem pela primeira vez não descobrem logo isso tudo. Tudo que vêem — e que os impressiona — é o aspecto externo, da cabeleira aos saltos dos sapatos. E o mais importante é o estado de sua pele. Uma cútis formosa é vantagem incomparável. Será notada por ela como seria, infelizmente, pela sua aparência oposta — má pele. Não é engambelamento declarar que tôdas as mulheres poderão ter pele bonita, ou, pelo menos, de aspecto normal. A pele boa resulta sobretudo de boa saúde, de eliminação regular, de hábitos saudáveis de alimentação, de repouso suficiente. A condição mais importante a seguir é a limpeza. E isto não significa uma lavagem desatenta do rosto, mas uma limpeza profunda feita duas vêzes ao dia, com água e sabão, depois de uma massagem com um bom creme. Uma loção líquida ajuda muito a desobstruir completamente os poros, embebida em algodão para penetrar mais fundo. Não se descuide de seus problemas especiais de pele. Alguns transtornos mais graves necessitam naturalmente do recurso ao dermatologista; perturbações menores podem ser combatidas com uma rotina acertada de tratamento. Se tiver pele sêca, não deixe de lubrificá-la tôdas as noites. Use um creme especial para evitar as rugas em redor dos olhos. Se fôr oleosa a sua pele, escolha bons detergentes, siga uma dieta apropriada. Pontos pretos requerem massagens com pastas granulosas; circulação insuficiente pode ser combatida com máscaras estimulantes; uma pele desnutrida ou mais idosa necessita de cremes nutritivos dia e noite. Procure os conselhos de uma especialista. Sua pele é uma superfície individual e complexa, pequeno mas estratégico campo de beleza.



A ARTE DE PERFUMAR

HÁ um meio simples mas eficiente de saber se você está corretamente perfumada. Basta entrar num táxi: se o "chauffeur" se vira e sorri angelicalmente perguntando: "Que perfume é êsse, senhorita? Gostaria de poder levar um assim para minha mulher" — pode ter certeza, está agradàvelmente perfumada. A mulher bem tratada, que usa perfume, deve usá-lo na proporção certa. Muitas vêzes acontece passar por nós uma criatura elaboradamente vestida, impregnada de um perfume forte, numa concentração que chega a ser ofensiva. Acredite, nem o químico nem o perfumista são os melhores juízes — êste é, sem dúvida, o "chauffeur" de táxi do exemplo acima. Sua apreciação é o maior elogio, e de modo algum o mais fácil de obter. Portanto, para merecer um cumprimento dêsse valor, escolha um perfume de boa qualidade, que lhe agrade pessoalmente. Depois use a proporção necessária para obter reação: use-o nos pulsos, no pescoço, na nuca, nos cotovelos, por trás das orelhas, nas frontes; embeba um algodãozinho e enfie-o no decote; passe-o nos cabelos e... na bainha da saia. Se compra um perfume, extravagância será usá-lo sem obter resultado e não economizá-lo erradamente. Auxilie o efeito de seu perfume usando água de colônia líquida e sólida com a mesma essência. Pulverize perfume no seu guarda-roupa e ponha "sachets" nas suas gavetas de roupa de baixo. Tome banho com sais perfumados. Adquira o hábito de cheirar bem e ter fama disso. Faça jus à admiração do "chauffeur"... e merecerá outras.



PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 19

	Conceito							
A	Trabalho, faina	8	28	119	88	64	■	■
B	Consideram, prestam atenção	2	21	51	125	140	99	44
C	A membrana sensível do ôlho (pl.)	37	12	107	9	95	70	144
D	Avaliados, calculados	25	18	10	63	84	110	46
E	Segas, cortas	36	17	83	7	90	100	■
F	Prática sôbre coisas de religião	1	61	98	38	114	136	94
G	Círculo máximo da esfera terrestre	19	79	130	65	117	102	26
H	Que exalam mau cheiro	112	141	52	33	71	47	104
I	Parede lateral de uma casa	35	108	55	127	120	■	■
J	Ferimentos feitos com a unha	73	20	32	113	69	118	5
K	Plantas sarmentosas ou trepadeiras	59	124	34	143	13	■	■
L	Acolher-se em ninho	4	42	126	106	138	121	68
M	Ardentes, que queimam	80	62	31	3	115	75	97
N	Troncos, madeiros	133	78	137	60	56	93	■
O	Concedem, atendem a um requerimento	30	81	16	131	50	72	91
P	Patas de animal bovino, usadas como alimento	109	122	86	128	77	96	23
Q	Azafamado, apressado, cansado	6	24	85	48	116	14	92
R	Carne sêca ao sol (pl.)	54	139	82	129	43	22	39
S	Embaraças, não consentes	15	74	49	67	57	105	111
T	Elas me pertencem	101	40	142	87	41	29	■
U	Prefere, põe antes	45	76	135	58	123	11	134
V	Em todo tempo, constantemente	103	53	27	66	89	132	■

■	■	■	F 1	B 2	■	M 3	L 4	J 5	■	G 6	E 7	A 8	C 9
D 10	U 11	C 12	K 13	■	Q 14	S 15	O 16	E 17	D 18	G 19	J 20	B 21	R 22
P 23	■	Q 24	D 25	G 26	V 27	A 28	T 29	■	O 30	M 31	■	J 32	H 33
K 34	I 35	E 36	C 37	F 38	R 39	T 40	T 41	■	L 42	R 43	B 44	U 45	■
D 46	H 47	Q 48	■	S 49	O 50	B 51	H 52	V 53	R 54	I 55	N 56	■	S 57
U 58	■	K 59	N 60	F 61	M 62	D 63	A 64	■	G 65	■	V 66	S 67	L 68
J 69	C 70	■	N 71	O 72	■	J 73	S 74	■	M 75	U 76	P 77	N 78	■
G 79	M 80	O 81	R 82	E 83	D 84	Q 85	■	P 86	T 87	A 88	V 89	E 90	O 91
Q 92	N 93	■	F 94	■	C 95	P 96	M 97	■	F 98	B 99	E 100	T 101	G 102
V 103	■	H 104	S 105	L 106	C 107	I 108	P 109	D 110	S 111	■	H 112	J 113	F 114
M 115	Q 116	■	G 117	J 118	■	A 119	I 120	L 121	■	P 122	U 123	K 124	B 125
L 126	I 127	P 128	■	R 129	G 130	O 131	■	V 132	N 133	U 134	■	U 135	F 136
N 137	L 138	R 139	■	B 140	H 141	■	T 142	K 143	C 144	■	Otaner - Rio		

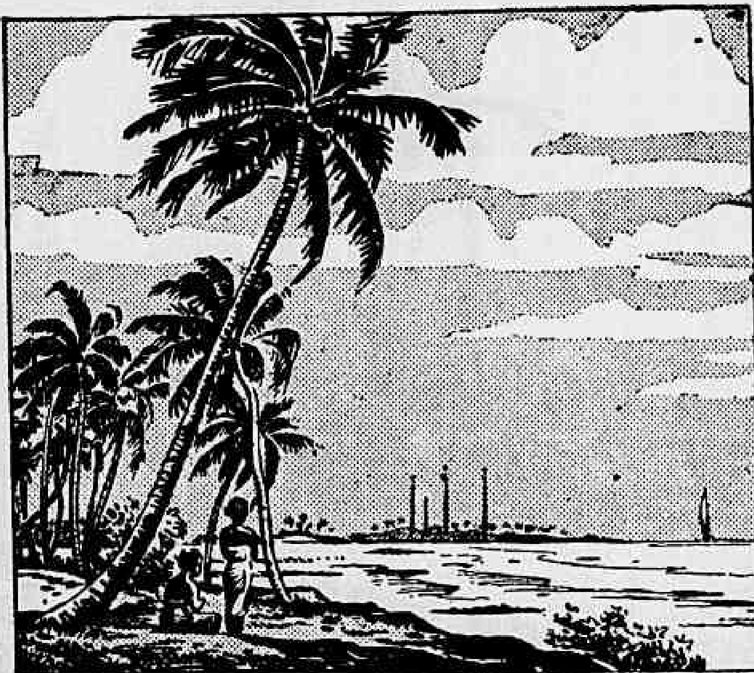
EXPLICAÇAO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo s letras iniciais do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de uma de suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇAO DO LIDERGRAMA N. 18 — PEDRO CALMON: ESTADOS UNIDOS. "O que nos Estados Unidos espanta e deslumbra é o sentido novo, o sentido diferente bem seu, da vida enobrecida pelos valores íntimos que a elevam."

AVENTURAS DO CAPITÃO ROB

Uma Aposta Temerária

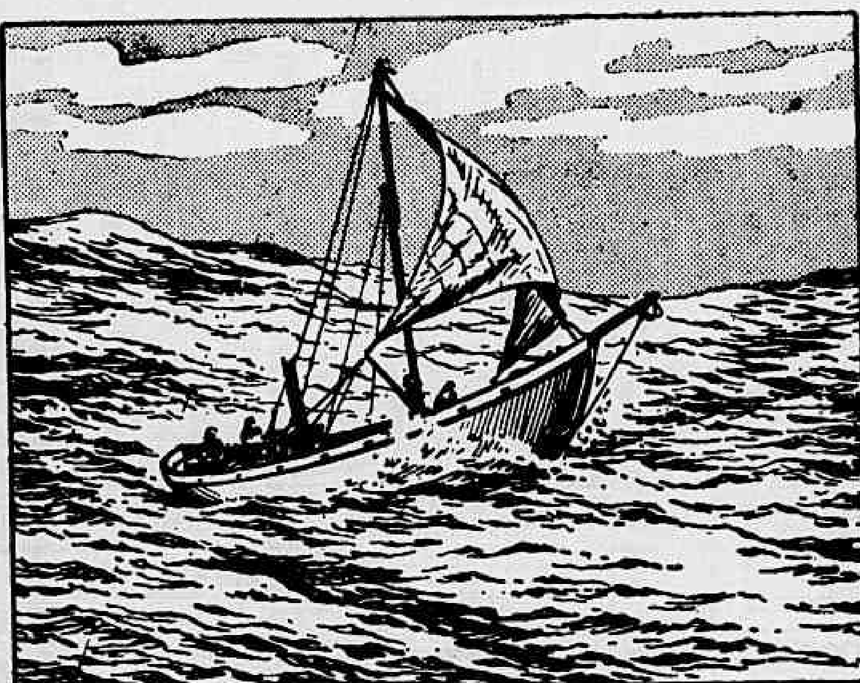






73 Livres, por fim, do mau elemento que era Larry, os três barcos restantes prosseguem a regata, de acôrdo com a resolução de todos. Quase simultâneamente os três iates passam pelas águas de Kupang e começam a entrar nos mares da Malaia. O "Viking" se aproveitou dos ventos favoráveis, e, numa bela manhã os outros o perderam de vista. Frank não se impressiona e aguarda notícias de rádio sôbre a escapada do concorrente. Quando passaram pelas "Cocos-Islands" o rádio informou que o "Viking" passara havia três dias. Duas semanas mais estará à vista Madagascar. Havia sinais de tufão.







74 Rob não se enganara quando previu tempestade naquela zona. De fato, durante dois dias e duas noites, Nils e seu tripulante lutaram com terrível furacão. No segundo dia de tempestade a situação do "Viking" era desesperadora, pois o tufão arrebentara o mastro principal do barco, tendo a vêrga atingido Nils na cabeça, ferindo-o sèriamente. Mas o valente marujo não esmorece e se mantém firme no contrôle do barco. Logo que a situação amainou, êle tomou a posição. Pareceu-lhe haver passado a ilha de Madagascar e se fêz de vela na direção do pôrto de Durban. Seu iate estava em péssimo estado.





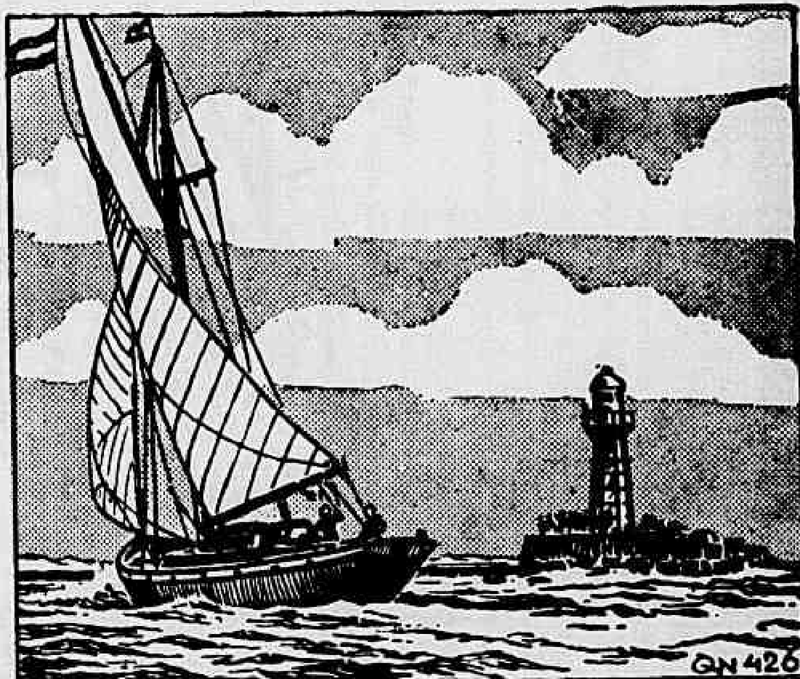


75 Ao chegar a Durban, Nils desce a terra e provdencia sôbre os reparos que se faziam urgentes no seu "Viking". Levam o barco para um dique e ali procedem aos consertos. Nils aproveita o ensejo e toma um "rickshaw" e se dirige ao hospital mais próximo, a fim de examinar o ferimento e receber curativos. O médico o julgou em grave estado e lhe recomendou algumas semanas de repouso. Dias depois, quando os outros barcos chegaram, foram visitar o companheiro. O milionário deplorou o acidente e consultou sôbre o prosseguimento do "raid". Nils não pôde ir. Os outros partem e chegam a Cape-Town.

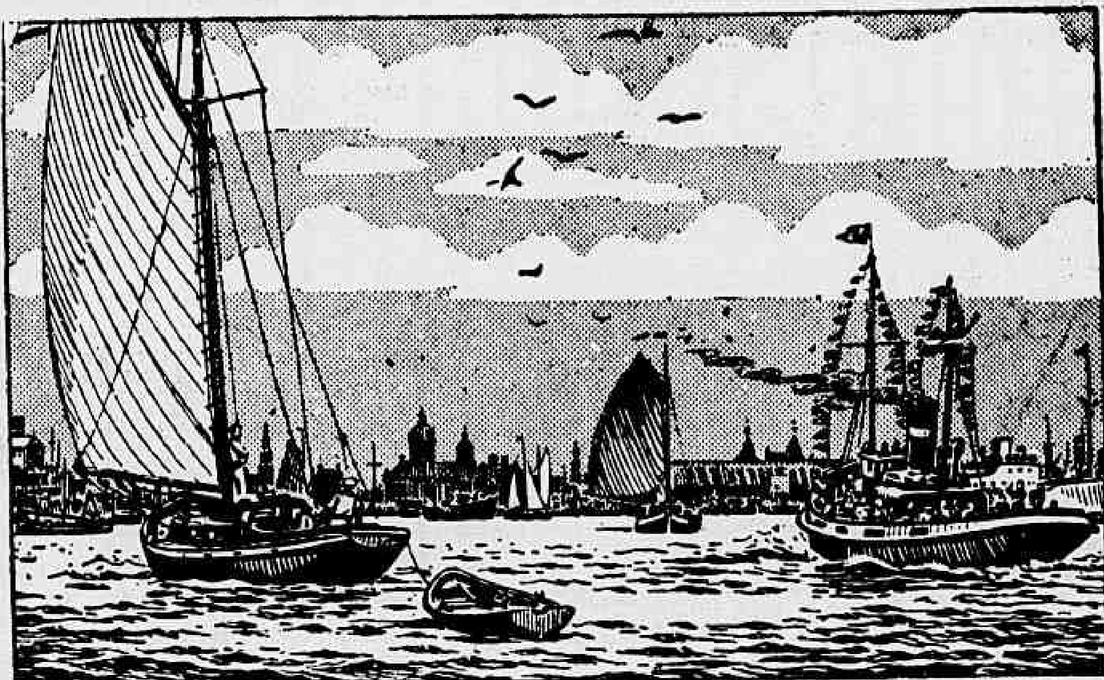
RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — O Cap. Rob, com outros navegadores, estava disputando difícil prova de travessia do Pacífico. Estava êle vencedor das primeiras etapas, com o seu "Liberty II", quando começaram a sobrevir misteriosos fatos que atentavam contra a segurança dos barcos e da própria vida dos competidores. Depois de uma dessas tentativas para vencer pela maldade os mais prováveis vencedores da regata, cujo prêmio era de 500 mil dólares, foi descoberto o autor dos crimes: Larry, indivíduo de maus precedentes, que, depois de várias tentativas consegue raptar uma das moças, exigindo de resgate 500 mil dólares. O Cap. Rob e outros colegas de cruzeiros saíram em perseguição de Larry. O iate do "gangster" estava armado com uma metralhadora, e com ela conseguiu pôr a pique a lancha "Pandora". Rob invade o barco de Larry, travando-se luta, enquanto os outros barcos vinham em socorro dos atacados. Após lances dramáticos, Larry e seus tripulantes conseguem vitória. Mas o Cap. Rob não desanima.

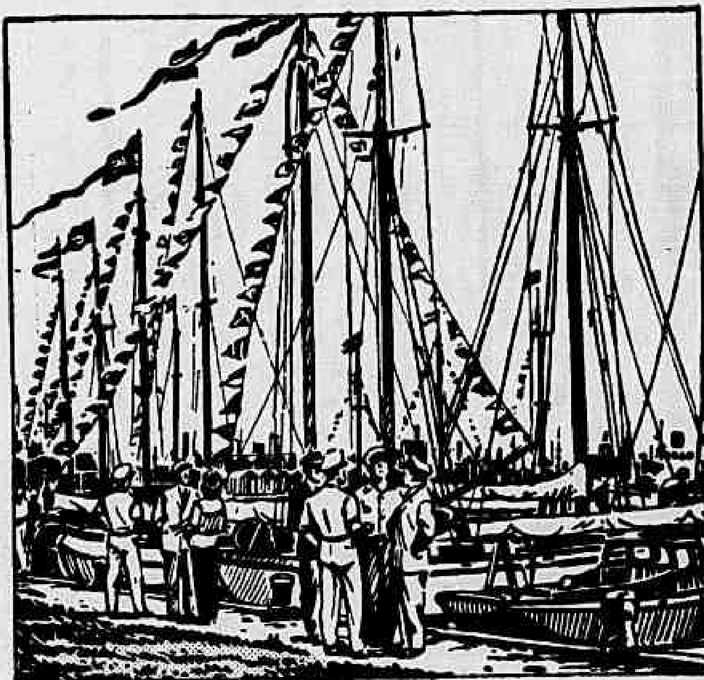






76 Os dois restantes, "Laura" e "Liberty II" entram na reta final do páreo, lamentando a ausência de Nils no "Viking". A última etapa decorria sem maiores incidentes. Marga e Willy já não se lamentavam mais da perda de sua lancha "Pandora", e o milionário Brookfeller ansiava pela chegada a Ymuyden! Na baía de Biscaia há tempo mau, e já fazia dias que êles não sabiam notícias de Rob. Que lhe teria acontecido? Por onde andaria? Por sua vez, Rob perguntava a si mesmo o que era feito do "Laura". Numa manhã, Rob revê sua terra e entra em Ymuyden. O "Laura" ainda não havia chegado!







77 Todo o país festeja sua vitória. Havia vencido a regata sensacional! E' levado em triunfo e seu nome é aclamado como o de um herói nacional. Três dias depois chega o "Laura". Brookfeller se congratula com a Holanda pela vitória de seu filho e felicita o vencedor, entregando-lhe o cheque. Rob, porém, não precisando de tanto dinheiro, deseja ajudar Marga e Willy, que perderam sua lancha, e Nils e Frank, que também ficaram sem seus barcos. O milionário, percebendo o gesto de nobreza de Rob, aperta-lhe as mãos e sorri significativamente. Rob não era apenas um marujo. Era um "gentleman". — FIM.

ATENÇÃO!

Aguardem, dentro de algum tempo, nova série de aventuras sensacionais e arrebatadoras em estilo diferente. Outros heróis empolgarão os nossos leitores em episódios espetaculares que, por sinal, não são escritos apenas para os «brotos». Porque, na verdade, não é sòmente a gente nova que lê e acompanha essas histórias. Vamos, pois, apresentar, oportunamente, episódios ainda melhores de histórias diferentes das que compuseram esta série realmente interessante e que, de fato, tanto agradou aos nossos leitores.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de **nicotina acumulada nos interstícios dos** dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

LOÇÃO ANTI-BRANCA

RESTITUE AOS CABELOS A CÔR PRIMITIVA

☆ Não contém Nitrato de Prata ☆

Combate a queda dos cabelos, caspa e seborreia

HA QUASE MEIO SECULO COMPROVA SUA EFICIENCIA

PATRIMÔNIO

(Cont. da pág. 53)

d. Clara e do sr. Natalício... Morava na Rua das Figueiras, junto à chácara...

— Um menino louro, pequeno, raquítico...

— Êsse mesmo, êsse mesmo... Sou eu, sr. Juvenal! Lembra-se, então?

— Como não? Como...? E a d. Clara? E o seu pai? E o irmão... Você não tinha um irmão?

Fiz-me sério:

— Morreu, sr. Juvenal.

Êle abanou a cabeça sem saber o que fazer e disse num riso enorme, que projetava muito o queixo para a frente e sacudia as orelhas:

— Mas como você cresceu...

— São trinta e dois anos, sr. Juvenal...

Mostrou-se descrente:

— Não; não pode ser... Deixe ver...

Interrompi-lhe os pensamentos:

— Elisa não tem hoje quarenta?

— Sim — fêz maquinalmente.

— Pois então! Ela tinha oito...

Convenceu. Ficou pensativo.

— Sabe? Às vêzes a gente pensa que o tempo não correu, que aquilo não se passou conosco...

— Claro, sr. Juvenal! O senhor está tão moço... isto é, tão conservado...

Êle riu e novamente se lhe moveram as orelhas.

Passamos a falar de tudo, principalmente daquele tempo. Falamos do meu namôro com Elisa, que divertia a tôda a gente. Falamos de Elisa que, com incrível precocidade, já afirmava que só comigo se casaria.

— Bem se vê que Elisa não cumpriu sua palavra... — insinuei.

— E' verdade, meu caro, ela se casou. Casou com um primo, um rapaz distinto, às direitas.

Fiquei pensando, que a vida é engraçada. Éramos crianças, tão pequenos... «Namorávamos» à nossa moda, é bem verdade, mas era um tácito convênio. Sabíamos que havia uma ligação entre nós dois e que nos devíamos contas mútuas. Elisa não gostava que eu me aproximasse das outras meninas. Eu, ainda que fraco, sentia-me capaz de me bater com qualquer menino que aborrecesse Elisa. E, acima de tudo, havia um grande prazer em estarmos juntos. Brincávamos, sim, mas com um certo carinho, um cuidado, uma atenção que não tínhamos com ninguém mais. E, quando em grupo, sabíamos que devíamos estar juntos e era insensivelmente que o fazíamos. Eu gostava de colhêr flores para Elisa e achava que ela devia ornar-se com elas. Por sua vez, Elisa inquietava-se com tudo de mau que me acontecia. Uma farpa no dedo, uma escoriação, um pequeno talho bastava para que ela se desdobrasse e se improvisasse numa pequena e encantadora Ana Neri. Não admitíamos que ninguém falasse do outro. Em sua casa, Elisa gabava-se apontando-me como o mais inteligente, o mais estudioso, o mais distinto aluno da turma! Quanto a mim, sem procurar retribuir-lhe intencionalmente, falava a mamãe de seus pendores, descrevendo minuciosa e tècnicamente os seus bordados. Até uma vez cheguei a subtrair de sua mala de escola, como um ladrão, o primoroso trabalho de agulha que ela fazia. Ligeiro, dobrei-o como um lenço e enfiei-o no bolso da calça. Era para mostrá-lo a mamãe... Elisa não tardou a dar por falta do seu caprichado trabalho e foi se queixar à professôra. A senhora levantou a voz:

— Quem está com o bordado de Elisa?

Ninguém se acusou. A professôra veio até à carteira de Elisa, inspecionou a pasta, procurou as imediações e nada!

— Bem, enquanto a aluna não se apresentar com o trabalho de Elisa, ninguém sairá daqui.

Houve um murmúrio de descontentamento por tôda a sala. E assim ficamos até mais uma hora além do tempo regulamentar da saída.

Afinal, a professôra viu-se na contingência de revistar a todos. Começou pelas meninas. Foi um exame completo. Depois chegou a vez dos meninos. Por fim, foi encontrado no meu bolso o pano bordado. Interrogado, contei francamente à professôra. Infelizmente para mim, ela não penetrou em minha intenção. Passou-me violenta lição de moral e infligiu-me longo castigo. O pior, porém, foi que Elisa também não me compreendeu. Olhava-me apenas, espantada, como se dissesse: «Você, você fazer isso!...» Em casa chorei muito, amargurado. Mais tarde, verifiquei que as mulheres são mesmo assim...

IV

Depois, achei que não poderia deixar de ir à Rua das Figueiras. Fui. Fui e vivi horas de encantamento, andando duma a outra ponta, olhando para dentro dos gradis, examinando o poste de iluminação que nos servia de «pique», olhando as pedras do chão, as árvores que confinavam com o azul do céu... Todo o mundo me observava com surprêsa e curiosidade. Quando eu elevava o olhar, acompanhavam-me sem encontrar nada de notável. Em pouco, tôdas as janelas que dizem para a Rua das Figueiras estavam ocupadas ao menos por uma cabeça curiosa, que seguia detidamente o meu olhar. Sem me importar, parei junto ao 55. Fôra a minha casa. Não a derrubaram. As janelas já não eram azuis, e o gradil já não era de madeira; aquelas eram cinzentas e êste de ferro. Espiei para dentro do jardim. Conservaram a mesma disposição dos canteiros. Junto ao portão, um viçoso pé de begônias. Lá para o fundo, o caramanchão de jasmins, florido. E aos poucos, minha imaginação foi se povoando de todos os vultos queridos das pessoas que conviveram comigo naquela casa, a minha casa de infância!

Parecia ver-me caminhando ali: o mano Cid — que Deus haja —; a prima Eunice, que passava tôdas as férias conosco e que — coitada! — morreu no naufrágio do «Athenia»; o tio Joaquim, irmão de papai, hábil contador de anedotas, espírito brilhante, sempre pronto a um trocadilho oportuno; a mamãe, fina, sêca, e, seguido pela fantasia de minha infância, fazia-me crer que dessa magreza se originaria a côr apagada, de palha, do louro de seus cabelos — mortos por carência de seiva; o papai, geralmente sisudo e contrário à brincadeiras, mas inesquecível em seus momentos de alegria; e assim todo o meu mundo infantil. Ah, como eu me lebrava de tudo! Era o mesmo que folhear um livro querido, há muito tempo lido. E cada um de nós era um personagem; cada cena era um capítulo. A prima Eunice, com seu vestido de «laise» branca e laços de cetim rosa aos cabelos, ministrava-me os primeiros ensinamentos de como deve um rapaz portar-se com uma dama. Ela dava-me a explicação, eu a ouvia atentamente e começava o ensaio. Segurava a mão pelas pontas

dos dedos e vinha conduzindo-a... E ela, aparentando grande distinção, dizia-me num sotaque irresistível: — **Merci, m'sieur**... E eu, divertido, não a deixava sem resposta: **Il n'y a pas de quoi, mademoiselle**... Quem nos visse cairia de gargalhada pelo pitoresco da cena: ela, com o nariz empinado, dando-me a mão, a mim, o seu cavalheiro — um marinheiro... de calças curtas...

Hoje, relembrando esta cena em que recebia os rudimentos de cortesia daquela menina três anos mais velha do que eu, sou levado a pensar no seu fim. E' que naquela ocasião eu vestia uma marinheira — e também ela foi morrer num navio com muitos marinheiros. Tolice, não é? Possìvelmente, mas há coisas tidas como tolas, enquanto para nós representam legítimas preciosidades.

Enfim, seria demasiado longa a enunciação de todos os momentos que me parecem interessantes e expressivos. Tive-os, como tôda a gente. Talvez não sejam mais pitorescos ou dignos de nota que os de tantos outros; para mim, porém, representam nada menos que um patrimônio — que, com a Graça de Deus — não é passível de ser destituído ou transferido. Porque êle vive no pensamento. Porque êle mora no coração.

OS SANGRENTOS...

(Cont. da pág. 14)

O delegado de Polícia do Rio Grande, sr. Delmar Kuhn, fêz instaurar imediatamente processo penal contra os presos e prováveis responsáveis pelos movimentos grevistas. Segundo consta, aquela autoridade ouviu já as diversas pessoas da indústria e do comércio locais, que tiveram seus estabelecimentos invadidos ou prejudicados pelos populares, pretendendo encaminhar, dentro de breves dias, as conclusões obtidas.

Temia-se em Rio Grande que por ocasião do sepultamento das vítimas dos infaustos acontecimentos daquela cidade, novos distúrbios tivessem lugar, voltando a mão vermelha dos comunistas a agir, sublevando o povo contra a ordem estabelecida. Assim, foram adotadas severas medidas durante os sepultamentos visando sufocar no próprio local qualquer manifestação subversiva. À frente do cortejo fúnebre, que foi acompanhado por considerável massa de povo, rodava um caminhão cheio de elementos do Exército fortemente armados, enquanto atrás, também em um caminhão militar, ia outro grupo armado. Além disso, pelas ruas transversais a Polícia Especial de Pôrto Alegre também acompanhava o cortejo. Felizmente, porém, nenhum atrito houve nesta ocasião.

Chegamos ao cemitério de Rio Grande, que fica ao fim da rua 3 de Novembro, a massa de acompanhantes se enfiou pelo Campo Santo à dentro, pisando sôbre túmulos, jazigos e mausoléus, a fim de ver a tocante cena da despedida dos parentes e ouvir os inflamados oradores vermelhos que, nesta ocasião, concitaram o povo a permanecer em greve a fim de serem atingidos os objetivos que tinham em vista.

O dr. Renato Souza, sub-chefe de Polícia do Estado, em declarações a imprensa de Pôrto Alegre, declarou:

— «A polícia, em Rio Grande, agiu com firmeza, mas procurando evitar excessos. Não fôsse a sua ação e teríamos casas comerciais saqueadas por elementos desclassificados infiltrados na massa. Houve, como se sabe, cartazes com os dizeres: «O povo sabe onde há carne. Deve buscá-la». O que isto quer dizer senão franca incitação ao saque de um grande e conhecido frigorífico rio-grandino? Por isso proibimos as passeatas com fundamento não na Lei de Segurança Nacional, que nos dava maiores poderes, mas simplesmente no Código Penal. Estou certo de que o povo ordeiro e honesto de Rio Grande saberá compreender a finalidade da nossa ação, que não é senão o desejo de protegê-los».

CHETA QUER CASAR

(Cont. da pág. 40)

para diante daquela que naturalmente seria a chimpanzé com que sonhara sempre? Por quê? Por quê? Por que ela protestara com tamanha veemência à insinuação do repórter.

Ora, não deixaremos ninguém em suspenso, à espera do próximo capítulo, porque o repórter não tem o «direito de encher», mas o de dizer logo tudo o que sabe, para satisfazer a curiosa ansiedade dos leitores. E eis o que pudemos apurar. Cheta, de fato, tem uma alma romanesca, é sonhadora e livre e tem o direito de pensar sèriamente no casamento e o de dizer sim quando aparecer um chimpanzé capaz de corresponder aos seus mais lindos sonhos.

E Johnny? Johnny não lhe lançou aquêle olhar tão terno? Não procurou morder a mão paciente do Professor Araújo, para se atirar aos pés da famosa estrêla símia de Hollywood?

— Oh, sim, êle está loucamente apaixonado por ela. Mas êsse amor é impossível, é uma loucura do pequenino Johnny, que é ainda uma criança. Com aquêle tamanho todo, o chimpanzèzinho tem apenas dois anos, enquanto Cheta é uma moça, já completou cinco anos, coisa correspondente assim a uma mocinha de dezesseis.

Estas explicações francas, que se não resolvem o caso sentimental de Cheta, pelo menos o tornam compreensível, nos foram dados pelo próprio Garcia, à noitinha, ao sairmos da segunda «matinée» do seu circo.

Depois de ouvirmos, pois, senão o último, pelo menos o penúltimo capítulo da novelesca história, que poderia ter o título de O Direito de Casar, no Reino dos Macacos, entregamos pessoalmente nossa mensagem à Garcia: essa de felicitações por ter êle levado a vários países lanito-americanos um ótimo circo brasileiro. E encontramos no próspero empresário um patrício simples e modesto, cheio de gratidão ao nosso povo, que tem feito sua prosperidade, enquanto êle vai pelo mundo a fora procurando divertir a grandes e pequenos.

O NAVIO FANTASMA

(Cont. da pág. 11)

Rudolf Lustig interpretou com gôsto, bela voz e segurança absoluta, o papel de Ericck, um caçador. E' um tenor wagneriano que merece elogios.

Carin Carlsson e Karl Krollmann, respectivamente, nos papéis de Mary, ama de Senta e o Pilôto de Daland, desempenharam-se a contento.

O côro feminino, que atuou no segundo ato, o fêz com louvável perfeição. Sempre muito afinado e sempre dando à cada frase cantada a necessária inflexão interpretativa. O mesmo diremos do côro masculino.

A orquestra do Teatro Municipal, ampliada por um grupo de professôres contratado no Exterior e obedecendo à regência de Karl Elmendorff, deu-nos mostra de estar num dos seus dias felizes. Salvo algumas desafinações não muito flagrantes, tudo mais correu de modo digno de nota, apesar das grandes dificuldades da partitura.

Karl Elmendorff está de parabéns pela excelência do espetáculo que nos ofereceu, mostrando-se, como já havia demonstrado no concêrto sinfônico que marcou sua estréia no Rio, um regente que inspira confiança aos seus comandados e que transporta ao auditório os influxos de uma interpretação digna de todos os encômios.

MOLDES DE CAMISAS FRANCESES

Moldes de camisas passeio e esportes, cuecas, pijamas, robes e blusinhas, importados da França pela Distribuidora de Moldes Franceses — Av. Rio Branco, 277, Grupo 606 — Rio — Enviamos pelo Reembôlso.

WEEK-END NA COZINHA

GELÉIA DE MORANGOS





● Ponha numa panela 4 xícaras de morangos lavados (incluindo alguns meios verdes). Junte 1 colher-de-sopa de vinagre, deixe levantar fervura, tampe a panela e ferva por mais um minuto. Junte 3 xícaras de açúcar, deixe ferver, lentamente e em panela descoberta, por cêrca de 20 minutos. Mexa de quando em quando, para impedir que os morangos agarrem no fundo da panela ou que o açúcar queime.

● Despeje os morangos quentes da panela numa vasilha de louça e deixe passar a noite. Os morangos terão um ar meio murcho, mas irão aos poucos inchando com a calda. Na manhã seguinte despeje a geléia em vidros esterilizados. Cubra imediatamente com uma camada de um dedo de parafina derretida. Esta receita deve ser dividida em seis vidros.

Abra um pote desta tentadora geléia, quando estiver com saudades dos morangos frescos, pela manhã, para comer com torradas, ou à tarde, com os bolinhos do chá. Os morangos não terão perdido nem a côr nem o perfume. A calda fica menos densa que nas geléias compradas.

ENROLADO DE CHOCOLATE





3 ovos — gemas e claras separadas
5 colheres-de-sopa de açúcar
3 colheres-de-sopa de chocolate em pó
1 colher-de-chá de extrato de baunilha
1 colher-de-chá de açúcar de confeiteiro
1 colher-de-chá de extrato de baunilha
200 gramas de creme de leite

● Acenda o forno e deixe ir esquentando aos poucos. A temperatura deve ser moderada. Forre um tabuleiro de 20x35 cms. com papel encerado. Agora bata as gemas até ficarem como "mayonnaise", depois vá juntando o açúcar às colheradas, batendo muito depois de cada colher. Passe o chocolate por uma peneira, junte à mistura, junte também o extrato de baunilha e mexa muito bem. Não **bata**. Bata as claras como para suspiro, acrescente à mistura de chocolate, aos poucos e sem bater muito, mexendo. Leve no tabuleiro ao forno e deixe ficar durante cêrca de 25 minutos. Quando pronto, deve esfriar apenas uns 2 minutos. Vire então num pano borrifado com açúcar de confeiteiro (para não grudar). Tire com grande cuidado o papel encerado. Junte a segunda colher de extrato de baunilha e o açúcar de confeiteiro ao creme de leite e bata até endurecer. Espalhe o creme sôbre o bôlo, depois enrole, sempre em cima do pano. Embrulhe no mesmo pano e leve à geladeira para consolidar o feitio. Sirva assim mesmo ou com revestimento de chocolate.









Do alto para baixo: — Fachada do Pavilhão João Bello de Oliveira Filho.
que tomou o nome do atual prefeito de Carangola. Ato inaugural do re-
ferido pavilhão, vendo-se, ao centro, o homenageado. O Dr. José Larivoir
Estêves fala na inauguração da placa em homenagem ao Dr. Rômulo Jo-
viano, que discursa agradecendo (última fotografia). Nas gravuras aparecem
ainda o prefeito João Bello, o Sr. Ignácio Thomé e a Sra. Rômulo Joviano.



Flagrante da inauguração da VIII Exposição, feito quando discursava o Sr. Tristão da Cunha, secretário de Agricultura de Minas, representante do governador.

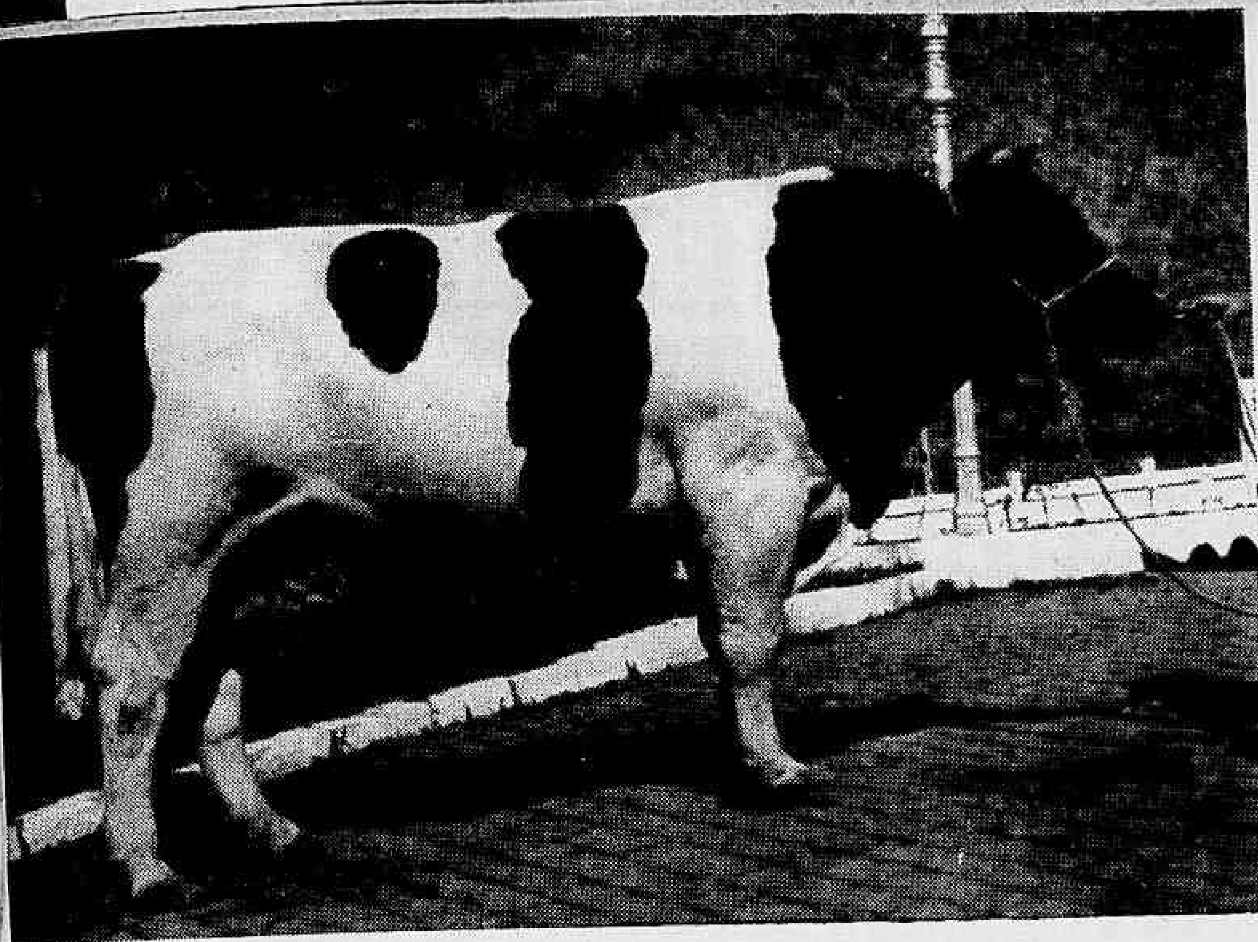
VIII EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CARANGOLA

GRANDE ÊXITO TÉCNICO, SOCIAL E ESPORTIVO. ★ HOMENAGEM AO DR. RÔMULO JOVIANO. ★ A VISITA DO DEPUTADO EUVALDO LODI. ★ INAUGURADO O HANGAR "JORGE KAMIL". ★ INTENSO MOVIMENTO POPULAR.

A VIII Exposição Agropecuária e Industrial de Carangola, decorrida no
período de 20 a 27 de Julho último, foi uma reafirmação da fama e
do conceito que desfrutam os certames carangolenses, vitoriosamente iniciados
há oito anos debaixo de uma atmosfera de calor e entusiasmo incomuns,
mantida intangível até os dias atuais. Neste ano, como nos anteriores, uma
apreciável mostra de gado fino, de produtos da lavoura e da indústria lotou
os numerosos pavilhões do belo parque da exposição, oferecendo ao visi-
tante uma vigorosa demonstração de progresso da opulenta região formada
pelos municípios de Carangola, Tombos, Espera Feliz e Divino, cujas ativi-
dades pastoris, agrícolas e manufatureiras atravessam fase de permanente
expansão. Outra coisa não sentiram quantos se abalaram até à simpática
e acolhedora cidade montanhesa, compartilhando da magnífica festa que
foi a VIII Exposição, que se revestiu das características próprias dos cer-
tames carangolenses, com todo o seu vivo colorido, desde as especialidades
expostas nos setores animal, vegatal e fabril à constante animação e extraor-
dinária concorrência popular, do intenso movimento social e esportivo às
inúmeras atrações que fizeram do grandioso "meeting" uma perene fonte
de interêsse coletivo. Já no seu dia inaugural estava a VIII Exposição con-
sagrada na palavra dos diversos oradores, que em seguida ao discurso do
vereador Ignácio Luiz da Silva Thomé, presidente da Associação Rural de



Entre as atrações da VIII Exposição figurou a Ginkana Automobilística, que foi vencida pela dupla Senhorita Regina Maura Tironi Marques — Sr. Jorge Kamil, que são vistos na gravura à esquerda em companhia do organizador da prova, Sr. José M. Vilaça Guedes.





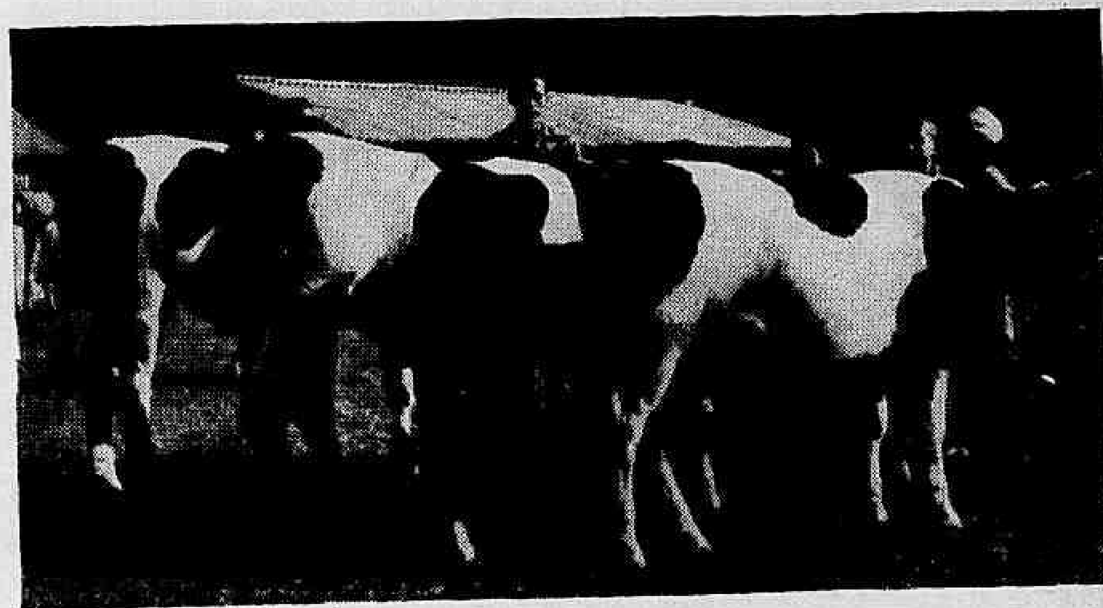
À esquerda: — "Adema 66 Von Beukhenoeve", reprodutor da raça Holandesa Prêto e Branco, Campeão na VII Exposição Agropecuária de Carangola em 1951. Importado da Holanda. À direita: — "Regina — Herói", Campeão Júnior P. O. da raça Holandesa Prêto e Branco na VIII Exposição Agropecuária de Carangola. Ambos pertencem à "Granja Regina", de propriedade do Sr. Jonas Estêves Marques. — Carangola — Estado de Minas Gerais.

Carangola, fizeram o seu insuspeito e entusiástico depoimento de justo louvor diante do que lhes era dado apreciar. Assim falaram os srs. Tristão da Cunha, secretário de Agricultura de Minas e representante do governador do Estado, os parlamentares João Miranda e Clemente Medrado, como posteriormente os Srs. Deputado Euvaldo Lodi e Rômulo Joviano, entre outros.

Carangola foi muito visitada durante a sua VIII Exposição. Dessas visitas, duas tiveram especial significação, as do consagrado técnico Rômulo Joviano e do Deputado Euvaldo Lodi. Ao primeiro, que até bem pouco dirigiu com rara eficiência a Inspetoria Federal de Pedro Leopoldo, dando à pecuária mineira o melhor e o mais fecundo dos seus esforços, foi prestada uma tocante homenagem, sendo inaugurada uma placa em sua honra, afixada à entrada do Pavilhão Ministro Daniel de Carvalho. Oferecendo-a, falou o Sr. José Larivoir Estêves, interpretando o sentimento dos carangolenses. Agradecendo, falou o grande técnico. Duas orações ditas mais com o coração, que emocionaram profundamente os presentes a êsse episódio, justo preito de gratidão e amizade a quem tanto fêz por merecê-lo. Sôbre a estada do Deputado Euvaldo Lodi, falaremos adiante mais pormenorizadamente.

De ano a ano cresce o parque das exposições de Carangola. Mais um pavilhão foi agora inaugurado, e que, numa justa homenagem ao Prefeito da próspera cidade, tomou o nome de Pavilhão João Belo de Oliveira Filho. Destina-se às rinhas de galo, modalidade esportiva de que existe ali verdadeira legião de adeptos, proporcionando reuniões concorridíssimas. A inauguração foi festiva, falando por fim o homenageado para agradecer aquela manifestação de aprêço e amizade dos seus co-munícipes. Êsse crescimento do referido parque é outra prova de vitalidade do prestigioso certame, que já sendo um dos melhores das nossas exposições regionais, anualmente melhora e aumenta as suas esplêndidas instalações.

O setor da pecuária, o mais importante da exposição, apresentou um belíssimo lote de animais importados, puros de origem e puros por cruzamento, nascidos nos campos locais, aí se destacando nitidamente os criadores João Pedro Magalhães Lourenço, Sebastião Rocha, Jonas Estêves Marques, José Larivoir Estêves, João Belo de Oliveira Filho e Quirino Ferreira de Toledo, que foram os expoentes da mostra bovina dêste ano, principalmente os dois primeiros, campeoníssimos das raças holandesas Prêto e Branco e Vermelho e Branco. Nos demais setores houveram-se com brilho os seus participantes, concorrendo todos para o completo sucesso alcançado pela VIII Exposição, legítimo orgulho dos filhos daquela rica e progressista região da terra mineira.



Conjunto da raça Holandesa Prêto e Branco, P.C., que obteve o 1.º Prêmio na VIII Exposição. Pertence à Granja Regina, do Sr. Jonas E. Marques, Carangola.



Os meninos Humberto Marques e Roberto Marques Beruto, segurando duas novilhas da raça "Guernsey", premiadas na VIII Exposição Agropecuária da cidade de Carangola, pertencentes ao plantel do Dr. José Larivoir Estêves.



À direita: — "Alvorada-Florista", vaca meio sangue Guernsey, Campeã de Matéria Gorda e de Porcentagem de Gordura na VIII Exposição, com 3.620 kg de manteiga para 75.360 kg de leite em três dias de ordenha (4,8%). Oito anos, quarta cria. Pertence à Fazenda Alvorada, do Dr. José Larivoir Estêves. — Distrito de Alvorada — Carangola — Estado de Minas Gerais.





À esquerda — o Deputado Euvaldo Lodi discursando na Associação Comercial de Carangola, ladeado pelo Prefeito João Belo de Oliveira e pelo Sr. Antenor Lima, presidente daquela associação, durante a mesa-redonda que reuniu numerosos elementos das classes conservadoras locais. À direita, parte da assistência.

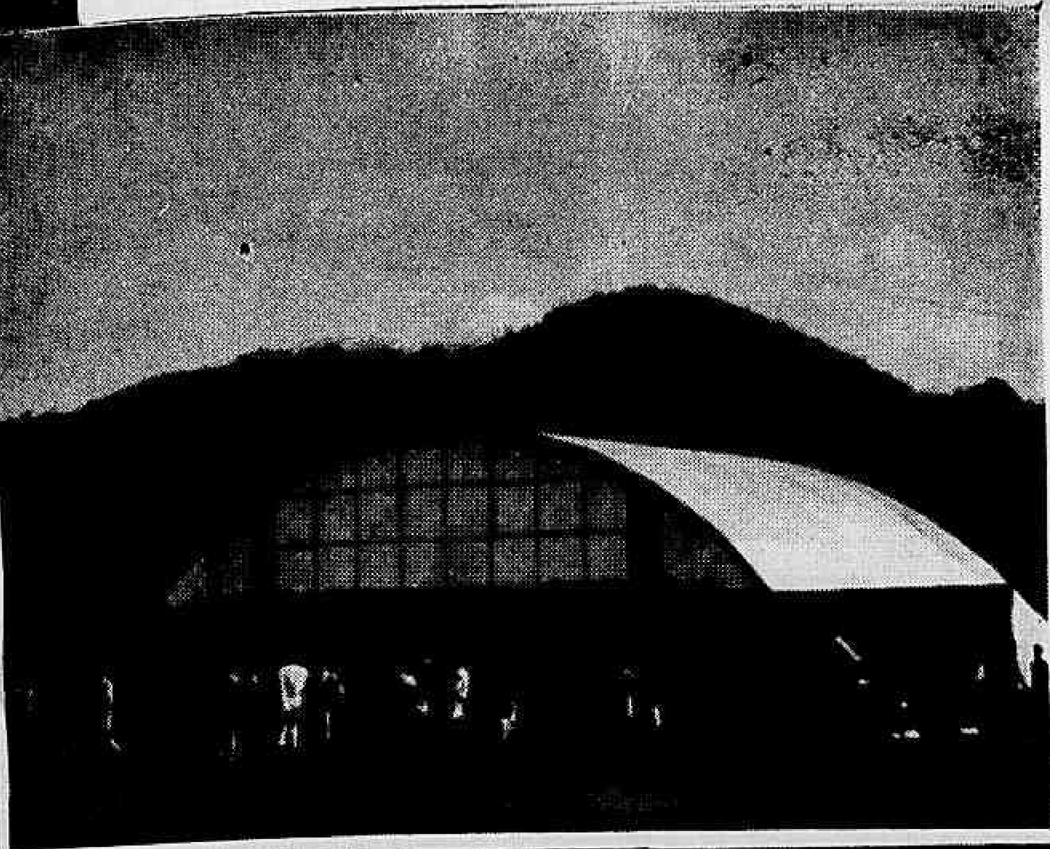


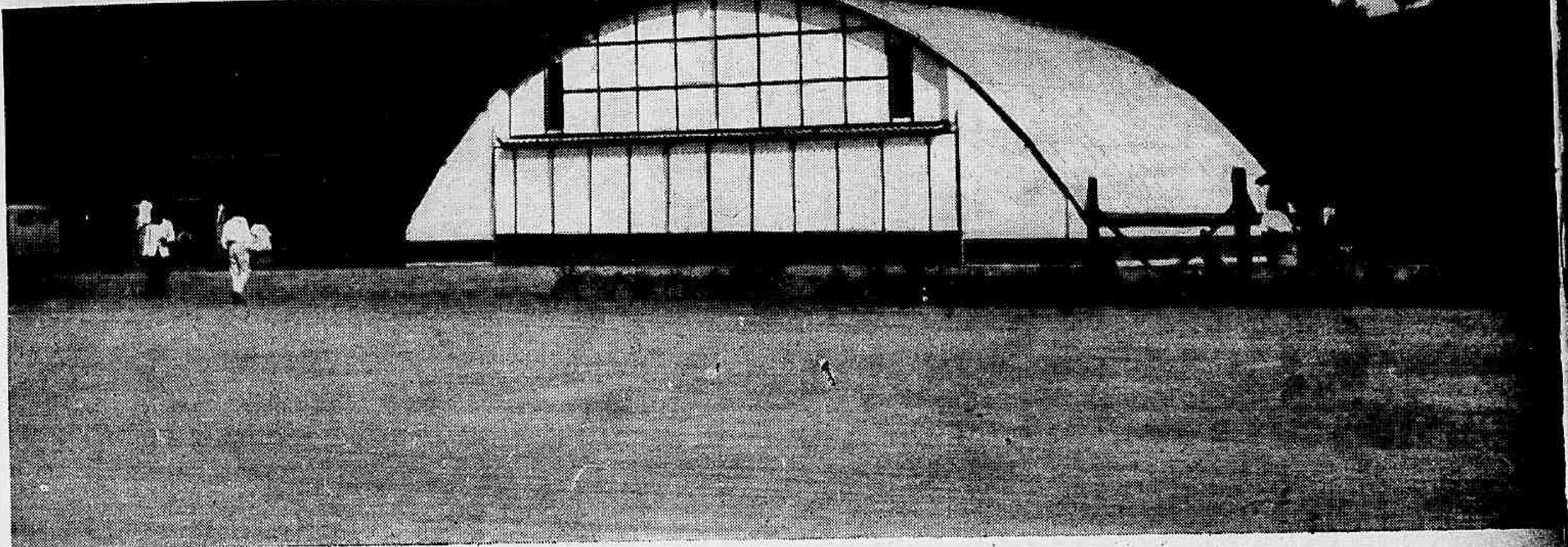
A presença do deputado Euvaldo Lodi em Carangola, nos dois últimos dias da VIII Exposição, propiciou um grande movimento das classes produtoras do município em tôrno do presidente da Confederação Nacional da Indústria, com as quais estêve em permanente contato, presidindo reuniões e inaugurações, visitando obras de assistência e tomando conhecimento dos mais variados problemas econômicos, financeiros e sociais da região. Logo à sua chegada, inaugurou s. s. o Hangar "Jorge Kamil", para o que havia sido especialmente convidado. No mesmo dia, o eminente homem público presidiu a uma mesa-redonda na Associação Comercial de Carangola, à qual compareceram os elementos mais representativos do comércio, da lavoura e da indústria locais, ocasião em que foram debatidas amplamente as questões fundamentais da vida econômica dos municípios componentes do bloco regional da extensa zona agrícola e pecuária. Visitando demoradamente o recinto da exposição, pôde ainda o Sr. Euvaldo Lodi conhecer de perto a produção dos campos e das fábricas, através dos diferentes mostruários que atestavam a laboriosidade dos filhos da terra. Durante tão útil e proveitoso convívio, o Sr. Euvaldo Lodi teve ocasião de receber inúmeras homenagens do povo carangolense, dêsse modo externando a sua satisfação em hospedar o ilustre líder das nossas fôrças produtoras, que em Carangola privou com quantos lhe procuraram, ouvindo reclamos e sugestões e dando o seu concurso e apoio, como faz habitualmente, a todos os movimentos que visam o bem-estar e progresso das populações. Assim foi a estada do deputado Euvaldo Lodi em Carangola, onde estêve dois dias cercado das simpatias e do aprêço de tôdas as classes sociais.

À esquerda, vemos o Deputado Euvaldo Lodi, em companhia do Prefeito da cidade de Carangola, do Dr. Francisco Duque de Mesquita e outras pessoas, no momento em que percorria os pavilhões de gado leiteiro.



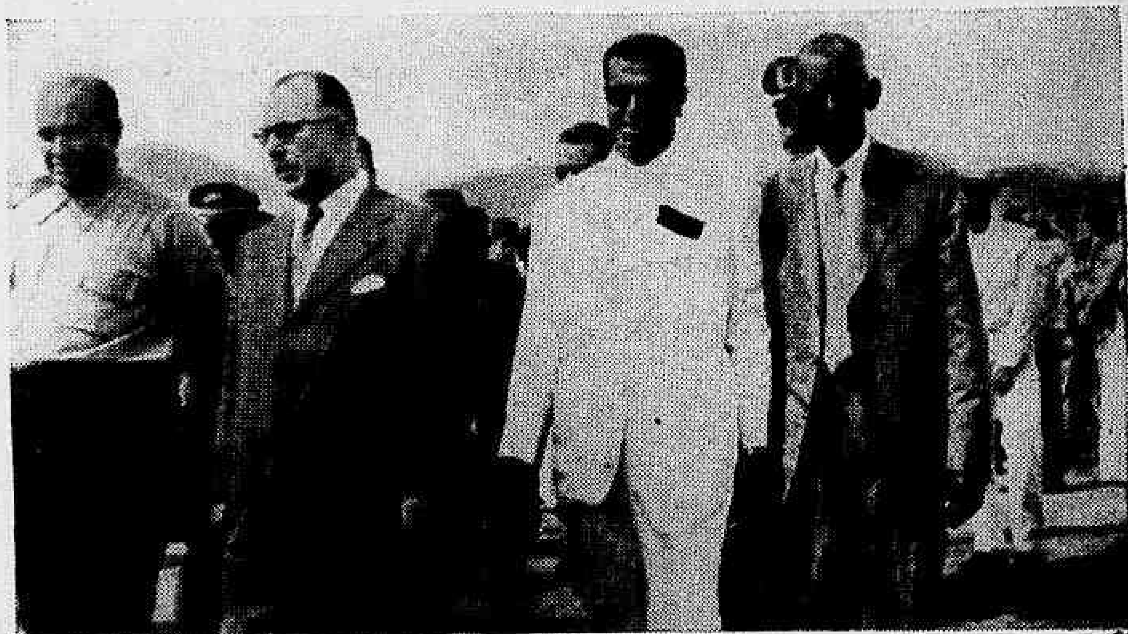
Após sua chegada a Carangola, onde recebeu inúmeras homenagens, o Dep. Euvaldo Lodi inaugurou o Hangar "Jorge Kamil", erguido no aeroporto local. Vê-se o eminente homem público discursando na cerimônia, que marcou o início do seu contato com os homens e os problemas econômicos e sociais da vasta região.

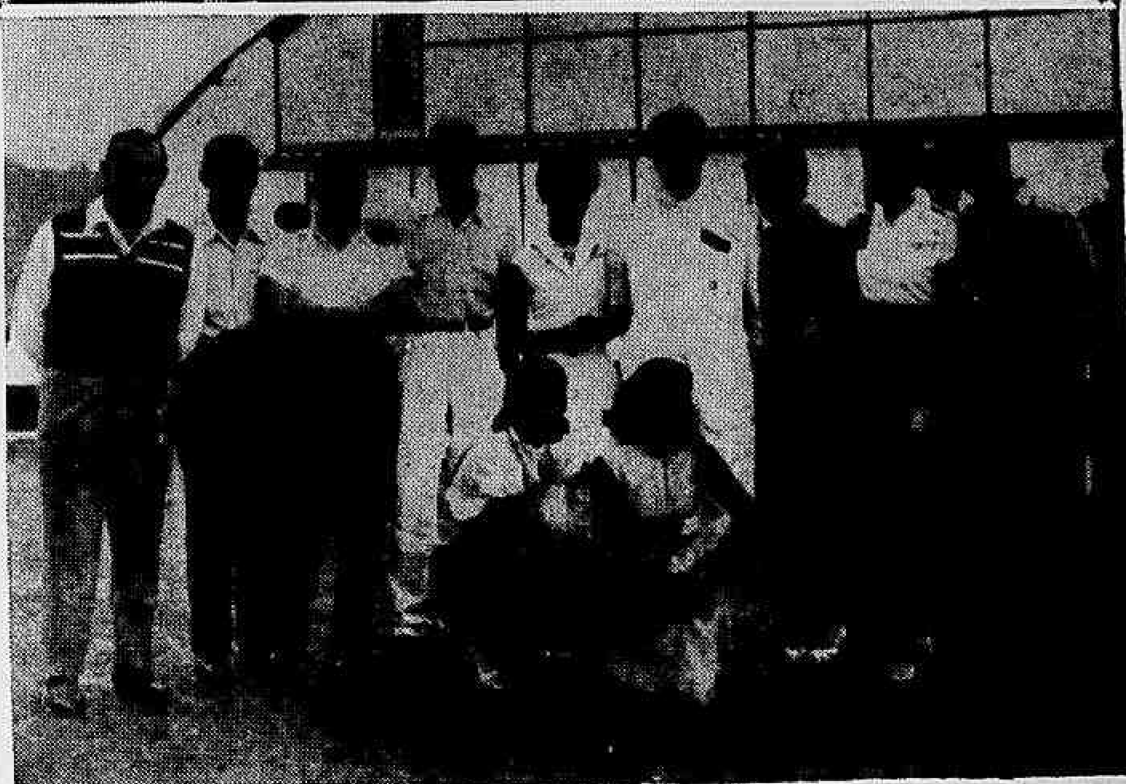




O Hangar "Jorge Kamil" — construído pelo aviador civil que lhe empresta o nome — enriquece atualmente o aeroporto da cidade de Carangola. No canto — ao alto — o mesmo é visto com as portas abertas.

A inauguração do Hangar "Jorge Kamil", erguido no aeroporto da cidade de Carangola, foi uma das festividades de acentuado relêvo realizadas durante a semana da VIII Exposição. A bonita construção, idealizada e levada a efeito pelo grande entusiasta da aviação que é o Sr. Jorge Kamil, foi solenemente inaugurada no penúltimo dia do certame pelo Deputado Euvaldo Lodi, presentes autoridades civis e militares e numerosa massa popular, bem como diversos aviadores que participaram de uma revoada em homenagem ao importante acontecimento. O Sr. Jorge Kamil, que é comerciante e também é aviador-civil dos mais competentes, numa bela demonstração do seu espírito progressista e do seu amor à aviação e à terra a que se radicou há muitos anos, dotou Carangola de um moderno hangar, construído em linhas sóbrias e elegantes, que possibilitará, sem dúvida, o desenvolvimento da aviação, atraindo a atenção e despertando o entusiasmo de quantos se interessam pela navegação aérea. Carangola ficará devendo ao Sr. Jorge Kamil êsse assinalado serviço, e não foi sem razão que o desinteressado realizador se viu envolvido pelos aplausos sem conta que lhe chegavam de todos os lados. Abrindo a cerimônia inaugural, falou o vice-prefeito da cidade, Sr. Antônio Átila Ramos Brandão, que saudou o Deputado Euvaldo Lodi e enalteceu a magnífica realização do Sr. Jorge Kamil, ali representada pelo hangar que lhe tomou o nome. Discursou o paraninfo da solenidade, felicitando vivamente o realizador da esplêndida obra, cortando a seguir a fita simbólica que abria aos serviços aéreos o importante empreendimento. Essa foi uma das cerimônias mais expressivas que marcaram o transcurso da VIII Exposição Agropecuária e Industrial de Carangola, dando indiscutivelmente maior brilho e realce às suas festas comemorativas, ao tempo em que proporcionava ao município mais um destacado elemento de progresso e mais um fator inequívoco da sua expansão e da sua grandeza.





Na foto de cima — O Sr. Jorge Kamil (de branco), em companhia do Deputado Euvaldo Lodi e do Prefeito de Carangola, momentos antes da inauguração do Hangar. Na gravura de baixo — Pessoas amigas do Sr Jorge Kamil, residentes do Rio de Janeiro, posam em companhia do estimado homem de negócios, em frente ao belo e amplo Hangar "Jorge Kamil".

A SAÚDE DO BEBÊ

REGIME AOS 11 MESES

DR. SABÓIA RIBEIRO

É aos 11 meses que a criança já deve estar completamente desmamada.

Antes, já iniciado o desmame ao 5º ou 6º mês, estará ela preparada para isso, com as «sopinhas», cuja finalidade é proporcionar à criança certos elementos, que no leite não são encontrados em quantidade suficiente e também prepará-la, aos poucos, para **comida de prato**, à idade de 11 meses.

Vejamos mais algumas dessas sopinhas, que para não alongar demasiado deixamos de detalhar em artigo anterior:

Sopa de cereais: 100 gramas de carne magra de vaca; 1/2 litro de água. Deixar ferver até reduzir a metade, e engrossar com semolina, maizena, araruta, tapioca, etc., até obter um pirão ralo (coser a farinha 5 a 10 minutos). Salgar.

Dar esta sopinha no horário das 10½, 2, ou 17½ (do 5º e 6º mês).

Sopa de creme de aveia: Farinha de aveia (cosimento rápido), 7 colheres das de chá; manteiga, 1 idem; água ou caldo, 200 gramas.

Derrete-se a manteiga a fogo brando até fazer espuma, ir juntando a farinha, mexendo com colher de pau, até a massa ficar marron; juntar o caldo, salgar. (Conveniente usar uma caçarola esmaltada).

Pode-se aumentar a consistência dessa sopinha, juntando uma papa de banana crua, maçar alada, massa de biscoito, suco ou polpa de tomate. (ao 5º e 6º mês).

Eis o esquema alimentar aos 11 meses:

O horário de alimentação, nessa idade, é 4 em 4 horas. — 7 — 11 — 15 — 19 horas.

A primeira refeição é, essencialmente, leite.

Ou o leite com acompanhamento de pão ou biscoito ou féculas, ou como mingau farináceo, como na seguinte fórmula: água — 225 gramas; farinha — 3 colheres de chá; açúcar — idem. Coser 5 minutos e acrescentar 8 medidas de um leite em pó integral.

A segunda refeição, às 11 horas: Sopa, caldo de feijão ou lentilhas, carne cozido e moída, bife mal assado, raspado (cêrca de 50 gramas). E também frango desfiado, peixe cozido, pirão de fígado, timo, miolo, macarrão, arroz, mandioca féculas (batatas), todos os legumes. Lembre-se, ainda, uma salada de tomate com azeite e caldo de limão.

Às 15 horas: frutas cruas da estação com pão, biscoitos desmanchados em papinha.

Às 19 horas: sopa, ou como no almôço.

Algumas crianças exibem um grau de anemia acentuado e para as quais há necessidade de um regime diferente, mais especializado a seu próprio estado.

Aproveitaremos para traçar, a seguir, um tipo de regime para tais crianças, regime — convém acrescentar — que não será mantido indefinidamente, sendo até que se obtenham os resultados desejados e então continuado por algum tempo.

Regime para lactente anêmico:

1ª refeição: papa de torradas em leite e açúcar (4%).

2ª refeição: maçã crua ou cenouras raladas, papa de legumes, puré de batata com polpa de tomates, banana assada e pão em pó (torrado). Facultativamente, um pouco de compota com pão feito pó.

3ª refeição: fígado com manteiga e farinha. Preparo: tirar a cápsula envolvente e passar 150 gramas de fígado a máquina (se necessário, espremer ainda a massa através de tamiz fino). Juntar 20 gramas de manteiga (para evitar que endureça) e afogar. Com isso, preparar também, à parte, 20 gramas de manteiga, 20 de farinha, 200 de água, fazendo uma massa, cozendo 5 minutos. Então juntar o fígado, cozer tudo com rapidez, sal, môlho Maggi. Servido só ou com um prato de legumes.

4ª refeição: como a 1ª.

5ª refeição: frutas, legumes, sopa de legumes.

O fígado nem sempre, apesar de certos ingredientes como na fórmula acima, é aceito de bom grado pela criança. O pudim de fígado visa melhorar o paladar sob uma forma mais aceitável; eis sua fórmula:

Fígado 100 gramas — Leite 100 gramas — Cacau em pó 1 colher, um pouco de baunilha e açúcar. Juntar 1 fôlha de gelatina branca dissolvida em água quente, deixando resfriar em seguida. O cacau entra para disfarçar o sabor do fígado.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

M.V. — Dê 2 vêzes leite (maizena ou outra farinha obstipante, 3 colheres das de chá — açúcar, idem — água 200 gramas; cozer 5 minutos e juntar 1 a 2 biscoitos pulverizado). Lanche de frutas cruas esmagadas, pudim de frutas com gelatina, tapioca, sagu, etc., às 15 horas. Almoço e jantar, comida sólida e sêca no prato (macarrão, letria, arroz, pirão de legumes, salada de tomates cru com azeite, caldo de feijão ou lentilha, carne, peixe, miolos, fígado, timo. Êste um regime conveniente ao eczema de seu filho.

PIANO A QUATRO...

(Cont. da pág. 23)

Gael, que já sabia de cor, a visita não podia sair.

Maria Teresa — uma verdadeira «virtuose!»

★

Mas, nesse malfadado domingo de novembro...

Maria Teresa estivera gripada; e, por isso mesmo, a «babá» fôra despedida. Um descuido imperdoável, deixá-la molhar-se daquela maneira e enxurgar a roupa no corpo!

Mas, o pior era que a menina agora andava nervosa com a ausência da «babá...» e nesse terrível domingo de novembro, estava impossível de gênio: teimosa, barulhenta, irritadiça, impertinente.

— São quatro horas, Teresa! Sai daí que eu preciso estudar; tenho exame amanhã!

Maria Teresa não sabia ainda o que era exame, e, naturalmente, não se preocupou; continuou, perseverante, tocando e repetindo aquela velha página de Gael — «Voix du coeur».

— Anda, filhinha, depois você estuda... — pediu Ana Cristina muito carinhosamente.

E Maria Teresa, muito decidida, com graça:

— O piano é muito grande, mãmaninha: você toca p'ra lá... eu toco p'ra cá, e pronto! ninguém se «apatralha».

Piano à quatro mãos...

Ana Cristina riu, mas, já meio impaciente, chegou mais perto, disposta a tirá-la do piano à fôrça. «Eu não acho graça, não, Teresa!»

Maria Teresa fêz um biquinho de emuada, mas não parou. Apenas, abaixou a cabeça e ficou olhando a irmã, com o rabo do ôlho, sorrateira.

— Eu fecho o piano, hein, Teresa!

— Melhor! fecha! fecha logo!.. — foi a resposta atrevida.

Ana Cristina estava seriamente aborrecida e nervosa com aquela teimosia. Sorveu uma última dose de calma. Tirou a música lentamente; dobrou, lentamente, a régua da estante; moveu a tampa do piano para fechá-lo...

Então, quis o destino fôsse aquêle o trágico momento: a tampa, pesada, escapuliu de sua mão, batendo em cheio, brutalmente, sôbre os dedinhos de Maria Teresa.

Um grito de dor sôbre um acorde dissonante e louco, abriu caminho ao chôro convulsivo que transtornou logo o rostinho de Maria Teresa.

Seus lábios tremiam assustadoramente, enquanto as lágrimas corriam ensopando-lhe o vestido; e sapateava aflita; e sacudia as mãos martirizadas, gritando, impaciente: «ai... ai... ai... meu Deus... ai, mãmaninha...

Êsse grito desesperado, de alguns minutos, ficou pregado na vida de Ana Cristina.

★

Foi uma correria tremenda para a farmácia.

Maria Teresa soluçava ainda, quando voltou para casa nos braços de «mãmaninha...» Os olhos estavam vermelhos e inchados; o narizinho, fungando, vermelho e inchado também. As mãos enroladas em gaze...

★

A noite foi terrível ! As mãos incharam; soltaram febre e delírio; arroxearam; ameaçaram tétano; deformaram Maria Tereza.

Duas pequeninas unhas, então, estavam tão encravadas, tão sumidas, tão pavorosas...

Ana Cristina não poude dormir; atenta, amargurada, com o coração pequenino apertando-lhe a alma em desespêro.

E quando o médico voltou, altas horas, e deu a notícia aterradora... Ana Cristina quase desmaiou.

O tétano estava rondando, muito perto... ameaçador! Levaram-na para uma Casa de Saúde; o braço inchando... inchando...

Foi preciso operar aquelas mãos de artista!

Horas longas, aquelas, de pavor, amargura, lágrimas, desalento...

Ana Cristina rezava chorando, sem coragem de sofrer outro golpe maior. E tudo fôra por culpa sua! exclusivamente sua!

★

Maria Teresa resistiu à operação. Milagre? Talvez...

Depois de um tratamento intenso, longo, torturante, voltou para casa. Já não tinha aquela expressão magoada de quem sofre.

FAÇA EM CASA
O TRATAMENTO DE
BELEZA DOS SEIOS



Pasta Russa

Conserva e dá aos seios, firmeza, perfeição e encanto. PRÁTICO, DISCRETO, EFICIENTE
Garantia absoluta, comprovada em famosos institutos de beleza. Nas drogarias, farmácias e perfumarias. — Distribuidores Araújo Freitas & Cia.

COMO APRENDER A DANÇAR
4ª EDIÇÃO AMPLIADA

TANGO SWING BOLERO BAIÃO RUMBA CONGA VALSA MARCHA SAMBA FOX-TROT SAMBA LISO

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

SENHORAS E SENHORITAS

que amam a praia...

Não deixe que a queimadura do Sol, roube a sua maior atração. A beleza de sua pele. Queime-a, porém, mantenha-a sempre fresca, acetinada e juvenil. A Água de Junquilho, com atestado insuspeito do grande dermatologista, professor Aleixo de Vasconcellos, corrige e evita as sardas e manchas da pele, principalmente os chamados «pigmentos», parasitas que tiram a graça aos ombros e braços das nossas sereias. As espinhas, cravos, acnes e dilatação dos poros desaparecem com o uso da maravilhosa Água de Junquilho, que previne, trata e preserva a pele dos males próprios. Nas farmácias, drogarias e perfumarias. — Distribuidores Araújo Freitas & Cia.

Seu rostinho foi ficando, de novo, alegre e rosado... Seus olhos tinham trejeitos gaiatos, que quase faziam esquecer aquêle sofrimento tão grande, e tão próximo ainda. Já andava pela casa tôda, quase feliz como fôra; rindo, brincando, na inocência da sua desventura... só as suas mãos de sêda esperavam, ainda, a última palavra da ciência.

★

Aquilo parecia não acabar mais! banhos de luz, massagens vibratórias, choques elétricos, ginástica específica... — o diabo! — numa sucessão interminável e acabrunhadora, para restituir às mãos de Maria Teresa a mobilidade natural.

Lá se foram dois anos de tormenta! o remorso roenda a consciência de Ana Cristina; a tristeza queimando-lhe a alma, como um corrosivo permanente. O médico foi espaçando suas visitas; e, com bondade, preparando o ambiente para, afinal, dizer, cauteloso, «que não adiantava mais tentar qualquer coisa; ainda fôra uma sorte, ter salvo a menina...»

★

Ana Cristina puxou, mais uma vez, o lencinho de cambraia e enxugou os olhos — que as lágrimas já não podiam mais esperar...

O ônibus estava chegando. Ela ia descer... entrar em casa... Ia encontrar uma linda garôta de quatorze anos: Maria Teresa! Ia ver os dois maiores tormentos de sua vida: o piano, há dez anos fechado; traste inútil, mudo, firme como uma irônica esperança de melhores dias... e as mãos martirizadas de Maria Teresa; maravilhas inúteis, mudas para sempre, como duas irremediáveis cicatrizes do Destino.

PATRIMÔNIO

(Cont. da pág. 26)

para outro, e êles viram que não podiam deixar de se casar — e o quanto antes! Dito e feito. Casaram-se. Êle continuou no balcão. Depois o pai morreu e Sebastião ficou sendo o dono. Não fizera alterações. «O pessoal de N.. não gosta de inovações». E o estabelecimento continuava igual. Colado internamente no vidro dum armário, aparecia uma gravura colorida, representando uma mulher sorrindo: era um anúncio da exposição internacional de St. Louis, de 1904...

E êle estava ali, a dois passos da velhice, como eu. Durante êsse período, vivera como não é difícil adivinhar: uma vida simples e uniforme, alicerçada numa situação estável. Casara-se e do matrimônio resultaram, além de muitas preocupações e alegrias, um bando enorme de filhos — diretamente responsáveis pelas suas preocupações e alegrias. Já tinha uma filha casada e o mais velho estava na Capital, estudando para médico. Outra filha estava noiva e ia se casar para o mês.

Perguntei-lhe:

— E o futebol?

Ao que me respondeu:

— Sou o presidente do Invictos Futebol Clube.

Sorri com bonomia e indaguei dêle ainda:

— E teus filhos? Jogam?...

Sua fisionomia exprimiu uma grande tristeza. Os olhos cerraram-se, a testa juncou-se de rugas e até palidez pude notar quando êle disse, como se confessasse uma grande vergonha, uma calamidade doméstica:

— Não... Nenhum joga... Nenhum!

III

Depois fui conversar — conversar diz melhor que vender — com o tio de Elisa, o sr. Juvenal, homem de queixo grande e pontudo e de orelhas redondas como dois semicírculos. Não me reconheceu logo.

— Sou aquêle rapazinho que namorava a Elisa, lembra-se? O filho de

(Cont. na pág. 46)

Respostas ao teste

1—Interjeição
2—Conversa íntima entre marido e mulher
3—Pé da flor ou do fruto
4—Na tipografia
5—Na coxa
6—No sertão nordestino
7—Rábula
8—Saguão
9—Tabagismo
10—Espécie de clava
11—Chicote
12—Criado de navio mercante
13—Leito conjugal
14—Talassografia
15—Mineral.

À LUZ DA PSICANÁLISE

AMOR DE VELHO

DR. LUIZ FRAGA

Raul Lopes é meu cliente desde 1949. Homem inteligente e culto, conta 61 anos de idade e é solteiro, melhor dizer: solteirão. Tem recursos financeiros, um automóvel de luxo e um bom apartamento em Copacabana. Veste-se bem e a sua aparência física agrada. Freqüenta os lugares chiques, é sócio dos melhores clubes e freqüentador da Praia de Copacabana.

Raul Lopes gosta de conquistar e agora está de amôres com uma pequena de pouco mais de 20 anos.

RAUL LOPES — Agora estou apaixonado. Estou amando. A pequena, além de bonita é prendada e de boa família. Estou amando sèriamente, doutor.

MÉDICO — Por que não se casa?

RAUL LOPES — Não. Sou, positivamente pelo celibato. Acho que o celibato, em meu caso, é uma previdência e quase pureza.

MÉDICO — O celibato, em vez de constituir pureza, é, ao mesmo tempo, o veículo da corrupção, o escândalo do mundo e o suicídio do gênero humano.

RAUL LOPES — E' uma opinião um tanto bíblica, que não me convence. Gosto da pequena, e ela gosta de mim. Poderei fazê-la feliz e ela a mim.

MÉDICO — Será o princípio de sua ruína.

RAUL LOPES — Tenho uma grande experiência. O senhor tem a sua psicanálise. Eu tenho as lições de hoje e as do passado. Edificarei a minha vida com os exemplos do passado.

MÉDICO — O futuro não é o produto mecânico do passado. Cada momento presente é único, em sua idade; logo será único, também, cada momento futuro.

RAUL LOPES — Filosófico, não há dúvida. Mas, no mundo, o mais apto vencerá sempre.

MÉDICO: — O homem não é o brinquedo mecânico duma luta sórdida e inexorável pela sobrevivência do mais apto. A vida não é um produto de leis mecânicas, como um rio, levado pela fôrça da gravitação. As sensações têm uma ação bem mais decisiva do que o senhor pode pensar. No que toque, porém, à felicidade, a natureza é avara: dá o amor como a luz do sol, a todos; e o gênio, como a presença de Deus, a alguns.

RAUL LOPES — Acha então o doutor que as sensações podem ser amigas ou inimigas...

MÉDICO — ...combate-se o inimigo, renovando as fôrças após cada derrota; um inimigo que volta incessantemente, que se insinua, que lisonjeia, que embriaga... surgem os vícios, e uma vez debaixo de seu império, é mister caminhar com êle, senti-lo ao lado, senti-lo no fundo do coração, na medula; lutar ou amar corrupção. Surgem, assim, os hipócritas. Eis a sorte dos homens que, como o senhor, revoltados contra as santas leis da existência, falando em experiência são devorados por essas experiências. Em princípio, êsse amor de que o senhor me fala é quase impossível porque desaconselhável. Não se apostam corridas com crianças, quando se tem a sua idade. Em plena estrada, quanto mais entusiasmo tiver o competidor, no caso, os quarenta anos de diferença, mais cansaço e desânimo terá o outro. Não o aconselho a tornar-se monge. Aconselho-o, entretanto, a não confundir desejo e vaidade com amor. Não se assuste com a gravidade de minhas palavras. Admire antes como esta questão se apresenta claramente à inteligência: prova certa de que ela não é superior ao juízo da razão. Leia Maurois, em seu belo capítulo: "a arte de envelhecer". Aprenda a colocar as coisas em seu lugar.

CORRESPONDÊNCIA

Geraldo — D.F. — Meu consultório é Rua Senador Dantas, 76 — 4º andar.

Curioso e S.F.G. — Minas Gerais — Aguardem. Seguiu pelo correio.

Elyseu Costa — D.F. — O seu caso é curável. Venha ao meu consultório.

COUPON

Nome ....
Pseudônimo: ....
Data do nascimento ....
Estado civil: ....
Profissão: ....
Residência ....

VARIZES E HEMORRÓIDAS
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
NAS FARMÁCIAS
Usar durante três meses.



Harold leva sua "Dot" e transpõe a soleira de seu novo lar, seguidos de Mrs. Doris Toe, irmã do noivo. Êles não escondem a imensa alegria, que, dentro de sua pequenez física, sentem no coração.

O MAIOR DIA DE UM ANÃO



O beijo dos anões é igual ao dos "gigantes," como vemos na cerimônia em Doncaster Register Office.

HAROLD Woodcock é um cidadão de cinqüenta e um anos de idade e que, por motivo de mau funcionamento glandular, só cresceu até três pés e sete polegadas. Mas tudo se manteve em funcionamento absolutamente normal, como se fôsse êle uma pessoa sem qualquer complicação. Entretanto, muitas vêzes o bom anão sentia desgôsto de sua estatura, pois os empregos a que se candidatava não lhe eram confiados. Dizem que tamanho não é documento; mas, às vêzes é. Mr. Woodcock, pela pequenina estatura, deixava de colocar-se, apesar de todos os demais documentos que exibia. Mas lhe faltava o essencial: o tamanho. Um dia êle viu uma anãzinha. Era a senhora Goodwin, viúva e com cinqüenta janeiros também. Uma simpatia irresistível os en-



Ao deixarem o Registro Civil, para Taylor Street, os noivos recebem uma chuva de pétalas dos amigos.



Na hora de cortar o bôlo, seguram a faca trepados em banquinhos como se fôssem duas crianças felizes.

laçou. Namoraram, deram umas voltinhas pela cidade em que viviam e êle a pediu em casamento. Mrs. Goodwin passou a ser tratada familiarmente de "Dot", apocorístico mimoso de quem se chama Dorothy, lá pela Inglaterra. E "Dot" se casou com Mr. Harold Woodcock. Ela era casada com um artista de circo, e perdera seus pais quando tinha apenas doze anos. Seus irmãos em número de doze, entre homens e mulheres, lhe deram papéis no palco. O seu atual espôso, depois de muito lutar, se firmou na vida, e é hoje comerciante, possuindo belo "bungalow" em Taylor Street, Thurnscou, Golothorpe, Rotherdam, Yorks. A mobília é de tamanho e estilo comum. Ela faz os trabalhos domésticos como qualquer mulher de estatura normal. E agora são felizes!



Antes de seguirem para sua residência, posam para os fotógrafos, ante a curiosidade das crianças.



MUNDAÚ
A ENTERRADA VIVA!

Fotos de GILBERTO VALE



O vento tange o areal. E realiza coisas que parecem incríveis. Dá um aspecto diferente à paisagem, soterra coqueiros e faz lagos de água salobra.



A orla marítima do nordeste brasileiro tem uma peculiar fisionomia. Longos trechos de vegetação luxuriante circundam as regiões de mangue. Filas de coqueiros esguios irrompem do areal dando às praias nordestinas uma beleza sem par.

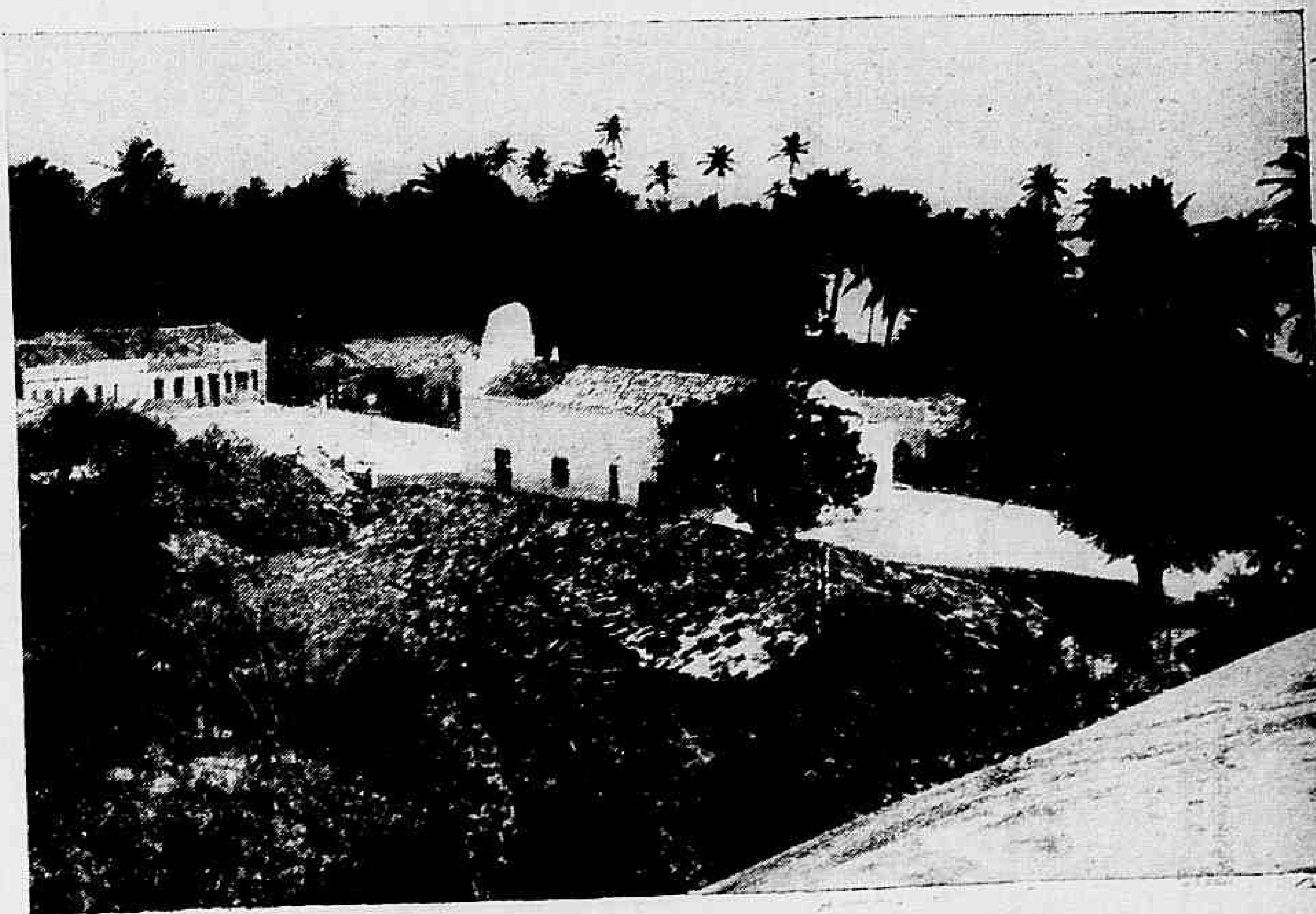
Mundaú é uma vila do litoral cearense. Vila calma, onde habita uma população pacata e hospitaleira. Situada a 180 quilômetros no oeste de Fortaleza, a pequenina vila parece que se esconde por entre o coqueiral, debruçando-se à beira-mar. Há, porém, na vida dêste lugarejo praiano a desdita de um flagelo. Periòdicamente os ventos, açoitando o areal, envolvem-na numa camada de enormes dunas. O branco lençol de areia movediça soterra tudo. A intrépida Mundaú já por duas vêzes ficou soterrada, e sempre ressurgiu. São-lhe os vendavais de areia um constante pesadelo.

Isto era um sítio de coqueiros e outras plantações. A estranha inundação de areia cobriu quase tudo. Sete coqueiros ainda não foram cobertos.

Aqui uma das dunas que são formadas pelas típicas areias movediças do Nordeste. Esta avança sôbre Mundaú.

O problema da areia movediça continua desafiando a técnica moderna. O govêrno brasileiro mantém um serviço permanente de fixação de dunas, sem embargo importante para casos como os de Mundaú. O fenômeno não é só de uma região, mas estende-se a várias partes do litoral nordestino. São verdadeiros morros de areia que se deslocam formando novas elevações sob a ação violenta dos ventos. As nossas dunas do Leblon são meros montículos diante daquelas que afogam plantas, casas e haveres. Mundaú é, apenas, um exemplo entre muitos, com sua paisagem aprazível, sua deliciosa água de côco, sua pejada e seus camarões. E' como a alma do povo: resiste a tudo para poder sobreviver sempre.

Assim é Mundaú.



Esta vista paradisíaca é a Vila de Mundaú. Em baixo, à esq., vê-se a duna que avança sôbre ela.



ÚLTIMO FLASH

TRAFEGAR e estacional constituem os mais sérios problemas para quem tem automóvel no Rio. No tráfego, a grande preocupação de quem dirige não é apenas a de não "bater"; porém, sobretudo, a de não ser "batido". E o estacionamento, então, é questão ainda mais grave. Onde encostar o carro?

Obtido um canto para nêle ficar, ainda assim o veículo, embora livre de "bater" — é claro — não está, porém, livre de "ser batido". Um exemplo. E que grande e curioso exemplo:

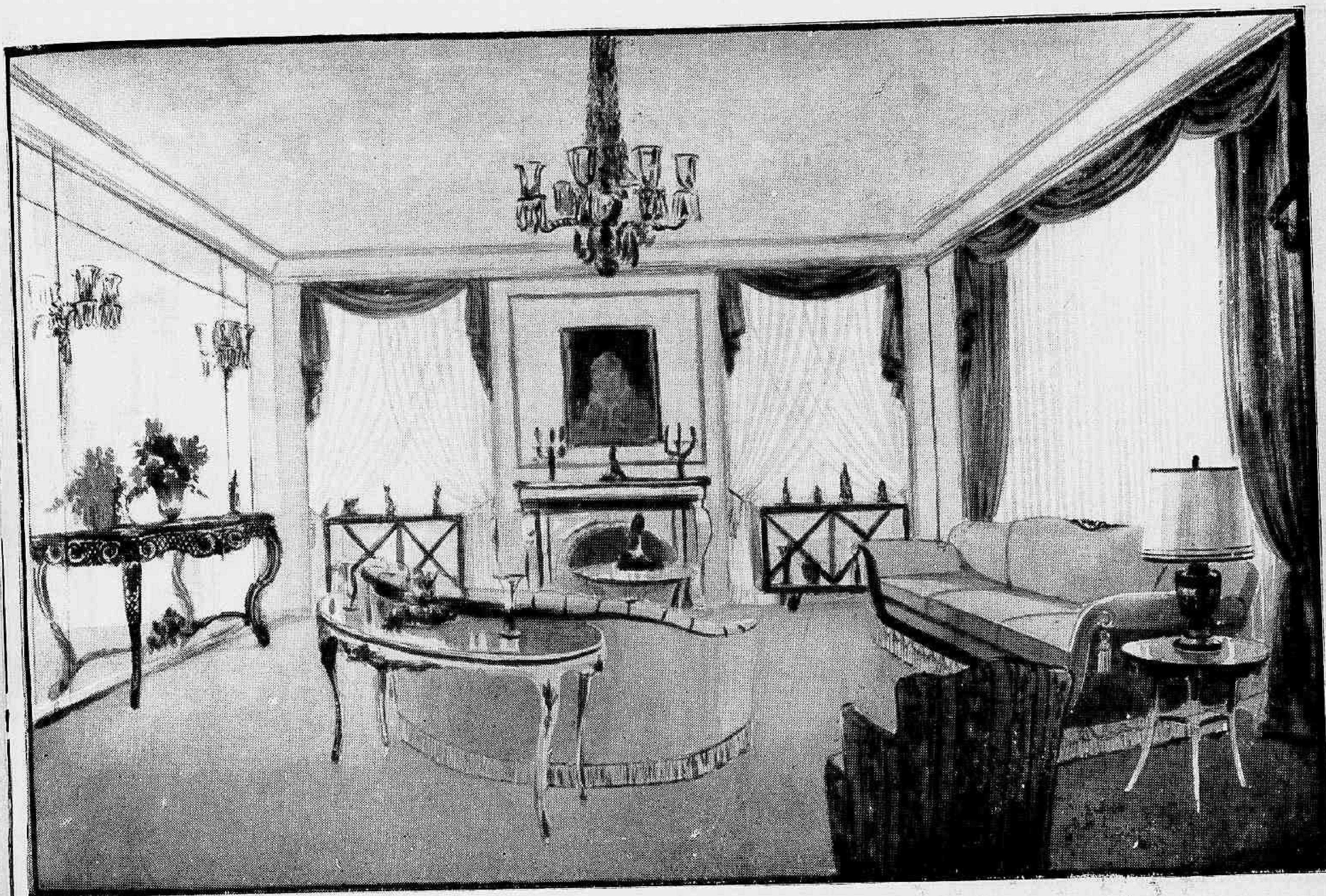
Numa das ruas centrais do Rio, havia um muro junto ao qual diversos carros ficavam quietos durante o dia.

Mas o muro ruiu. E aí está uma batida "coletiva", de cima para baixo, sôbre seis autos estacionados. Não houve vítimas, ou melhor, sòmente os carros ficaram feridos.

O acidente ocorreu em pleno dia, durante o horário de trabalho. Ouviu-se um enorme ruído acompanhado de um baque característico dos desabamentos.

Dentre todos, ao que nos consta, sòmente um dos veículos estava segurado. E no dia seguinte, agora com maior segurança, novos carros vieram ocupar aquêle espaço, já sem o muro e, conseqüentemente, sem a preocupação dos cães quando utilizam as paredes...

MÓVEIS E DECORAÇÕES



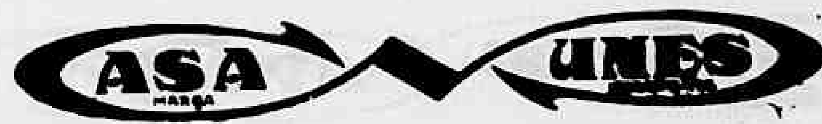
TAPÊTES e

PASSADEIRAS de FORRAÇÃO

durante as obras
a PREÇOS DE ARRAZAR!

GRUPOS ESTOFADOS

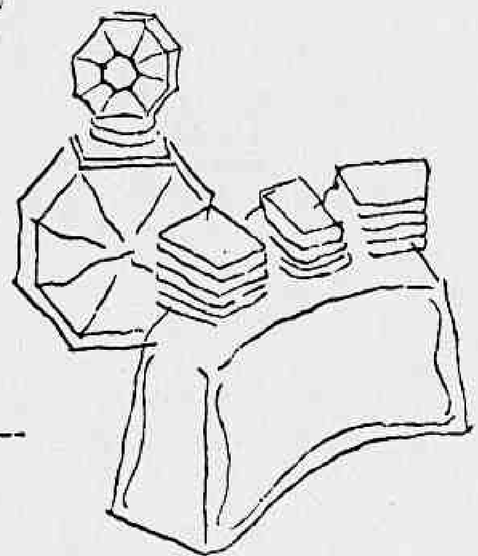
especialidade de nossas oficinas



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

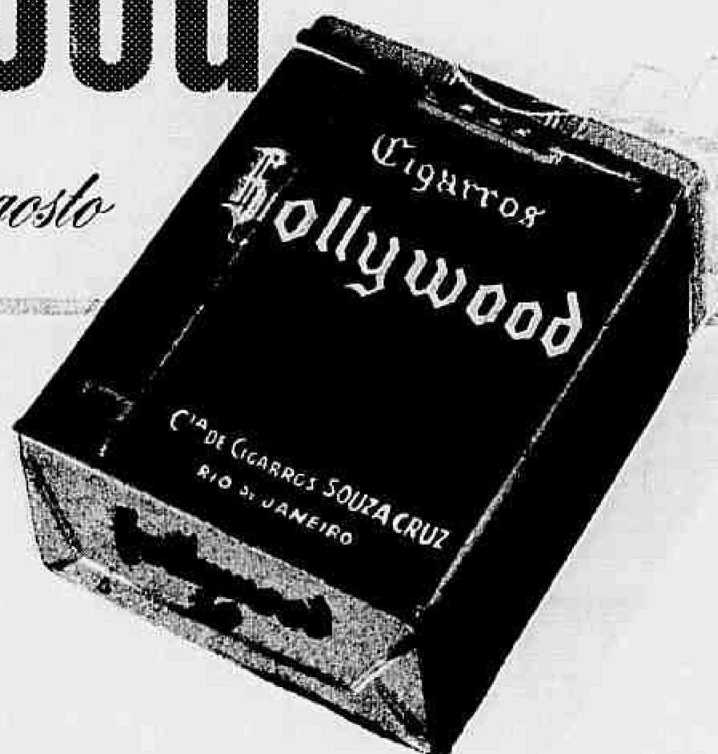
Uma legítima consagração...

O apurado bom gosto de uma elite consagrou os perfumes francêses como os mais finos e raros... Esse mesmo agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegância, deu aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.153